

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

JANAÍNA BALBINO LIZARDO

A LEITURA FILOSÓFICA DOS CLÁSSICOS: VICO, A FILOSOFIA
MODERNA E A INSTAURAÇÃO DA FILOSOFIA DA ARTE

UBERLÂNDIA
2010

JANAÍNA BALBINO LIZARDO

A LEITURA FILOSÓFICA DOS CLÁSSICOS: VICO, A FILOSOFIA
MODERNA E A INSTAURAÇÃO DA FILOSOFIA DA ARTE

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação de Filosofia da
universidade Federal de Uberlândia, para a
obtenção do título de mestre.

Linha de Pesquisa: Filosofia Social e
política.

Orientador: Prof. Dr. Humberto A. de O.
Guido

Uberlândia
2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L789L Lizardo, Janaína Balbino, 1974-

A leitura filosófica dos clássicos: Vico, a filosofia

moderna e a instauração da filosofia da arte / Janaína Balbino

Lizardo. - 2010.

98 f.

Orientador: Humberto A. de O. Guido.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Filosofia.

Inclui bibliografia.

1. Vico, Giambattista, 1668-1744 - Teses. 2. Filosofia
moderna - Séc. XVIII - Teses. 3. Poesia italiana - Séc. XVIII
- Teses. 4. Teoria do conhecimento - Teses. I. Guido,
Humberto, 1963- II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-graduação em Filosofia. III. Título.

CDU: 1(4/9)

JANAÍNA BALBINO LIZARDO

A LEITURA FILOSÓFICA DOS CLÁSSICOS: VICO, A FILOSOFIA
MODERNA E A INSTAURAÇÃO DA FILOSOFIA DA ARTE

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação de Filosofia da
universidade Federal de Uberlândia, para a
obtenção do título de mestre.

**Área de concentração: Filosofia Social e
Política.**

Uberlândia, 19 de março de 2010

Banca examinadora:

Profº. Drº. Adriano Machado Ribeiro (USP)

Profª. Drª. Joana L. Muylaert de Araújo (UFU)

Profº. Drº. Humberto A. de O. Guido (Orientador)

*À linha do Tempo que no horizonte realiza o humano pelo toque do céu na terra e desta no universo. Ao sustento da memória, ao sonho mantenedor da razão e ao presente alimento do Tempo - precursor da Humanidade. **Sobretudo, aos que a ousam cotidianamente.***

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, especialmente à CAPES/UFU pelo subsídio, ao CEVio/UFU pelo apoio inicial e possíveis reflexões; especialmente ao professor, orientador e amigo Humberto Guido que contribuiu significativamente no percurso, nos resultados finais e na criação de horizontes futuros. Aos professores, também amigos, integrantes da banca e participantes especiais dos caminhos aqui apresentados em fragmentos, Adriano Ribeiro, Joana Muylaert; à professora Marisa Gama pelo carinho e receptividade em suas aulas no mestrado de literatura/UFU – pela amizade em curso.

À minha família pelo apoio, amizade, diálogo e riqueza da ousadia cotidiana na determinação real de uma nova ética – farol em minha vida. Especialmente para Antenor Lizardo Gonçalves (in memoriam), Carmem Lúcia F. Balbino, Frederico Balbino Lizardo e Daniela Cristina Silveira.

Aos amigos que elucidam o significado possível dos fazeres humanos e da continuidade da vida, especialmente Paulo Machado, Eduardo Wanderley, Aldo, Eliana, Cleudemar, Tony Fernandes, Adriane, Ciro, Maria do Carmo, Ana Cris, Carol e Sandra.

Pelo diálogo sempre presente, pelo abstract e ousada solidariedade constante Alex Muniz; pelos questionamentos instigantes, coragem, amizade e revisão do texto Viviane Oliveira Macedo.

“Minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem de grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite”.

(Clarice Lispector)

RESUMO

Esta dissertação é o resultado do trabalho de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia Moderna e Contemporânea da Universidade Federal de Uberlândia; o trabalho está inscrito na Linha de Pesquisa “Filosofia Social e Política”. O tema da pesquisa foi a investigação do conceito de sabedoria poética na obra magna de Giambattista Vico (1668-1744). A formulação do problema da pesquisa permitiu uma breve investigação sobre o contexto filosófico com o qual as obras de Vico travaram o debate relativo à formação da sociedade civil, mas, sobretudo do homem que a constitui. O filósofo napolitano percorre a história da filosofia e se propõe a descobrir a verdadeira sabedoria dos antigos a partir do seu método aqui elucidado. Este tópico da pesquisa é contemplado no segundo capítulo, onde se discute os argumentos de Vico a respeito da sabedoria humana nos tempos obscuros e fabulosos. O terceiro capítulo apresenta a aplicação do método de investigação filosófica-filológica de Vico, que embasado no conceito de sabedoria poética analisa a sabedoria de Homero, ou, a descoberta do verdadeiro Homero. Em suma, a dissertação permite o aprofundamento da discussão dos pressupostos filosóficos da História das Nações que podem ser conhecidos com a abordagem das fábulas, que foram responsáveis pela preservação das primeiras idéias humanas nascidas no mundo da gentilidade.

Palavras-Chave: *Giambattista Vico, Filosofia Moderna, Teoria do Conhecimento, Poesia.*

A B S T R A C T

This dissertation is the result of research work linked to the Graduate Program in Modern and Contemporary Philosophy of the Federal University of Uberlandia, the work is embodied in the Research Line "Social and Political Philosophy." The theme of the research was to investigate the concept of wisdom in poetic magnum opus of Giambattista Vico (1668-1744). The problem formulation of the research allowed a brief investigation of the philosophical context in which the works of Vico caught the debate on the formation of civil society, but especially the man who is. The Neapolitan philosopher runs through the history of philosophy and aims to discover the true wisdom of the ancients from its method elucidated here. This research topic is covered in the second chapter, which discusses Vico's arguments about the wisdom of men in dark times and fabulous. The third chapter presents the method of philosophical-philological of Vico, that based upon the concept of poetic wisdom examines the wisdom of Homer, or the discovery of the true Homer. In short, the dissertation allows further discussion of the philosophical assumptions of the history of nations that can be known with the approach of fables, which were responsible for the preservation of the first human ideas born in the world of gentility.

Keywords: *Giambattista Vico, Modern Philosophy, Theory of Knowledge, Poetry.*

LISTA DE ABREVIACOES

Or. I... VI	<i>Orazioni inaugurali</i> (1699-1707)
De Rat.	<i>De ratione</i> (1709)
De Ant.	<i>De antiquissima</i> (1710)
Sin.	<i>Sinopsi del Diritto universale</i> (1720)
Du	<i>Diritto universale</i> (1720-1722)
Sn25	<i>Scienza nuova</i> (1725)
Vita	<i>Autobiografia</i> (1728)
Vici Vind.	<i>Vici Vindiciae</i> (1729)
De mente	<i>De mente heroica</i> (1732)
Sn44	<i>Scienza nuova</i> (1744)
Epist.	<i>Lettere</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ----- p. 11

CAPÍTULO I: FRAGMENTOS DAS BASES VIQUIANAS: A MODERNIDADE, O RACIONALISMO E A NOVA CIÊNCIA

1.1. A Modernidade ----- p.21

2.1. Descartes -----p. 25

3.1. Giambattista Vico e a teoria do conhecimento cartesiano ----- p.29

CAPÍTULO II: A SABEDORIA DOS ANTIGOS: CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA SABEDORIA POÉTICA

2.1. Os fundamentos da natureza humana e as origens do mundo das nações ----- p. 38

2.2. A sabedoria poética: a arte como expressão do mundo das nações em suas origens----- p.45

CAPÍTULO III: A FALA MÍTICA: CICATRIZ EPISTEMOLÓGICA DO ESTATUTO HUMANO (Estudos do Livro Terceiro: “Da Descoberta do Verdadeiro Homero”) ----- p. 60

3.1. Sobre o Caráter não Filosófico de Homero -----p. 61

3.2. Da idade de Homero -----p. 66

3.3. Da inatingível Faculdade Poética de Homero -----p. 68

3.4. Provas Filosóficas para a Descoberta do Verdadeiro Homero ---p. 70

3.5. Provas Filológicas para a Descoberta do Verdadeiro Homero -- p. 80

CONSIDERAÇÕES FINAIS (Dos possíveis significados da narrativa) ---- p.86

BIBLIOGRAFIA

1. As Obras de Vico ----- p.93

2. Obras complementares ----- p.95

INTRODUÇÃO

O filósofo italiano Giambattista Vico (1668-1744) foi o responsável pela renovação dos estudos históricos em um período que o juízo dos filósofos era amplamente desfavorável ao que diziam ser a tradição¹. Vico considerou criticamente os parâmetros da reta razão que norteou a filosofia do século XVII, demonstrando seu propósito de inserir a História na esfera da ciência moderna; e, assim, apresentou uma nova via para a ciência social através de um estatuto próprio, apoiado nas peculiaridades da condição humana.

O ambiente cultural dos começos da Modernidade – século XVII – era dominado pela ciência natural, o que significava afirmar que somente a natureza poderia ser útil à comunidade humana, seja pela exploração dos recursos naturais em benefício da indústria, seja pela observação atenta da dinâmica da natureza para a regulação dos assuntos humanos. Até mesmo o direito deveria abrir mão da tradição representada e compreendida pelos direitos romano e canônico da Igreja católica. O estabelecimento da razão natural deveria valer para todas as áreas do conhecimento humano, servindo de apoio para a nova ordem que prescindia da exclusão da História para que a humanidade adentrasse um período propriamente humano, civilizado. Vico divergiu desta orientação e insistiu no motivo humanista, permanecendo no esforço por demonstrar que a fonte dos erros não é a História, mas as duas presunções eternas: a das nações e a dos doutos (*Sn44*, § 123). A hereditariedade da conduta humana não está em um pacto fundador da sociedade humana, tal ato é por demais abstrato para a mente infantil dos primeiros homens, os infantes do gênero humano. O direito, a economia, a política e a moral originaram-se do comportamento ferino dos primitivos – elucidados no primeiro capítulo – e não da mente legisladora de um demiurgo. Vico entendia que os reis lendários foram os primeiros pais de família, as potestades paternas – isto é, as representações da divindade, o elemento agregador das primeiras comunidades porque o elemento legislador e ordenador – que criaram os primeiros abrigos da terra, tendo ali se estabelecido e passaram a ter mulheres certas e, com elas, filhos certos, dando origem aos domínios humanos do mundo

¹ Vários intelectuais e historiadores da Filosofia reservam o lugar de precursor moderno da ciência histórica e responsável pelo surgimento da filosofia da história, dentre eles merece menção Gueroult (1984) e Michelet. Este último foi quem introduziu Vico na historiografia francesa ainda no século XIX, tendo sido também o seu tradutor. Com certo exagero, Michelet decidiu alterar o título da obra magna de Vico, a *Sn44*, vertendo-o para o francês da seguinte maneira: *Principes de la Philosophie de l'Histoire*. No entanto, esta alteração quis expressar a sua admiração pelo filósofo italiano, que segundo Michelet só poderia ser compreendido pelos homens do século XIX, o que justificaria a indiferença dos contemporâneos de Vico (MICHELET, 1963, p. 11).

sem lei (*Sn44*, § 13). As origens da sociedade civil não podem ser buscadas na mente dos filósofos, até porque eles não existiram durante a barbárie, tais origens encontram-se conservadas nas fábulas dos deuses e dos heróis. Este foi o critério para a tripartição dos tempos humanos, ou a História das Nações: a idade dos deuses, a idade dos heróis; e, finalmente, a idade dos homens.

Vico identificou no anacronismo dos jusnaturalistas o perpétuo equivoco que impede a clara compreensão do nascimento da sociedade civil. A tendência do direito natural era suprimir os fatos históricos para no seu lugar inserir uma idéia possível somente na idade dos homens. O historicismo radical de Vico (GUIDO, 2006a) era a única via capaz de explicar racionalmente a formação e o funcionamento da sociedade civil, e com ela o aparecimento das ciências, das artes e da filosofia. A razão histórica se serve, portanto, do entendimento humano e não da idéia de natureza, pois se serve objetivamente das faculdades naturais do entendimento humano: as sensações, a fantasia, e por fim, as idéias abstratas e os entes matemáticos.

A tripartição da História das Nações, mencionada acima, era descrita pelo filósofo italiano em consonância com os sucessivos estágios de desenvolvimento da capacidade racional. Assim, a idade dos deuses refere-se à história dos tempos obscuros, a idade dos heróis aos tempos fabulosos e a idade dos homens aos tempos históricos. Na apresentação da obra definitiva, a *Sn44*, Vico dizia que o seu intento era se dedicar ao que havia sido desprezado pelos filósofos: os tempos obscuros e fabulosos, sem a memória dos quais a humanidade fica vulnerável à incidência de novas barbáries. O estudo diligente das fábulas dos deuses e dos heróis não tinha, portanto, uma finalidade literária e estética já que o estudo da mitologia proporcionava a chave interpretativa para o conhecimento da gênese do pensamento humano e com ele a estrutura da sociedade civil.

A primeira dificuldade para a recepção do seu sistema da filosofia do direito² era encontrar o método específico para o estudo das fábulas, algo que requeria um novo olhar para as provas filológicas, isto é, os mitos. O estudo preconizado por Vico pode ser

² A *Sn44* foi precedida pela obra jurídica, o *DU* (1720-1722), com a qual se tornava possível o conhecimento da gênese da sociedade civil. A primeira edição da obra magna surgiu imediatamente depois da obra jurídica, em 1725 (*Sn25*); o que diferencia a obra jurídica e da obra magna é a amplitude desta última, pois no *DU* Vico se deteve no estudo do direito romano, escavando as inúmeras glosas que com o tempo serviu para tornar irreconciliável a lei e os seus autores; nas sucessivas edições da *Sn* Vico se convencia da existência de uma natureza humana comum a todos os povos, o que lhe valeu a descoberta da chave interpretativa das mitologias dos mais diversos povos bárbaros: os romanos, os gregos, os hebreus, os citas, os caldeus, os egípcios e os fenícios. Deste modo, a filosofia do direito tornou possível a filosofia da história.

denominado de ciência rememorativa, voltada para a análise do desenvolvimento da mente humana, o que conduz ao descobrimento da verdade dos eventos humanos, uma verdade distinta do modelo cartesiano. Este foi o motivo da obra metafísica de Vico, publicada em 1710, a *De ant.*, na qual Vico afirmava que a verdade humana no âmbito das ciências da natureza equivalia a uma figura plana, ao passo que a natureza era um alto relevo plasmado por Deus (*De ant.*, p. 249). Chegando à *Sn44* Vico admitia que a limitação da mente humana na pesquisa da verdade da natureza poderia ser superada quando o filósofo se detém a refletir sobre os assuntos humanos, porque neste âmbito o pensar e o fazer coincidem, tal como no entendimento divino, que pensando o mundo da natureza o faz.

O embate com a mentalidade cartesiana que se opunha aos estudos históricos merece registro no primeiro capítulo da dissertação. A resposta à objeção dos cartesianos torna oportuna a teoria do *verum-factum*, formulada naquele livro de 1710. Daquela primeira obra de natureza filosófica, ficou uma contribuição definitiva, a saber, a verdade é a perfeita adequação da idéia como o objeto representado pelo entendimento, algo que Descartes atribuía à idéia inata da existência Deus, confirmada pela distinção entre o corpo e a alma, ou ainda a fórmula adotada por Espinosa, pela qual a idéia da idéia de natureza é adequada à natureza, ou Deus. Vico deixou o terreno da Metafísica para trilhar os domínios da História, nos quais o verdadeiro humano é o certo, que chega até o filósofo por intermédio das provas filológicas.

O que determina os aspectos de contraposição a Descartes está nos fundamentos da proposta filosófica de Vico sustentada pela *memória* que se estabelece na condição humana a partir da saída do homem da sua condição natural, denominada de isolamento ferino. O início da História coincide com esta fuga do estado de solidão, naturalmente insuportável (*Sn44*, § 17). A verdade, como o certo, assegura que o conteúdo das fábulas tem sentido unívoco à mente de quem as criou, o que significa dizer que a interpretação das fábulas não se faz por analogia ao comportamento humano, pois elas são o testemunho da ação humana. É o que prevalece no Axioma XIV da Seção dos Elementos da *Sn44*, Livro Primeiro: “Natureza das coisas nada mais é do que seu nascimento em determinados tempos e com modos certos, sendo sempre tais e não outras, assim nascem as coisas” (*Sn44*, § 147). O que mais a frente, no mesmo livro, na *Seção dos Princípios* é apresentado com ênfase contrapondo-se frontalmente a Descartes:

Mas em tal densa noite de trevas onde está encoberta para nós a primeira longínqua antiguidade, aparece esta luz eterna, que não se esconde, desta verdade, a qual não se pode de modo algum colocar em dúvida: que este mundo civil ele foi certamente feito pelos homens, onde se podem porque se devem encontrar os princípios nas modificações da nossa própria mente humana. (*Sn44*, § 331).

Onde encontrar esta verdade? Vico afirma que se trata de obra de confusa memória e de uma desregulada fantasia; em poucas palavras Vico desautoriza os cartesianos de quererem refutar as imagens para a descoberta da verdade sobre o homem. E mais ainda: estas palavras estão harmoniosamente em oposição à razão cartesiana empregada na busca da verdade das coisas naturais; as coisas humanas, porque criadas pelo intelecto humano são distintas das coisas da natureza produzidas pelo intelecto puro de Deus; em Deus a ordem geométrica intuída por Descartes; nos homens, a confusão dos afetos, e desmesurada força da imaginação (*Sn44*, § 330). Resgatando as palavras do livro de 1710: com suas ficções, os homens representam a sua verdade sobre as coisas tocadas pelo entendimento: tal como o mito, também os números e as figuras geométricas compõem a história da natureza (*De ant.*, p. 253)³.

A resposta de Vico à filosofia da época clássica da Modernidade é, portanto, o motivo central do primeiro capítulo, que contempla também a fundamentação do método para a investigação histórica das origens da sociedade civil. A passagem do primeiro para o segundo momento deste capítulo ocorre com a conceituação da memória, que está diretamente ligada à fantasia. Vico afirmou que a fantasia é a memória dilatada (*De ant.*, p. 294), porque imaginar é rememorar, sendo a imagem a configuração das coisas recordadas pela memória. Há, pois, na imagem a unidade perfeita da memória e da imaginação, pois elas estão sempre juntas, tanto na arte como nas ciências. Estas forças advêm de uma experiência social assim concretizada enquanto conhecimento reelaborado pela memória. Portanto, a faculdade que configura as imagens – denominada pelos gregos ‘fantasia’ e pelos latinos ‘imaginativa’ – é tanto a fantasia criativa de mitos quanto a própria memória da qual se serve o Homem na

³ Eis as palavras de Vico: “De certo modo o físico não pode definir as coisas conforme a verdade, ou seja, atribuir a natureza peculiar de cada uma e tornar-se de tal modo o seu criador; isto é consentido apenas a Deus e vem negado ao homem. Todavia podem-se bem definir os nomes das coisas, e, a semelhança de Deus, sem nenhum substrato e como que do nada, criar como se fossem coisas, o ponto, a linha, a superfície.” (*De ant.*, p. 253).

constituição dos seus significantes. Quando os homens eram ainda incapazes de raciocínios sutis, próprios da sabedoria filosófica, eles se valiam da fantasia para conferir às coisas “sua própria natureza” (*Sn44*, § 122). O método de Vico é também instância educativa, uma vez que estas faculdades: percepção, memória, fantasia, elas naturalmente vão enfraquecendo, seja no curso histórico das nações, seja na existência de cada indivíduo. A cultura é o remédio para tonificar a debilidade das faculdades naturais, a filosofia é, portanto, o cultivo destas faculdades indispensáveis para a conservação da criatividade humana.

A ciência rememorativa está voltada para os aspectos desconsiderados pelos grandes expoentes do pensamento moderno, ou seja, o senso comum. Foi dito anteriormente que a tradição é uma fonte de equívocos para o homem moderno, a repetição interminável das práticas cotidianas se cristalizam no senso comum, então, tradição e senso comum se equivalem e passaram a ser desprezados pelo pensamento moderno. Contudo, há no senso comum algo perene, porque é próprio da condição humana. O egocentrismo, por exemplo, não desaparece, mas deve ser dirigido para melhores usos na vida cotidiana. É nesta mudança de direção do senso comum que prospera a História das Nações. Esta constatação é muito valiosa para Vico, que se expressou de maneira veemente a este respeito:

[...] o homem no seu estado ferino ama somente a sua salvação; tomada a mulher e feito os filhos, ama a sua salvação com a salvação das famílias; chegado à vida civil, ama a sua salvação com a salvação das cidades; estendidos os impérios sobre mais povos, ama a sua salvação com a salvação das nações; unidas as nações em guerras, pazes, alianças, comércios, ama a sua salvação com a salvação com a salvação de todo o gênero humano: o homem em todas estas circunstâncias ama principalmente a utilidade própria. (*Sn44*, § 341).

Antes de chegar à complexidade do mundo das nações em seu estágio moderno, é preciso se deter nos começos, para penetrar o núcleo estável do senso comum e conhecer o que é próprio da condição humana, aquilo que lhe dá personalidade. Nos primeiros estágios descritos na citação acima, entre a saída do estágio de solidão ferina e a chegada ao mundo das nações, é preciso se deter num tempo obscuro e fabuloso no qual a poesia era a ação educativa exercida pelos homens e sobre eles próprios. Vico sugere que a queda repentina em

uma nova situação de barbárie decorreria do fortalecimento do vício privado, o egocentrismo, ao passo que, na Paidéia dos primeiros povos, o vício privado rendeu as virtudes públicas. É necessário corrigir a filosofia da idade clássica da Modernidade, para que ela consiga auxiliar o homem e não deixá-lo entregue à sua corrupção natural (*Sn44*, § 129).

O segundo capítulo aprofunda esta reflexão dedicada à poesia e, de modo mais abrangente, à sabedoria poética que abarca os tempos obscuros e os tempos fabulosos. A atmosfera desses estágios de desenvolvimento da razão contrasta com o individualismo da consolidação da sociedade burguesa, especialmente no fato de que a sabedoria poética é uma construção coletiva, enquanto que a ciência moderna parece alimentar a fogueira das vaidades, fomentando o individualismo exacerbado de homens em busca da fama para o seu nome e mantendo-se indiferentes à glória das nações.

A poesia, obra coletiva e esforço vital, exerceu papel educativo e foi o cimento social que uniu as muitas famílias para formar as gentes, e destas, os povos e as nações. A força edificadora da poesia resulta menos do gênio individual e mais da solidariedade entre os homens. Os primeiros homens foram, por natureza, poetas e falaram por intermédio de caracteres poéticos, Vico dizia que esta tinha sido a sua maior descoberta filológica (*Sn44*, § 7). As construções poéticas derivavam da necessidade natural de conservação da vida, dessa maneira, a poesia exerceu função vital para a sociabilidade, cumprindo função essencial para a formação e consolidação da sociedade civil⁴.

A sociedade é resultado dos processos contínuos de representatividade mental; e esses, por sua vez, são imprescindíveis para o aprimoramento e permanência tanto de si, quanto da sociedade. Para Vico, é preciso que haja conexão entre o ser que pensa e o mundo no qual este está inserido, pois através desta inserção, se tem o conhecimento sobre o ser pensante e sobre a sociedade. A certeza do ser pensante deve estar de acordo com o mundo no qual ele está. Os modernos desenvolveram suas conjecturas com base no entendimento puro, enquanto Vico esteve empenhado na promoção dos valores humanistas, admitindo o entendimento como o resultado do processo histórico e social. Desde a filosofia antiga é notável a valorização da razão ordenadora – capaz de retirar das proposições o falso, e nesse processo mental até mesmo o verossímil merece o mesmo rótulo, o que confunde os devaneios da razão pura embrenhada nos silogismos com as incertezas e dúvidas da vida comum. O problema do

⁴ De acordo com Vico, a sabedoria poética possibilitou “encontrar fábulas sublimes conforme o entendimento popular, e que comovam ao excesso para conseguir o fim, que ela se propõe, de ensinar o vulgo a agir virtuosamente, como eles se ensinaram a si mesmos” (*Sn44*, § 376).

saber, para Vico, apresentava-se, então, expresso em duas questões: o ser da coisa e a sua origem. Para conhecer a fundamentação do saber Vico percorreu o trajeto das mentes dos povos primitivos até a modernidade, atentando para o desenvolvimento das forças cognitivas, sem desvinculá-las do comportamento dos afetos: as relações humanas, do homem que abandona o isolamento ferino, da potestade paterna na administração doméstica, do homem civil empenhado nos negócios da cidade.

Na análise da sabedoria poética, a filosofia encontra a base filológica responsável pelo ‘constructo’ do entendimento acerca do homem e do seu conhecimento. A sabedoria poética não conduz a reflexão em progressão geométrica irrefreável, sempre para frente, como se na esfera da vida comum não houvesse o risco constante da precipitação em novas formas de barbárie. Na coerência da via escolhida para a pesquisa social, Vico quer adentrar o conhecido, aquilo que está atrás e que é relegado ao que se chama preconceitualmente de tradição, ou senso-comum. A sabedoria poética deslinda a trajetória da descida a partir do tempo presente e conduz o investigador das coisas humanas até os tempos obscuros, e nos registros mais recentes destes tempos – até Homero. O terceiro capítulo, tal como o Livro Terceiro da *Sn44*, é dedicado à Descoberta do Verdadeiro Homero que elucida algumas das teses centrais de Vico, a saber: o homem pode ser condenado ou absolvido pela Retórica, já que esta pode estar comprometida ou não com a verdade. Tanto a absolvição quanto a condenação dependem também da forma como os doutos se conectam, interpretam e fazem cumprir as leis e as ordenações habituais de um povo com a sua realidade. Outra tese exposta é a qualificação da Retórica como método educativo capaz de readmitir a consideração da diversidade das línguas existentes no tempo e no espaço como uma representação da riqueza das produções humanas, subvertendo a concepção de primazia européia como o centro catalisador do desenvolvimento humano. O terceiro ponto é que a Retórica, quando considerada um método educativo, valoriza também a comunicação enquanto uma necessidade imanente do ser. Finalmente, Vico atentou para o resgate, imprescindível, da originalidade da linguagem expressiva, capaz de promover e revitalizar a comunicação humana, satisfazendo a necessidade imanente e fator humanizador da espécie.

O estudo da retórica apresenta a sociabilidade como o fator responsável pelo desenvolvimento da razão; a primeira é possível pela racionalidade que se apresenta ao longo da história humana no mundo naturalmente, pois o ser natural a contém potencialmente. Vico observou que a ordem social e política dos séculos XVI e XVII haviam retrocedido apesar da

continuidade do desenvolvimento da lógica e da matemática. Na modernidade, o domínio dos universais é compreendido pela prática científica que encontra e determina as leis universais, permitindo maior controle e domínio da natureza. A lógica poética viquiana busca a singularidade, ou o universal fantástico, uma imagem constituída pela diversidade das práticas sociais e que dá a tecitura⁵ dos saberes humanos. Na idade dos homens – a partir do pensamento racional, ordenado, estruturado, filosófico – o conteúdo de determinada palavra se aproxima da sua forma. Tem seu significado e suas possibilidades interpretativas compactados pela ordem da abstração desta contemporaneidade. Nas outras idades, porém, o conteúdo da palavra era a *fábula*, em outras palavras, *sua vivência*. Essa característica original e criativa do pensamento humano, presente em todos os seus feitos de forma concreta, é o aspecto de maior importância para Vico, pois é a fonte de sabedoria capaz de redimensionar os saberes e as organizações humanas no mundo civil. A permanência da espécie está vinculada a esse resgate que, no entanto, exige a reformulação dos valores e dos fundamentos do conhecimento, da sociedade e do próprio homem. O obscuro das mentes criadoras de fábulas traz consigo a imanência da comunicação, bem como a riqueza elucidativa sobre o isolamento ferino, seus possíveis regressos e as alternativas humanizadoras para sua superação.

A sociabilidade vinculada ao desenvolvimento racional no cerne da sabedoria poética demonstra que, segundo essa leitura, a ciência moderna carece de valores que a humanize para garantir a emancipação humana. O estar no mundo assim valorizado demonstra o vínculo incontestável entre o pensamento e esse estar no mundo. A fábula adquire um aspecto epistemológico que garante a revisão do senso comum e o redimensionamento dos outros saberes que coexistem com o conhecimento científico. Este ponto crucial da filosofia viquiana ressalta que a ciência não supera o senso comum, nem precisa fazê-lo, pois há lugar no mundo para todas as manifestações humanas. O desenvolvimento científico se aprimora através do reconhecimento dos saberes populares, esta convicção de Vico era estranha ao ambiente científico do seu tempo: à ciência, por causa da suposta ignorância absoluta do senso comum,

⁵ Tecitura, do verbo tecer; o ato de entrelaçar os diversos saberes numa criação/saber, a complexidade do simples. Diferente da tessitura definida como a disposição das notas musicais acomodadas a uma determinada tessitura, isto é, limite da tonalidade vocal e/ou instrumental.

à Igreja, por causa dos riscos incalculáveis que a cultura popular poderia acarretar para a combalida ortodoxia eclesiástica⁶.

Vico, no entanto, vislumbrou o senso comum como instância reguladora das paixões humanas. O mundo social não se confunde com o plano fixo que a geometria faz do mundo natural, reduzindo-o ao mundo físico. Na defesa da sua nova ciência Vico dizia ser ela mais rigorosa que em geometria, porque o mundo dos ânimos humanos possuía mais realidade do que os pontos e as linhas do mundo físico (*Sn44*, § 349). É esse o mundo de Homero resgatado no terceiro capítulo da dissertação, com ele é oportuno refletir sobre a experiência social conservada pela memória coletiva e reelaborada pela imaginação, donde se vislumbra a metafísica poética, que outra não é senão a sabedoria poética propriamente dita. A sabedoria de Homero é a metafísica vulgar dos primeiros homens, “não raciocinada e abstrata como a de agora, dos doutos, mas sentida e imaginada como deve ter sido pelos primeiros homens, pois aqueles, desprovidos de qualquer raciocínio, eram dotados de sentidos robustos e vigorosíssimas fantasias” (*Sn44*, § 375).

A sabedoria poética é, então, algo maior que a sabedoria dos antigos, que produziu equívocos interpretativos nocivos para o cultivo da tradição, naquilo que ela tem de edificante. A sabedoria de Homero é poética e por isso não é vencida pelo tempo, tal como ocorre na história das ciências. A anterioridade de Homero, mas também de Manu, de Moisés, de Zoroastro, proporcionam a rememoração dos fundamentos da condição humana, preservando a identidade do homem em sociedade. Homero, Manu, Moisés, Zoroastro são apenas signos poéticos, pois suas obras são o testemunho da sabedoria poética, a única possível de subtrair os homens da infelicidade, do isolamento ferino. A obra de Vico ensina o valor do cultivo daquelas duas qualidades tipicamente humanas: o uso da razão e a prática da sociabilidade. O amadurecimento da sociedade humana, atestado pelos poemas homéricos, oferece a certeza de que a mente humana, independente do tempo e do lugar, produz coisas divinas e humanas, o divino da mente humana são as imagens poéticas, com as quais, os homens, por eles mesmos, foram capazes de erigir a grandeza do mundo das nações e assim, viverem toleravelmente em sociedade (*Sn44*, § 135).

Por fim, cabe reiterar que a abordagem da poesia pode ser reduzida à leitura conceitual de caráter meramente estético, tarefa que Vico sabia realizar com maestria. Mas para além do gosto individual, a poesia permanece como fonte original inexaurível da capacidade criadora

⁶ A micro-história de Carlo Ginzburg elucidou este “perigo” em seu trabalho magistral, *O queijo e os vermes*; o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição (1989).

da humanidade. Esta constatação de Vico permanece como motivo para a pesquisa filosófica e ultrapassa os limites modernos da Estética e reconduzem o artefato cultural ao ambiente complexo dos embates humanos, sempre a insistir que as fábulas que desenharam o escudo de

Aquiles são os severos relatos da história grega no tempo da sua mais crua barbárie (*Sn44*, § 156).

CAPÍTULO I

FRAGMENTOS DAS BASES VIQUIANAS: A MODERNIDADE, O RACIONALISMO E A NOVA CIÊNCIA

1.1. A Modernidade

Os primeiros séculos da Modernidade foram determinantes para o novo modo de vida que se instaurava graças aos grandes eventos que fragilizaram a velha mentalidade medieval. A filosofia humanista contribuiu para esta mudança, embora em pouco tempo ela passasse a ser considerada refém da tradição e zelosa pelos grandes trabalhos da Antiguidade. O humanismo e as correntes modernas do pensamento estavam presentes na filosofia de Vico. As profundas transformações desencadeadas a partir do final do século XV proporcionaram o renascimento da filosofia cética, uma reação ao conservadorismo do saber tradicional na refutação das evidências oriundas do mundo, refutando e resignificando as crenças dogmáticas a respeito da imobilidade do planeta e do criacionismo bíblico. As autoridades constituídas – a realeza e o alto clero – se punham como entrave para o desenvolvimento da nova ciência.

Este quadro dá a dimensão dos embates travados durante os séculos seguintes e que opunham os inovadores partidários da nova ciência e os conservadores fiéis defensores das crenças teológicas. Este ambiente marcado pelos extremos permitiu também o aparecimento de manifestações ponderadas que levaram em conta a tradição naquilo que ela possui de legítimo, isto é, do esforço contínuo de manutenção da cultura e das instituições humanas no esforço permanente de manter a comunidade humana imune aos perigos que poderiam acarretar a sua destruição. Não é por acaso que a filosofia política constitui uma das mais nítidas manifestações do pensamento moderno. Primeiro o jusnaturalismo e as teorias contratualistas, cujos esforços pretendiam aperfeiçoar a grande invenção humana: a sociedade civil. A filosofia de Vico se originou desta vertente devido à sua formação em Direito. Optou pela carreira docente, atuando a frente da cátedra de Retórica durante quarenta e um anos na Universidade Régia dos Estudos de Nápoles, de 1699 a 1740. A formação acadêmica não o

impediu de continuar cultivando a literatura, estes dois domínios sempre estiveram presentes no horizonte das pesquisas de Vico.

A filosofia de Vico não encontrou boa recepção por causa dos rumos da cultura científica moderna, totalmente voltada para a exploração da natureza e avessa aos estudos históricos. Esse ambiente causava temor no filósofo italiano, que, décadas antes de Rousseau, manifestava o temor da eclosão de uma nova barbárie, da barbárie da reflexão (*Sn44*, § 1.106). A obstinação pelo conhecimento absoluto da natureza impedia que os filósofos dedicassem o mesmo esforço na investigação dos fundamentos da vida em sociedade: a refutação da possibilidade da pesquisa social, aos olhos de Vico, era um equívoco prejudicial, porque se os filósofos são capazes de conhecer aquilo que se originou da mente de Deus, eles terão maior facilidade para explorar aquilo que foi produzido pelo intelecto humano (*Sn44*, § 2). Vico foi desconsiderado pela corrente mais forte do pensamento moderno, contudo, em momento algum ele abdicou do pensamento moderno e o seu empenho procurou expandir os seus domínios, com o estabelecimento das bases da pesquisa social.

Antes de discorrer sobre a nova ciência preconizada por Vico, é preciso, mesmo que de forma sumária, tocar nas bases constituintes da Modernidade, o cenário no qual se inscreveu a filosofia de Vico. Os esforços intelectuais dos séculos XVI e XVII vinculam-se tanto à retomada de algumas doutrinas filosóficas e científicas da Grécia antiga, quanto às viagens e aos encontros com terras e povos até então desconhecidos; à busca por inovação e à rejeição das idéias vigentes e mantidas pelo poder repressor da Igreja. O ambiente intelectual estava marcado pela crise do entendimento quanto à unidade política, religiosa e espiritual da Europa, às limitações filosóficas do pensamento medieval mantido sob a custódia da Bíblia contrastava com as descobertas produzidas por homens práticos: Gutenberg e Fernão de Magalhães impulsionaram as descobertas científicas e desautorizavam a verdade religiosa a respeito da realidade do mundo e do universo. Era o começo da secularização dos valores⁷.

As novas descobertas vinculam-se, necessariamente, às discussões filosóficas, morais, religiosas e políticas. A estrutura da epistemologia é determinada e mantida por dada tradição

⁷ Habermas oferece a definição sintética da Modernidade que elucida bem as grandes transformações do mundo ocidental; a Modernidade, segundo Habermas, “refere-se a um feixe de processos cumulativos que se reforçam mutuamente: à formação de capital e de mobilização de recursos, ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho, ao estabelecimento de poderes políticos centralizados e à formação de identidades nacionais, à expansão de direito e de participação política, de formas urbanas de vida e de formação escolar formal, refere-se à secularização de valores e normas.” (HABERMAS, *O discurso filosófico da Modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990, p. 14).

que, ao mesmo tempo, dificulta o advento das novas concepções, empenhada que está em manter as bases de um poder justificado por dogmas. Assim, discutir a epistemologia moderna é também discutir religião, conhecimento de Deus, limites e capacidades cognitivas humanas, poderes, Estado, sociedade.

A disjunção entre a representação do mundo e a realidade do mundo demandava a revisão do método das pesquisas, e esta foi a questão premente da filosofia moderna: a questão do método que aparece na filosofia moderna como um problema exaustivamente elaborado, pois é no percurso da aquisição da verdade, em outras palavras, do que legitima o conhecimento enquanto um objeto constituído de fundamentação epistemológica, que o homem moderno e o seu pensamento enfrentam, combativamente e criativamente, a tradição medieval. Os embates entre os inovadores e conservadores se intensificaram tanto quanto aquele travado por racionalistas e empiristas, evidenciando dessa forma a superação do ceticismo da filosofia seiscentista e anunciando novos horizontes para a filosofia. A grande filosofia do Século XVII é lembrada pelos embates que opunham empiristas e racionalistas.

Apesar das escolhas distintas – a experiência dos sentidos e as idéias inatas - as duas grandes escolas do pensamento moderno têm em comum aquilo que se pode denominar de filosofia do sujeito, pois, seja a sensação, seja a idéia inata, a teoria do conhecimento está centrada no pensamento humano, na sua capacidade cognitiva. Estas filosofias renegam a História e priorizam as ações mentais do sujeito do conhecimento, sem atribuir ao ambiente social a função coadjuvante na produção do pensamento. A questão do método estava destinada ao conhecimento da natureza, a finalidade do *Discurso do método* é mostrada sem reservas na sexta parte daquela obra⁸. Locke não estava muito distante do projeto racionalista, em que pese o teor político da sua filosofia, que não se limitou à questão do método, pois o propósito é a fundamentação da propriedade como extensão do corpo humano. O que se seguiu ao momento criativo da Modernidade foi a dominação da natureza, que, desde então, perde o encanto próprio e modelador do seu caráter de mestra da vida e deusa suprema da sabedoria.

⁸ Nessa parte Descartes explicita o pragmatismo da sua filosofia: “[...] em vez dessa Filosofia especulativa que se ensina nas escolas, se pode encontrar outra prática, pela qual, conhecendo as forças e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos cercam, tão distintamente como conhecemos os diversos misteres de nossos artífices, poderíamos empregá-los da mesma maneira em todos os seus usos para os quais são próprios, e assim nos tornar como que senhores e possuidores da natureza”. (DESCARTES, 1987, p. 63).

A História da Filosofia Moderna desde Francis Bacon consolidou esta atitude de tirania do homem sobre a natureza. A experiência é a oportunidade da apropriação da natureza, não somente a mera experiência da fruição da natureza, pois é preciso conduzir o entendimento para o conhecimento da natureza: “ciência e poder do homem coincidem” (BACON, 1988, p. 13). Na filosofia de Bacon e em sua crítica aos ídolos, está latente a refutação da tradição, tomada em toda a sua amplitude e reduzida à escolástica. Não por outra razão Bacon insistia que a formação do homem, da sua cognição e da epistemologia, fundamenta-se na experiência; em outras palavras, a sistematização do conhecimento se estrutura por meio da observação e da sistematização dessa observação. A verificação constitui passo determinante na elaboração das conclusões e sua base cognitiva está na capacidade de percepção, de apreensão e de entendimento do objeto percebido. O método é, enfim, um aspecto da filosofia moderna que pretende, no racionalismo e no empirismo, apresentar possibilidades de seguridade para a validade dos novos conhecimentos e horizontes epistemológicos.

É oportuno lembrar que Bacon é considerado na autobiografia de Vico como um dos quatro autores paradigmáticos para a sua formação (*Vita*, p. 30). No escrito autobiográfico Vico revela ao leitor o equilíbrio que norteou a sua atividade filosófica, pois antes de Bacon são apresentados Platão e Tácito. Sendo assim estes dois autores antigos figuram ao lado do já mencionado Bacon e também de Hugo Grotius, jusnaturalista holandês. A tradição representada pelos autores antigos não é o apelo à reprodução das velhas doutrinas, mas uma nova perspectiva metodológica que garante o espaço às obras de filosofia e de história produzidas por Platão e Tácito respectivamente, pois estas são merecedoras de reflexão dos pensadores modernos, podendo apontar os caminhos para a investigação da antiqüíssima sabedoria dos antigos, não para a realização de um intento de erudição, mas com a finalidade de descobrir as origens da sociedade civil. A Modernidade se apresentava aos olhos de Vico como o momento privilegiado para a compreensão dos fundamentos da sociabilidade humana, contribuindo com a promoção da humanidade no indivíduo, responsável direto pela conversação da sociedade civil.

Porém, nem todas as referências modernas que influenciaram Vico são mencionadas no texto autobiográfico, ou aparecem envoltas em críticas que deixam transparecer apenas a censura do filósofo italiano. É neste contexto que o nome de Descartes é lembrado por Vico, que estabelece com o filósofo francês uma relação de aprendizado que culminou na superação

da exclusividade da natureza como objeto do conhecimento humano. A relação entre os pensadores é apresentada e discutida brevemente abaixo.

1.2. Descartes

A filosofia de Descartes tem como objetivo a garantia da autonomia intelectual do homem. Durante o desenvolvimento da sua proposta, a tradição é tratada necessariamente pela ótica da dúvida, que permite o encontro com a liberdade durante o percurso metodológico proposto. Algumas caracterizações próprias da liberdade são elucidadas e, assim, admitem apenas o que é claro, evidente e verdadeiro. O exercício da liberdade da razão, do pensamento que se realiza na aceitação da dúvida acerca de todas as coisas existentes, segundo Descartes, liberta o homem para conhecer o que é a verdade.

No estudo do sistema filosófico de Descartes, tornam-se necessárias algumas perguntas. Como romper com a história, a memória e a própria tradição escolástica que participam de alguma forma do desenvolvimento intelectual do filósofo? Qual é a melhor adequação para o entendimento e aplicação do conceito de liberdade enquanto atributo da vontade (faculdade mental) e enquanto concepção adquirida durante o percurso da mente na dúvida e do método? Na busca da Verdade, portanto, o que a liberdade fundamenta ou não durante a realização deste trajeto? De que forma Descartes trabalha, garante, entende e adéqua a autonomia intelectual do homem em seu sistema filosófico? A liberdade, então, participa constantemente de seu método e, concebida à maneira do filósofo, constitui base fundamental da autonomia tão desejada e do caminho considerado único para o alcance da luz natural? Agora, entretanto, vale ressaltar as características básicas do racionalismo, isto é, do idealismo cartesiano, forte influência no pensamento de Giambattista Vico com o qual ele dialoga para a elaboração da *Ciência Nova*.

As páginas do *Discurso do método* trazem também o registro autobiográfico centrado na experiência educacional do filósofo. Considerado como objeto da sua avaliação crítica, os estudos em La Flèche são compreendidos como algo que não lhe trouxe as certezas de que precisava e prossegue nesse projeto que é a busca do caminho certo que tanto escape das incertezas e esterilidades verbais, quanto que conduza o homem às verdades fecundas e

permanentes. A busca da certeza, da verdade, enquanto percorre o caminho escolhido, admite a razão como princípio e base do seu novo método, inaugurando, portanto, o racionalismo moderno. Frente à falta de certezas, Descartes anseia e busca por um meio adequado que conduza o Homem à verdade demonstrada pela clareza e pela segurança então ausentes nos tratados científicos e lógicos. O conhecimento é considerado por uma nova perspectiva na qual o homem se capacita para o conhecimento verdadeiro através da razão. Nesse percurso epistemológico a razão deve ser direcionada não por uma tradição e sim por uma boa condução do novo objeto de estudo que é a própria mente. Assim, ele admite a certeza e a clareza presentes na matemática (pensamento, raciocínio abstrato), que é também (a matemática) a maior evidência de que o espírito humano é capaz de apreender; assim, as fortes e incontestáveis demonstrações da matemática orientam o filósofo a aplicá-la em outros campos do conhecimento. A mente, quando bem conduzida, é capaz de alcançar algo permanente, mas as aplicações das matemáticas admitidas pela escolástica consistiam em limitados métodos; e estabeleciam proibições (quanto às representações, às leituras da natureza física, das leis naturais, por exemplo) que dificultavam o desenvolvimento da ciência. Os dogmas religiosos que fundamentavam a política e a moral temiam o aperfeiçoamento do conhecimento na medida em que as novas concepções refutavam alguns dos princípios básicos das suas estruturas (como por exemplo, o geocentrismo).

A busca de Descartes pela verdade representa seu anseio em obter maior autonomia para seu próprio pensamento e para o homem moderno. A ruptura com a tradição, nesse momento, representa uma tentativa de estabelecimento de novas abordagens para o processo no qual o homem se desenvolve enquanto ser racional e social. O filósofo se detém em questões primordiais até então desconsideradas, como a reflexão acerca da tradição e da estrutura educacional. Nesse sentido, ao reavaliar seu conhecimento, reconhece um conjunto de informações sem utilidade prática e sem demonstrações claras da sua veracidade ou não, bem como reconhece na matemática uma disciplina passível de utilização na boa condução da razão. O início do percurso, porém, encontra-se na dúvida quanto ao absolutismo da verdade presente na educação escolástica. A partir do estabelecimento da reflexão e da dúvida como o início da desconstrução de toda tradição, há a recusa explícita da aceitação do provável – base do conhecimento humano até esse momento. A dúvida também inaugura um aspecto importante da modernidade, a saber, uma nova abordagem da relação do Homem com o objeto. O alcance da verdade presente nas coisas depende do modo como o sujeito apreende a

coisa, pois, a partir desta apreensão, ele desenvolve sua reflexão para afirmar a falsidade ou a verdade sobre o objeto e seu entendimento. Descartes elabora, através da sua experiência individual, um método que contempla as possibilidades da aquisição de autonomia intelectual presente e desenvolvida apenas na mente humana. A operação cartesiana visa à distinção entre o verdadeiro e o provável, já que toda a tradição possui seus fundamentos na superação aparente das dúvidas por meio da probabilidade de suas afirmativas.

A mente na filosofia cartesiana é apresentada como princípio demonstrativo da existência humana, distinguindo o corpo de existência duvidosa da natureza intelectual. Através da distinção entre corpo e mente a Teoria da Alma aceita até o final da época medieval adquire novo cerne pela distinção da alma e da mente. A constituição do corpo é a de uma *“máquina de membros, que se percebe também em um cadáver e que eu designava pelo nome corpo”* (DESCARTES, 2004, p. 44). A concepção de alma vincula-se a algumas ações como o mover-se, alimentar-se, o sentir e o pensar, *“um não sei que de diminuto, a exemplo do vento ou do fogo ou de um éter, infuso em minhas partes mais espessas”* (Ibidem, Idem). Porém, a dúvida quanto à existência do corpo conduz o pensador a refletir sobre a origem de cada atributo determinado pelas sensações; e, assim, todos os atributos considerados são próprios do corpo, mas o pensamento é um algo inseparável do indivíduo - mente. Essa constatação admite a existência de algo que existe sem a precedência do corpo sobre sua própria existência, isto é, Descartes admite a mente por uma concepção reelaborada enquanto um elemento indivisível, permanente, imortal, a substância pura (identificada como ela mesma e não outra) e idêntica à alma segundo esta ótica. Com isso, a natureza humana e as suas faculdades intelectivas assumem um novo aspecto que propõe a expansão do entendimento acerca do conhecimento humano, bem como transfere ao indivíduo o poder para o alcance do saber. O mérito do aprendizado da escolástica vincula-se ao interlocutor da tradição considerada sábia, enquanto que na proposta cartesiana o mérito está na firme vontade do indivíduo em aprender a bem conduzir sua razão.

A dúvida inaugura a investigação sobre o que é verdadeiro e falso a partir da negação de tudo o que existe ao alcance dos sentidos. Isto resulta da constatação de que todos os sentidos são passíveis de engano, pois através do enfrentamento da dúvida pela dúvida hiperbólica, que rejeita qualquer proposição em que haja a probabilidade de erro, encontra-se a evidente existência do pensamento, da mente. A evidência é apresentada pelo radicalismo da dúvida que duvida dela mesma, demonstrando que o pensamento resulta da intervenção de algo

existente, pois se há a dúvida existe algo que duvida, que pensa. O limite da dúvida é a descoberta do pensamento, do *cogito*, que marca a modernidade e parte das diretrizes futuras do pensamento ocidental ao propor um caminho, isto é, uma perspectiva individual que constitui a base do seu processo trabalhado sob a ótica do método pelo qual este indivíduo deverá seguir em busca da verdade. O método racionalista demonstra a preocupação com o trabalho intelectual e individual necessário para que aquele que deseja a verdade tenha condições reais de conhecê-la.

Com a distinção do corpo e da alma, partindo do cogito, a investigação cartesiana se ocupa do estudo das faculdades mentais. Segundo o método cartesiano, a investigação deve partir da exclusão do que não participa do objeto estudado. Neste sentido, a análise das faculdades mentais se direciona pela necessária delimitação do que delas não participa. O ser ao imaginar contempla “*a figura ou a imagem de uma coisa corporal*” (DESCARTES, 2004, p. 3), que não se apresenta com clareza, pois não há certeza de que é real ou apenas um sonho e essa atribuição denominada imaginação não oferece a certeza necessária. O sujeito por suas faculdades intelectivas percebe e apreende um objeto, e a apreensão é de alguma forma elaborada anteriormente e resulta numa representação do conhecimento do objeto observado, representando ou não a verdade; o pensamento, porém, é indubitável. O processo pelo qual essa proposição se apresenta advém do primeiro estabelecimento da dúvida frente às incertezas inumeráveis, seguido da admissão da dúvida enquanto ato do próprio pensamento e, finalmente, da exclusão de si mesmo enquanto ser sensível pela dúvida quanto à sua existência e, assim, o reconhecimento do pensamento enquanto o único capaz de escapar da dúvida. Este processo, portanto, resulta na suspensão do juízo sobre o valor das representações (conceitos, história, cultura, linguagem, arte, isto é, todas as produções humanas) e na afirmação de que existe o ser que pensa.

O filósofo moderno inaugura um sistema que aprimora as concepções do homem moderno acerca da sua própria condição ao expor suas limitações de conhecimento que elucidam, também, as condições do desenvolvimento intelectual e científico, contribuindo para o aprimoramento do pensamento ocidental e da reordenação moderna das bases epistemológicas. Sua ousadia em reivindicar para o indivíduo tanto o poder quanto à responsabilidade pelo seu desenvolvimento intelectual expressa também o anseio da modernidade que pretende romper com as estruturas medievais e tradicionais que por um longo período dificultaram drasticamente os avanços - naquele momento, não mais contidos.

Ao reivindicar para o sujeito a liberdade proveniente de Deus enquanto condição primordial para a aquisição do conhecimento, ao mesmo tempo em que redimensiona tanto a memória quanto as concepções da utilidade dos conceitos matemáticos, ele inverte a condição do homem antes aprisionado pela tradição, pela incerteza e pelo grande desconhecimento de suas próprias capacidades e faculdades, caracterizando, assim, o indivíduo como agente do saber.

As perspectivas para o futuro desenvolvimento das humanidades e demais saberes apresentam-se sob uma ótica inovadora direcionada pela autonomia do pensamento e do indivíduo. A laicização do saber convida a sociedade para uma reflexão que coincide com as afirmações sobre as limitações do mesmo saber. O conhecimento adquire o aspecto do fundamento da filosofia de Descartes e caracteriza-se, portanto, pelo princípio do intelecto, da liberdade de arbítrio, que bem conduzida pelo exercício firme e constante do indivíduo alcança a verdade. Essa afirmação de que a Verdade pela Luz Natural-Razão pode ser alcançada é inusitada e permite ao homem o vislumbre da possibilidade de operar a ciência por meio de algo prático e certo. A perspectiva de autonomia intelectual representa a possibilidade de experimentar a segurança que somente a verdade propicia, vinculada ao exercício solitário, livre das imposições falsas da tradição mal analisada. A contribuição de Descartes, enfim, marca através desses aspectos a modernidade e, mesmo frente às críticas contemporâneas, seu pensamento permanece um elogio aos fundamentos aqui estudados e que constituem, ainda hoje, aspectos primordiais para o entendimento acerca do próprio conhecimento das faculdades e condições humanas.

A procura por idéias claras e distintas encontra na razão sua evidência, na matemática seu ideal realizado e aplicado a todas as áreas do conhecimento. A independência da experiência para a validade dessas idéias expressa o intuito de Descartes em construir a matemática universal. A intuição dos elos entre as cadeias de razões é direcionada pela clareza das matemáticas cujas demonstrações são sempre coerentes e perfeitas. O idealismo cartesiano é uma das respostas dadas na Modernidade às inseguranças típicas nesse fértil momento de crise.

1.3. Giambattista Vico e a teoria do conhecimento cartesiano

O primeiro registro em que Vico se reporta a Descartes está na aula magna proferida na abertura do ano acadêmico da Universidade Régia dos Estudos de Nápoles, mesmo omitindo o nome do filósofo francês, as palavras de Vico dão contornos às *Meditações* cartesianas, tendo-as na conta de filosofia divina:

[...] também a filosofia divina cria com a dedução um longo raciocínio e uma longa série de argumentações e demonstra que toda afirmação se origina da anterior e que são racionalmente interligadas em todos os raciocínios com os quais o homem, e dizê-lo talvez seja muito audacioso, procede e ascende do conhecimento de si mesmo ao de Deus. (*Or. I*, p. 85).

É certo que o louvor à filosofia divina não omite o reconhecimento de que o *cogito* é o motivo perene da filosofia, e na aula magna de 18 de outubro de 1699 o argumento remontava a Sócrates e foi apresentado por Vico com estas palavras: “O conhecimento de si mesmo é de suma importância para cada um levar a cabo em breve tempo o estudo do ciclo completo das doutrinas” (*Or. I*, p. 73), contudo, Descartes e os modernos foram capazes de conduzir a investigação humana a bom termo segundo as perspectivas aqui consideradas sobre sua contemporaneidade. Nas ocasiões públicas Vico se dirigia a Descartes com sincera reverência, não só pelo sublime filósofo que foi, mas também pelas contribuições deixadas no âmbito das ciências, registrando sua reverência em algumas ocasiões, tal na última aula magna preservada, a de 1732⁹, apresentando o elogio ao filósofo francês: “O importantíssimo Descartes observou o movimento de uma pedra lançada por uma funda, e concebeu um novo sistema de física” (*De Mente*, p. 167).

No intervalo que separa a primeira da última aula magna foi preenchido pelas críticas endereçadas pelo filósofo italiano ao pensador francês. As críticas são contundentes nos livros de 1709 e 1710, o *De rat.* e o *De ant.* O *De nostri temporis studiorum ratione* – O método dos estudos do nosso tempo resultou da aula magna proferida em 1708 e é portanto um escrito de

⁹ Esta aula marcou a reconciliação de Vico com a congregação da universidade, pois desde 1723 ele havia se colocado distante dos assuntos universitários por se considerar prejudicado em um concurso para a cátedra matutina de Direito, de maior status e melhor remuneração que aquela de Retórica. A congregação em sinal de reconhecimento à contribuição de Vico se encarregou de publicar imediatamente a aula, que para muitos biógrafos foi o canto do cisne; o argumento que dá título a aula parecia ter este tom de despedida e de exortação para aquilo que Vico mais cultivou: o espírito heróico, assim compareceu o título no volume impresso: *De mente heroica*.

natureza educacional voltado para a formação das crianças e adolescentes. A *De antiqüíssima italarum sapientia ex linguae latinae originibus eruenda* – A antiqüíssima sabedoria dos italianos ensinada a partir das origens da língua latina constituiu um projeto editorial composto de três livros: o primeiro metafísico, o segundo físico, o terceiro moral. A motivação para a pesquisa da sabedoria dos antigos foi encontrada em obras similares deixadas por Platão e Bacon, a mudança de posição do pensamento viquiano denota o seu afastamento daqueles autores considerados paradigmáticos em sua autobiografia e a busca de novas referências, entre elas a de Descartes é inegável. Nesses escritos mencionados acima, a crítica é dirigida com vigor à posteridade cartesiana e aos racionalistas (Malebranche, Arnauld). Certamente o nome de Descartes não é omitido, mas, no entanto, a crítica se faz acompanhar do reconhecimento explícito, mesmo que o nome do filósofo francês não venha mencionado, dentre outras passagens é o que se constata neste parágrafo do livro de 1710:

Porque não nos é dado configurar senão as coisas que recordamos, nem recordar senão aquelas que percebemos com os sentidos. Certamente nenhum pintor jamais pintou qualquer espécie de planta ou de animais os quais a natureza na tenha oferecido o modelo; e, quanto a estes hipógrifos e centauros, eles são, substancialmente, coisas verdadeiras, existentes na natureza misturados com o falso. (*De ant.*, p. 205).¹⁰

A presença dos ensinamentos de Descartes nas obras de Vico exigem cautela no pronunciamento do anti-cartesianismo; certamente Vico estabeleceu uma relação original com o filósofo francês, assimilando a novidade da sua filosofia e ponderando sobre a incapacidade da aplicação do método dedutivo na investigação das coisas humanas. É preciso conceber o homem em sua dimensão natural, detendo-se no funcionamento dos seus órgãos e de como eles afetam e fazem funcionar o entendimento humano. A concepção racionalista tem por princípio a razão como imanente e fundamento do homem. Descartes estrutura sua proposta

¹⁰ Esta passagem da *De ant.* reproduz o raciocínio de Descartes contido na primeira meditação, no momento em que Descartes se reportou à imaginação a diferença entre os dois textos está apenas na escolha das figuras mitológicas, Descartes optou pelos sátiros e sereias, Vico pelos hipógrifos e centauros; Humberto Guido assinalou a filiação do texto viquiano à célebre passagem das *Meditações* (2004) em sua intervenção no congresso internacional de 1999, “Pensar para el nuevo siglo: Giambattista Vico y la cultura europea”, realizado em Sevilha, em seu trabalho chamou a atenção para esta omissão da referência a Descartes na edição canônica das obras de Vico feitas por Fausto Nicolini, o que talvez tenha ocorrido para reforçar o suposto anti-cartesianismo de Vico (GUIDO, 2002, p. 182).

na admissão das matemáticas como fundamento de todo e qualquer conhecimento que se pretende verdadeiro; em outras palavras, o pensamento abstrato assume *status* de verdade absoluta e permite a leitura dos movimentos da natureza física. A nova possibilidade apresentada amplia as condições para o desenvolvimento e o aprimoramento das ciências e das concepções humanas. Contra a unilateralidade da ciência cartesiana Vico se colocou na estrada moderna do pensamento para conseguir promover as humanidades à esfera da ciência rigorosa.

Diferente dos modelos do século XVII, Vico concebe o progresso como algo humano que traz consigo a natureza apreendida e entendida pelo homem que, então, é o modelador dos significados dessa natureza por meio dos seus atributos próprios. A natureza possui uma linguagem pela qual expressa o que o homem deseja ouvir; e através da cognição dessa linguagem primordial se realiza o processo no qual o homem precisa vencer o medo para conhecê-la e dominá-la, mediante o esforço para realizar seus anseios e necessidades, construindo, assim, a sua história. Com o objetivo de dominação da natureza, o conhecimento moderno se desenvolve baseado na concepção utilitarista segundo a qual apenas os fins são considerados, enquanto que os meios participam dos processos apenas na condição de instrumentos, e não como parte fundamental a ser avaliada tendo em vista as implicações do conhecimento, do método e da ciência sobre as condições de vida dos homens. A física moderna é considerada em seu tempo como o cerne das novas possibilidades científicas e representa, por um lado, o rompimento com os limites impostos pelas tradições culturais e religiosas da escolástica que se contrapunham ao desenvolvimento dos saberes humanos, e por outro à redução dos estudos ao campo da matéria em movimento. A metafísica se apresenta como a prova da existência de Deus pela diferenciação das razões naturais e das razões humanas na busca e na constituição do método e do conhecimento, intuindo a intenção do intelecto divino. Acerca da nova perspectiva aqui analisada, porém, Vico critica a apropriação moderna da razão cartesiana enquanto instrumento absoluto no desenvolvimento das faculdades humanas em decorrência dos seus mecanismos de dominação da natureza e do próprio homem. Admite que o esforço por compreender o intelecto divino não contribui para o aperfeiçoamento intelectual, científico e moral humano – e reelabora, a partir dessa crítica, a concepção de metafísica durante o desenvolvimento da *Nova Ciência*.

Para Vico, o *cogito*: “penso, logo existo” (DESCARTES, 1987, p. 47), propõe uma noção de conhecimento do homem sobre si mesmo que não abarca a totalidade almejada pelo

método cartesiano, pois Vico reconhece a possibilidade de conhecimento total somente daquilo que é feito pelo homem. Assim, o homem que não é produto de si mesmo, mas de um criador, obtém de si mesmo, no máximo, uma consciência que não constitui uma ciência. Com base nesse mesmo argumento, a demonstração a priori da existência de Deus também é descartada. Outro fundamento das críticas viquianas é o critério universal para se chegar à verdade, constituído pelas idéias claras e distintas. O que é reconhecido em seu tempo como uma verdade clara e distinta, pela ação do tempo, pode ser desconsiderada, transformada e elucidada de acordo com os critérios criados pelos homens e não por critérios revelados ou iluminados.

Sobre o estabelecimento de um método para aquisição de conhecimento, Vico realiza uma releitura e estuda aspectos do desenvolvimento do intelecto humano que constituem, para ele, o processo do desenvolvimento da razão em si. Assim, não apresenta uma forma definitiva, mas um conjunto de ciclos e recorrências, que se expressam no conjunto dos diversos conhecimentos das culturas, em suma, da multiplicidade peculiar à condição humana. Esse procedimento permite a valoração e o estudo dos saberes produzidos pelos diversos povos em diferentes lugares e diferentes épocas. Os meios pelos quais o conhecimento, a ciência, a técnica e o progresso são alcançados, portanto, são importantes para a elaboração do mundo da cultura, segundo o objetivo de contribuir para a melhoria da condição humana; objetivo sempre determinante de uma nova abordagem sobre os meios empregados para tal fim. Os meios são dados tanto pelo método que determina os objetos considerados quanto pelos instrumentos utilizados e pela maneira como a investigação realizar-se-á e os resultados a que se chegarão. A metodologia viquiana incide em uma ciência rememorativa voltada para a análise do desenvolvimento da mente humana, o que implica na necessidade da incursão nas mentes dos povos por meio da investigação dos processos do desenvolvimento dos valores humanos.

O sistema cartesiano dedutivo pretende, através de um sistema fechado, deduzir a verdade preocupando-se com o procedimento formal da investigação. Este percurso não oferece ao final o signo, desconsiderando todas as expressões humanas, linguagens, história e cultura na definição da verdade. Vico, no entanto, relaciona na *Ciência Nova* o signo e o objeto; considera alguns aspectos do racionalismo cartesiano, mas não reconhece o absolutismo da matemática e, sim, a considera como produto da mente humana moderna, isto é, fictícia, apesar da sua lógica (*De ant.*, p. 295). A certeza das demonstrações matemáticas resulta do

que faz o homem, em outras palavras, da certeza dos homens que as faz exatas e que dessa forma contribui para o avanço nas concepções científicas, tecnológicas e sociais. Inicia, assim, a apresentação do que denomina *verum factum* – a leitura dos feitos humanos convertidos em verdade que é a reciprocidade do agir e do verdadeiro, pois o pensamento e a ação constituem a “dialética” que torna o homem humano-racional. Esclarece a oposição entre sua teoria do conhecimento e a de Descartes quando se volta para a fundamentação epistemológica das certezas humanas baseadas no verossímil. A ciência viquiana se estrutura no conhecimento que alcança a verdade à priori, o *verum*; em outras palavras, a verdade é alcançada apenas sobre o objeto e sobre como se tornou, originalmente, o que é. A consciência é obtida sobre a realidade, sobre os eventos que pode o homem descrever, compreender seus movimentos, transformações, ciclos e imitá-los, sem, no entanto, conhecer sua origem. Esse conhecimento dos movimentos dos corpos e da imitação é próprio das ciências da natureza. Na *Ciência Nova*, Vico parte do certo presente em todo pensamento, e se desenvolve até conhecer o *verum* do que é dado ao homem conhecer, isto é, o *verum-factum* – verdade dos feitos humanos. Uma ciência pode ser estabelecida e desenvolvida por critérios válidos, segundo os feitos humanos, pois o suporte lógico necessário para a manutenção de uma ciência está no que, pelo pensamento, os homens elucidam e criam. Não se podem conhecer as razões originais da natureza, mas se podem conhecer as razões dos homens, do alcance da sua imaginação, suas intenções, suas limitações e imperfeições – e, assim, compreender as ações humanas e avançar, ampliando as possibilidades da sua razão e das suas ações.

A partir da distinção entre o conhecimento do certo e o conhecimento da verdade, Vico trabalha com a distinção e com a tecitura entre a filosofia (conhecimento da verdade) e a filologia (conhecimento do certo) que abarca, essa última, a gramática, a História, a cultura e todos os feitos dos povos que incluem as instituições organizadas pelos homens. No trabalho que pretende unificar a filosofia com a filologia, documentos de algumas nações (Egito, Grécia antiga, Roma antiga, Velho Testamento) são comparados com o intuito de observar suas leis e, assim, encontrar uma unidade no desenvolvimento do pensamento. O critério do certo é o senso comum de toda a espécie humana que se articula segundo as necessidades ou utilidades humanas. O *verum*, por sua vez, é legitimado pelo critério do feito. Na medida em que o mundo civil é criado, o raciocínio também se movimenta, articulando a epistemologia pelo cerne no qual o homem se faz homem, a saber, feitos, raciocínios, linguagens,

conhecimentos, articulação elucidada pela *Nova Ciência* que emerge do seu núcleo-história e desafia a modernidade com o diálogo do cerne filosofia-filologia. O homem se torna humano continuamente durante o processo histórico, pois somente assim, ele se torna capaz de utilizar mais amplamente seus potenciais. A história, por sua vez, representa “os passos realizados” pelo pensamento humano desde seus primórdios primitivos, constituindo ciclos do seu desenvolvimento.

A concepção cíclica da história é constantemente trabalhada na modernidade. Os ciclos viquianos, no entanto, apresentam características diferenciadas, a saber, os mecanismos de passagem de um ciclo para outro são explicados, bem como as diferenciações do pensamento no transcorrer de cada ciclo são apontadas. Ressaltando que “idéias uniformes originadas junto à totalidade dos povos, não conhecidos entre si, devem ter um motivo comum de verdade” (*Sn44*, § 144), as mudanças realizadas numa sociedade, comunidade ou cultura é investigada a partir dos seus elementos internos, das mudanças internas que se originam, sempre, nas mentes dos povos. O declínio, então, não se apresenta como a corrupção da moralidade, mas, sim, como elemento de um processo contínuo através do qual o homem aprimora sua capacidade para utilizar suas potencialidades racionais.

Os ciclos refletem a compreensão de Vico acerca do desenvolvimento humano, e cada ciclo apresenta características próprias dos estágios cognitivos do indivíduo. O primeiro ciclo é denominado idade dos deuses e constitui as comunidades primitivas de homens com débil raciocínio e forte imaginação. Aterrorizados pelo trovão-Júpiter, criam e estabelecem a propriedade, o cultivo do solo, a moralidade, a religião bárbara e o casamento. Com sua linguagem, inicialmente muda, gestual, depois metafórica, limitada, fantasiosa, enfrenta as desigualdades das primeiras organizações comunitárias familiares e amplia essa unidade reorganizada com o intuito de estabelecer a harmonia. O aumento dos agregados é também o aumento das diferenças, das tensões, dos conflitos e, como resposta às novas condições, são criados os Estados heróicos, referentes à idade dos heróis que configura o agrupamento de cidadão, aristocracia, servos, plebeus. A imaginação é ainda mais forte que o raciocínio, porém a metáfora já presente na idade dos deuses é mais elaborada, assim como as organizações sociais, as culturas, as produções artísticas, o corpo de leis e os valores comportamentais, morais, educacionais. As diferenças, mais uma vez, estabelecem o declínio que apresenta novas configurações, despontando no horizonte a filosofia e a democracia. A ampliação dos direitos é uma referência da idade dos homens, na qual a razão abstrata alcança

sua máxima potencialidade e possibilita grandes avanços tecnológicos, morais, jurídicos e culturais expressos na ampliação dos direitos.

A matéria escolhida por Vico parecia não ter lugar nas indagações metafísicas, a pretensão de intuir a intenção do intelecto divino. Vico admite a necessidade de uma metafísica da mente humana, pois somente o que é realizado pelo homem pode ser conhecido, o intelecto divino pertenceu aos poetas teólogos que criaram a fábula dos deuses e com elas fizeram nascer a sociedade civil (*Sn44*, § 340). A Sabedoria Divina, para Vico, se apresenta como as razões das criações divinas enquanto um objeto que não é dado ao conhecimento do homem; justifica, com isto, o limite da física moderna restrita à descrição da matéria e do seu movimento. A sabedoria humana resulta da providência divina e caracteriza-se enquanto a razão, como o entendimento inato no homem e proveniente da sua natureza em acordo com o estatuto racionalista moderno. Essa providência divina viquiana é uma força que tanto sustenta a existência do Universo e da vida, como também é o suporte para as realizações próprias dos homens, a racionalidade e a sociabilidade.

A providência, capaz de sustentar o mundo e o homem, está fora e dentro do mesmo homem e se associa com a razão não transmitida e não gerada humanamente. Apesar de gerada não humanamente, fundamenta as realizações dos homens e aponta, dessa forma, para a necessária e única via do esforço humano no desenvolvimento das suas potencialidades. A providência divina para Vico possui, então, um aspecto emancipatório e não coercitivo, pois ela é a força que sustenta o Universo e é inata ao homem pela sua razão, o que determina à espécie humana a irreversível condição de responsabilidade pelo aprimoramento das suas próprias faculdades. O homem é para o mundo da cultura e civil tal o que Deus é para o mundo da natureza, podendo a mente humana alterar o curso da história. A mentalidade racionalista moderna é incluída na constituição da *Ciência Nova* pela consideração das capacidades humanas ilimitadas, mas o percurso para o entendimento desse desenvolvimento é reelaborado pela constatação das suas próprias origens empíricas, sociais, da linguagem, da história universal e da história das mentes humanas registradas nos feitos humanos. As capacidades racionais, portanto, são capazes primeiramente da criação do mundo social e da cultura, para depois realizar os pensamentos abstratos.

A crítica cartesiana, fundamentada na dúvida, submete as ciências à matemática – nas ciências naturais a matemática deixa de ser contemplativa para ser ativa, possibilitando a reprodução dos fenômenos naturais pelo seu conhecimento, controle e manuseio. Ao descartar

os saberes humanos representados principalmente pela linguagem, o cartesianismo negligencia o vínculo que ela estabelece entre o objeto, o signo e o significado, entre o conhecimento e a realidade. Enquanto que para Descartes a narrativa histórica não apresenta a totalidade dos feitos humanos, Vico enfrenta a deficiência dessa questão através da força do *engenho*, isto é, da experiência do pensamento; ao mesmo tempo em que também estabelece a teologia¹¹ civil e racional da investigação das mentes dos povos em contraposição à metafísica clássica que pretende intuir o intelecto divino pelas matemáticas. O engenho não se limita à aplicação da matemática à leitura do movimento da natureza, mas é composto pela própria imaginação, capaz de criar seus caracteres e valores, de compor as ciências da natureza e de elucidar outros aspectos da epistemologia a partir da sua imaginativa origem.

Com base nessas questões fundamentais, *A Sabedoria Poética* é elaborada com o intuito de colaborar para o desenvolvimento da Filosofia que possui a capacidade de soerguer o homem, isto é, de humanizá-lo, capacitá-lo para a superação das dificuldades e para o desenvolvimento das suas faculdades intelectivas de forma a convergir em um homem, e um mundo, mais harmoniosos. Vico fundamenta a crítica quanto ao progresso moderno vertiginoso e técnico que estabelece uma relação com a natureza de dominação, escravista e desumana, retirando dela a lei de oferta e procura. O progresso viquiano surge como um ponto de resgate das forças humanizadoras presentes nas faculdades do homem, bem como nas relações estabelecidas com o conhecimento e com o mundo - o que amolda a noção de progresso num caráter humano e harmonioso, pois segundo essa ótica, a razão constitui-se também da própria natureza interna e externa a ser compreendida, elaborada, expressa na relação dialética da formação e manutenção da humanidade. Vico, portanto, não pretende eleger a Sabedora Poética como superior, mas a considera para nela encontrar os aspectos marcantes do desenvolvimento humano, pois ela é precedente às outras formas cognitivas do indivíduo e da sociedade.

¹¹ Teologia civil e racional – estudo referente à divindade e seus relacionamentos com os homens, configurando essa divindade como a elaboração humana e primitiva do universo na constituição das religiões bárbaras que alicerçam em conjunto com outros elementos, posteriormente, o mundo civil e racional.

CAPÍTULO II

A SABEDORIA DOS ANTIGOS: CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA SABEDORIA POÉTICA.

2.1. Os fundamentos da natureza humana e as origens do mundo das nações

A proposta viquiana presente na *Ciência Nova* apresenta uma teologia civil arrazoada pela providência divina que se contrapõe à teologia natural identificada por Giambattista Vico como a metafísica clássica que se estabelece na contemplação dos atributos de Deus, confirmando os movimentos dos corpos e a ordem física da Natureza. A teologia civil arrazoada é própria da *Ciência Nova* que se apresenta como um percurso contínuo através do seu método que aproxima a reflexão filosófica da filologia, isto é, aproxima a reflexão filosófica do verdadeiro sobre o certo presente na filologia que se torna base desse caminho. A investigação da providência divina perpassa a economia dos governos das famílias, que dá início à jurisprudência.

Para o entendimento acerca da razão que humaniza a espécie, o pensamento, que é anterior a qualquer código, ao significado articulado e à ordenação humana e civil, desponta da barbárie ferina como a possibilidade de ordenação, isto é, como o instrumento capaz de arrazoar os instintos ferinos. Na busca pelo percurso realizado pelo pensamento ferino que se habilitou e se autorizou com o tempo às criações, ciências e instituições modernas, a origem expressa a obscuridade das mentes humanas e, assim, suas limitações são resignificadas pelo olhar de G. Vico como a abertura pela qual a providência divina se articula com o mundo real. Os estatutos modernos sobre *o que é homem* não possuem um caráter absoluto de conhecimento para Vico e, no novo método aqui investigado, essa questão ultrapassada apresenta novas preocupações referentes às produções humanas, isto é, às coisas humanas (o certo).

A metafísica moderna, tal como prescreve a física moderna, delineia a extensão e o movimento dos corpos, confirma a ordem da física a partir da observação dos seus

movimentos e se apresenta, para G. Vico, como a teologia natural, pois os atributos de Deus presentes na natureza podem ser observados, mas jamais compreendidos na totalidade. As descrições das criações divinas não são ultrapassadas pelo intelecto humano incapaz de alcançar as origens dessas criações. A representação de que é capaz a ciência mecânica por meio das modernas Física e Mecânica, estruturadas pelo avanço epistemológico das novas aplicações das matemáticas e geometria, apresenta uma representação plana da natureza estruturada e desenvolvida pela leitura da ordem e da medida (movimento e extensão). O novo estatuto epistemológico viquiano pretende instaurar esse mesmo caráter para o estudo das coisas humanas, a saber, o estudo científico das humanidades, as Ciências Sociais. Inserido em seu tempo, o napolitano percorre o espaço de elaboração e surgimento da razão buscando, através do exercício filosófico, compreender e delinear as origens dessa que é, então, o ápice das potencialidades humanas.

Seu objeto é, portanto, a história das mentes dos povos que possui seu percurso compreendido a partir do não cognoscível. A ciência social possui uma linguagem própria considerada como parte do seu objeto de estudo e se diferencia da linguagem matemática ao não determinar diretamente os significados e ao exigir nova postura investigativa diante seus objetos. As matemáticas elucidam seus valores e significados no universo das abstrações partícipe do mundo interior, no qual e segundo as determinações do que alcançam e criam essas abstrações, determinam os critérios válidos e as bases epistemológicas dos saberes das ciências naturais. Humberto Guido em *O tempo e a História como elaboração da Memória*, reflete: “A razão no ato de pensar o mundo fora de si atua sobre ele e o assimila como domínio social e, simultaneamente, executa a tarefa de humanização de si mesma” (2006, pp.44). Os feitos humanos, então, gravitam pela esfera da subjetividade enquanto se concretizam por meio das palavras e do que estas possibilitam na materialização do mundo civil e da cultura. A dualidade cartesiana é redimensionada no resgate da universalidade do pensamento calcado nos atributos humanos que avançam de acordo com suas necessidades natural-culturais e, pelo novo espaço, é também – o racionalismo - reelaborado constantemente.

A providência é, portanto, um atributo divino presente no intelecto humano responsável pela conservação do gênero humano por capacitá-lo a enfrentar as adversidades. A existência da providência está na constatação da ordem e do fim da Natureza que garante a conservação do gênero humano e se realiza por meio da conservação da humana sociedade. A eterna

bondade de Deus está no aprimoramento constante dessa sociedade, que reflete o aprimoramento do ser humano que se desenvolve concomitantemente com a sua razão. No Método, Vico considera o racionalismo cartesiano como um forte expoente da humanidade, e reconhece a razão como o primor do gênero, mas amplia a concepção de razão, incluindo elementos como a fantasia, a ficção e a imaginação no processo da elaboração dos significados e da própria aquisição de uma razão mais abstrata e sistematizada. Na *Ciência Nova*, Vico afirma:

Donde a própria contínua prova que aqui se fará com o combinar e refletir se a nossa mente humana, na série dos possíveis, na qual nos é permitido compreender, e até onde isto é permitido, possa pensar ou mais ou menos ou outras causas daquelas donde se originam os efeitos deste mundo civil. O que fazendo, o leitor provará um divino prazer, nesse corpo mortal, ao contemplar nas divinas idéias este mundo de nações por toda a extensão de lugares, tempos e variedades; [...]. (*Sn44*, § 345).

Para Vico, as idéias divinas são contempladas pelo corpo mortal, isto é, é através da história e dos feitos humanos que pode o homem conhecer a si, ao universo e às suas potencialidades. Assim, a providência conserva o gênero humano pela habilidade a ele conferida de compreender, significar, intervir, transformar e socializar. Vico procura um ponto de mediação na tensão entre empiristas e racionalistas, pois a contemplação e a abstração próprias da razão são possíveis apenas com a experiência, com o percurso humano a partir da saída do isolamento ferino. Pela ordem da divina providência, o homem ferino e bárbaro, vivendo em total isolamento, frente aos perigos do mundo também bárbaro, sente forte temor que o impulsiona a divinizar esta natureza que recebe, pela mente obscura e ferina, significados e modelos semelhantes ao universo humano. Essa mente ferina, rude, obscura, através do primeiro pensamento humano no mundo que foi a idéia criada de deus, cria ordens civis baseadas no temor e no espanto o que determina uma frágil ordem civil que se aprimora com o tempo, mas que possibilita a aglomeração ao redor desta religião bárbara e do surgimento das primeiras expressões do mundo civil. O *conato* é um conceito presente na base do sistema viquiano e demonstra uma nova ordem criada a partir do primeiro pensamento humano no mundo. As paixões são instintivas e naturais, bem como o refrear é o

resultado das possibilidades articuladas entre o instinto e a realidade por meio da educação e da ocasião que tornam existentes o hábito, isto é, a sociabilidade, o mundo civil. O *conato*, segundo Vico:

[...] é próprio da vontade humana, de ter sob freio os movimentos impressos na mente pelo corpo, para ou aquietá-los de fato, que é próprio do homem sábio, ou ao menos dar-lhes outra direção para usos melhores, que é do homem civil. Esse refrear o movimento dos corpos ele é certamente um efeito da liberdade do arbítrio humano, e, assim, da livre vontade, a qual é domicílio e sede de todas as virtudes e, dentre outras, do justo, pela qual informada, a vontade é o motivo do justo e de todos os direitos ditados pelo justo. Porque dar conato aos corpos é dar-lhes liberdade para regular seus movimentos, quando todos os corpos são agentes necessários na natureza [...]. (*Sn44*, § 340).

Ao elaborar as provas teológicas da nova ciência, Vico aponta para as fundamentações da distinção entre ciência divina e ciência humana. Essas provas teológicas têm por princípio, isto é, são estabelecidas, compreendidas e elaboradas pelo raciocínio como o que não pode ser alcançado pelo intelecto humano, a saber, a totalidade inalcançável das coisas divinas. A partir dos aspectos que ultrapassam as capacidades humanas, que se diferenciam no tempo e no espaço, mas que se igualam pelas diversas expressões do mesmo ato do pensamento, a humanidade aprimora ao máximo sua potencialidade que, por via de acesso ao conhecimento, ao entendimento das coisas humanas, esse mesmo caminho se apresenta como constante constructo, bem como suas realizações. No enfrentamento da natureza rude e bárbara pelos primeiros homens também rudes e bárbaros, a providência divina presente como gérmen das habilidades agiram sobre o mundo e sobre o homem, pelo exercício unicamente humano, pelo compromisso dessa espécie em se manter viva e afirmar a função da razão como o seu diferencial no mundo. As questões e significados referentes às coisas humanas, portanto, se descortinam ao homem moderno, filosófico, científico, abstrato “com uma severa análise dos pensamentos humanos sobre as necessidades humanas ou utilidades da vida sociável, que são as duas fontes perenes do direito natural das gentes.” (*Sn44*, § 347).

A *Ciência nova* é, então, uma história do percurso da mente humana que se inicia segundo a forma como devem as ciências começar, isto é, a partir do início das matérias; mas a

significação, a cognição destas matérias se dá evocando em que os primeiros homens começaram a pensar humanamente (*Sn44*, § 338). A distinção das duas ciências é legitimada pela limitação do intelecto humano que não pode conhecer as razões do intelecto divino, porém, dessa constatação, Vico aponta para o conteúdo ilimitado do agir humano. O agir humano é uma potencialidade advinda do intelecto humano conferido pela mente divina e ilimitada. O carácter autónomo da ação é o que garante o desenvolvimento contínuo do intelecto, pois é ele que deve significar, comunicar, modelar e transformar. A limitação do saber científico e da intelecção humana é, para Vico, o caminho da emancipação, pois são esses limites que devem ser superados, para que o homem permaneça no caminho dialético do aperfeiçoamento e da emancipação. A base filológica para a investigação filosófica se mantém no método como o princípio mesmo da humanidade e do seu agir e pensar. A linguagem, tão diversa quanto as significações e as realizações, registra na memória, através dos vários signos criados, os percursos das mentes e das ações pela razão governada. De acordo com Guido:

O resultado da ação do entendimento se faz visível nos eventos humanos. As ações humanas são permeadas pela intencionalidade, de modo que a linguagem não é abstrata e imediatamente idêntica ao pensamento; diferentemente do formalismo matemático, a linguagem cotidiana é constituída de conexões semânticas, que na reciprocidade – com o pensamento e com a linguagem – ora revela, ora oculta a intencionalidade das ações humanas. (2006, p. 44).

A Filosofia da História de Giambattista Vico propõe a admissão de outro olhar para a sabedoria dos antigos, diferente, tanto da nostalgia evocada nas páginas de Platão e Bacon quanto do desprezo dos modernos pela tradição. O equívoco dos dois partidos foi o de não admitir o que é o mais sensato: os primeiros homens, tal como as crianças do gênero humano, foram poetas e falaram por intermédio das fábulas poéticas. A nova sabedoria é a interpretação das fábulas, dos signos sensíveis e das metáforas. A redescoberta dos tempos obscuros e fabulosos permite, segundo Vico, a conservação da memória dos fundamentos da sociabilidade humana, sem o que não é possível a superação da intolerância para a instauração da idade dos homens, fazendo prosperar as qualidades que humanizam a espécie e permitem a

manutenção da mesma, a saber, as expressões que retirem o homem dos estados de isolamento – a manutenção dos fundamentos do mundo civil, a sociabilidade, a interlocução capaz de agrupar e reunir os indivíduos em torno de um significado partilhado enquanto objeto e significado. Os princípios da Ciência Nova são a providência que avança entre as trevas do primeiro pensamento e expande suas potencialidades; a moderação das paixões, por meio do *conatu*, que estrutura os matrimônios e as outras regras sociais posteriores; e a imortalidade das almas humanas que articulam o desenvolvimento do primeiro pensamento na elaboração das religiões bárbaras e da economia das famílias, delimitando e criando a participação do divino no cotidiano e a significação da terra provedora e mantenedora das gerações futuras. O critério admitido como o fundamento das regras da vida social está no que é reconhecido e legitimado pela maioria dos homens agrupados, pois apresenta princípios e critérios que harmonizam a sabedoria vulgar filológica com a sabedoria oculta filosófica; e expressa os limites da razão humana que, assim, amplia o horizonte do agir humano. O embate com a filosofia moderna é ressaltado na *Ciência nova* pela perspectiva filosófica que incide em uma ciência rememorativa voltada para a análise do desenvolvimento das mentes humanas, compreendendo o estatuto de verdadeiro da filosofia pelo prisma da investigação do certo, da filologia; pois o certo da legislação é a execução da moral, isto é, baseia-se na observação do vocabulário mental, dos significados presentes na parte obscura do percurso realizado pelas mentes até o aprimoramento da inteligência representada na organização social, nos feitos humanos, no hábito moralmente cultivado.

A sabedoria poética torna possível o tratamento filosófico da moral, tendo-a como fundamento para a elaboração de todo arcabouço das leis, das normas e da jurisprudência. Os limites, portanto, emergem no método, como um ponto de apoio para a superação de novos problemas, e como referência para a compreensão dos novos estatutos científicos e filosóficos modernos para o entendimento de que as potencialidades humanas estão sempre por serem aprimoradas e descobertas, para que a sociabilidade encontre o espaço digno no mundo civil e nas suas instituições e saberes, para que o rompimento com o isolamento seja sempre um objetivo resguardado pelo refinamento do olhar do homem sobre si mesmo através da elucidação contínua do seu caráter permanentemente social. O resgate da memória devolve ao homem a dimensão divina da mente humana e eleva o estudo do mundo civil ao horizonte da ciência:

A memória para Vico é a mentalidade comum da humanidade que promove a imanência do passado no presente, preservando os valores sociais que sustentam a sociedade humana, assim como os mitos gregos sustentaram por um determinado período a sua sociedade. Os resíduos das fábulas gregas permaneceram durante a fixação da sociedade mediterrânea, [...] até sedimentarem a nova cultura ocidental. (GUIDO, 2006, p.45).

Uma vez fixada a comunidade humana no mundo, o estabelecimento dos laços sociais dá aos membros desta sociedade a crença na imortalidade da alma, pois ela emerge como outro elemento na configuração primordial do processo por rompimento com o isolamento ferino e por manutenção da espécie humana no mundo. O sepultamento dos corpos confirma a ordem do divino no homem tanto pela criação do divino, quanto pela relação humana com a terra modelada pelos significados originados do trabalho e da manutenção da vida – identificando este homem com o divino, advindo das suas limitações cognitivas, tanto quanto com a terra e a natureza. A terra de semeadura e sepultamento torna-se espaço de um homem capaz de construir um elo semântico entre cada elemento da relação complexa criada que propiciou, juntamente com a providência divina – caracterizada por motricidade, e o *conatu* – o refrear das paixões e a elaboração da moral, a potencialidade do primeiro pensamento e de todos os outros vindouros. A imortalidade da alma expressa o espanto frente à imensidão do universo humano capaz de indagar, mesmo que ferinamente, a respeito das suas necessidades e de se reconhecer frente a interlocutores constituídos por meio unicamente da sua atuação sobre o mundo. Essa característica formaliza a permanência da espécie humana no mundo através das contradições das suas elaborações, bem como da beleza das suas criações e do seu mundo civil e da cultura, que agrupando os vários indivíduos, confere uma dada imortalidade através da sociedade humana. Ao atestar, no entanto, o estatuto divino para a providência presente na forma de razão humana, Vico estabelece a ordem do divino no homem e, assumindo seu humanismo, eleva o homem ao divino, ao infinito, através das suas capacidades. A memória que permite a elucidação da elevação aqui analisada é também o cerne do novo horizonte que se abre enquanto nova postura filosófica com considerações inusitadas para a investigação que, ao assumir a filologia como o prisma do caminho, apresenta um horizonte tão ilimitado e possível quanto o é os humanos feitos e a razão. Na realização da emancipação calcada na teologia civil arrazoada pela memória, os significados são ampliados e remodelados por meio da universalidade das regras sociais para a manutenção da humanidade. Assim, o método

exige que nova postura seja formulada através de uma postura crítica, filosoficamente através dos eixos filológicos do real, do mundo civil – considerando essas expressões, as máximas do desenvolvimento do homem.

2.2. A sabedoria poética: a arte como expressão do mundo das nações em suas origens.

A barbárie do homem primitivo é caracterizada também pelo isolamento ferino, sendo esta vida solitária para Vico insuportável. O rompimento com o isolamento tornou-se possível, inicialmente, com o primeiro pensamento humano no mundo (Júpiter), que o conectou a tantos outros. Dessa forma inata, por meio da razão natural, a providência divina participa da criação do mundo civil e do desenvolvimento da razão que constituem o conceito de história viquiano. O percurso do esforço humano por entender e por estabelecer vínculos com seus semelhantes e com o mundo se dá concomitantemente com a atribuição de significados ao universo pela mente inicialmente primitiva. O significado é fixado e, conseqüentemente, aprimorado através das diversas formas de linguagem, de palavras articuladas ou não. O significado das coisas e o desenvolvimento da razão, segundo o esforço para conhecer o mundo e as coisas, expressam-se e se realizam nas criações humanas – frutos das mentes inaptas às abstrações, porém muito ricas em imaginação.

As criações humanas são objeto do possível conhecimento humano e constituem a sabedoria humana presente e expressa naquilo que Vico denomina de *poesia*. Alfredo Bosi, em *O ser e o Tempo da Poesia*, considerando as definições contidas na *Ciência Nova*, obra principal de Vico, acerca das possibilidades e origens epistemológicas, afirma: “Ao homem, pensa Vico, é dado conhecer por dentro só o que ele e os outros homens fizeram, isto é, a História, a poesia, a religião, a política, o direito. A teoria das ciências do homem é a teoria que sua práxis tornou possível; pelo que, a filosofia é sempre metodologia da cultura como trabalho humano” (2000, p.230).

Assim, o significado da poesia viquiana está para o conjunto das expressões existenciais do homem; mas afinal, o quê isso compõe no interior da Ciência Nova e o que elucida? Vico define a poesia como a fonte originária da elaboração do conhecimento humano, bem como o

resultado do esforço por encontrar respostas. Com a ciência rememorativa, ele pretende contribuir para o resgate da força criativa como objeto de estudo e da experiência social, da qual **a memória é o fundamento** para o desenvolvimento das faculdades do homem. A proposta viquiana apresenta nova ciência constituindo uma filosofia emancipatória que, através de uma visão humanista, considera as mudanças da linguagem como reflexos dos anseios dos homens, seus avanços científicos, sociais e intelectuais. Todo processo parte da vontade natural de conhecer o desconhecido, pois o desconhecido é o que permite o desenvolvimento das faculdades inatas capazes de encontrar, ou melhor, de criar as respostas necessárias para a manutenção da vida humana e do processo de aperfeiçoamento das suas capacidades que ampliam seu universo, isto é, a codificação deste universo. A vontade determina a orientação e a permanência num caminho de procura suscitado pela momentânea ausência de conhecimento. Esse processo, porém, é comum e real para todos os indivíduos e todas as comunidades, diferentemente em cada cultura, mas univocamente segundo as faculdades humanas.

Nos tempos primitivos, para Vico tempos de barbárie, a característica predominante é o isolamento do sujeito, sendo a linguagem limitada e não constituída de palavras articuladas; o pensamento existente não encontra na mente meios de expressão elaborados e nem de raciocínios abstratos. Assim, o primeiro pensamento humano nascido no mundo resulta de um espanto e um temor frente ao desconhecido, representado pelo Raio. O primeiro pensamento identifica o objeto como Júpiter e expressa um sentimento religioso, de uma religião natural e espontânea – diferente do sentimento medieval, moderno ou contemporâneo. O isolamento expressa a limitação racional e lingüística de um homem que vaga nas densas selvas de uma natureza que, transformada pelas exalações secas, manifesta sua força pelo trovão capaz de atordoar o ser ferino que, desperto pelo temor, parte para a realização de novas possibilidades, iniciando, assim, o movimento denso para romper com o isolamento. A linguagem que se origina aí não é constituída de palavras articuladas, sendo predominantemente muda, por gestos/atos; cumpre sua função de fixar a idéia do objeto dado – por exemplo, Júpiter – e a idéia permanece nas mentes durante o transcorrer do tempo e da história. A permanência de uma idéia advém da fixação do significado dado e compreendido pelos membros de uma mesma comunidade; assim é o princípio das relações que formam uma comunidade precária baseada nas necessidades e que constituem os primeiros passos humanos no rompimento com o isolamento e com a barbárie.

O primeiro pensamento é uma cognição sentida e imaginada da divindade que permite ao homem atemorizado exercitar constantemente a busca por conhecimento; assim, ele luta para permanecer vivo enquanto espécie. Fruto do primeiro pensamento é a **primeira ação no reconhecimento comum** de Júpiter, que assume para todos os diferentes povos nomes diversos, mas sempre o mesmo caráter. Os atributos de Júpiter são criados por uma mente imaginativa que transfere para a divindade características próprias dos anseios do homem, que reconhece na voz da natureza o que deseja e o que é capaz de ouvir. Vico se valeu da velha máxima, segundo a qual (1999, p. 103) define: “[...] o homem ignorante faz de si regra do Universo” (*Sn44*, § 120). A barbárie, ou a infância do gênero humano, caracterizou-se pelas mentes robustas em imaginação, capazes de fingirem para si de maneira tão sincera que acreditavam ser, as imagens das suas fantasias, a verdade (*Sn44*, § 367). Vico foi enfático no engano produzido pela presunção dos doutos e das nações, querendo que a sabedoria dos antigos fosse culta, iluminada, reflexiva, mas na realidade ela foi o oposto desta pretensão, sendo todos os começos das coisas humanas pequenos, rudes e obscuros (*Sn44*, § 123) e acrescentou:

[...] os primeiros homens, como crianças do gênero humano, não sendo capazes de formar os gêneros inteligíveis das coisas, tiveram natural necessidade de imaginar os caracteres poéticos, que são os gêneros ou universais fantásticos, como que para reduzir a certos modelos, ou até retratos ideais, todas as espécies particulares de cada gênero assemelhadas; por cuja semelhança, as antigas fábulas não se podiam imaginar senão com decoro. (*Sn44*, § 209).

Tal como as crianças, os primeiros homens não dispunham de um léxico amplo e rico em expressões abstratas, pois a condição cognitiva desses primitivos era marcada pela indigência da língua e o entendimento atrofiado. Estas duas limitações foram, paradoxalmente, as duas fontes sublimes das locuções poéticas, que exprimiam a necessidade inata de se comunicar, sendo preciso, para tanto, o estabelecimento dos laços sociais. Vico definiu o uso da razão e a sociabilidade como as qualidades que firmam a natureza humana:

O mais sublime trabalho da poesia é dar às coisas inanimadas dar sentido e paixão, e é propriedade das crianças o tomar coisas inanimadas entre as mãos e, entretendo-se, falar-lhes como se fossem pessoas vivas.

Essa dignidade filológico-filosófica confirma que os homens do mundo infantil, por natureza, foram sublimes poetas. (*Sn44*, § 186 e 187).

A satisfação das necessidades elementares possibilita o estabelecimento dos vínculos humanos por meio da precária comunicação e esta, por sua vez, se dá fundamentalmente através da definição significativa, isto é, do significado definido através das primeiras coisas apreendidas pelo temor e pelo espanto. A definição do significado determina a mudança, tanto nas mentes dos povos, quanto em seus hábitos. Os primeiros homens, assim, tornaram-se diferentes dos outros animais a partir deste momento em que se conscientizam dos pequenos detalhes apresentados pelo significado proveniente do primeiro pensamento que delimita, moraliza e educa. A comunicação estabelece o Estado de família não totalmente civil, constituindo o Estado da idade da infância do homem no mundo ou a idade dos deuses. A criação posterior da sociedade civil, na idade dos heróis, advém das disputas agrárias nas quais os fâmulos (agregados) reivindicam direitos expressando, então, o aspecto racional da intencionalidade resultante do contínuo desenvolvimento das faculdades mentais.

A organização social trouxe consigo transformações para o comportamento humano, portanto, a produção social do pensamento é a expressão dos ciclos de tolerância e intolerância – em cada momento os homens se organizam de acordo com suas necessidades e capacidades, através da adaptação de todas as partes no entendimento dos significados dados aos aspectos das relações e produções sociais. Num determinado momento, então, há um equilíbrio pela submissão, por exemplo, dos gentios às potestades para a sobrevivência de ambas as partes. Quando alguma característica da organização torna-se insuportável através da mudança das necessidades, a intolerância movimenta o homem para a efetivação das transformações naquela organização, transformando o meio, a ordem e os significados.

Em todas as épocas da sua existência, a humanidade, valendo-se do esforço de cada um por intermédio das faculdades mentais, procura articular, relacionar, significar e resignificar as coisas dispersas, pois assim é possível delimitar a relação com a natureza ainda desconhecida e temerosa, para efetivar a sobrevivência do gênero humano. O exercício das faculdades cognitivas retira da natureza o que pode tornar o homem imortal e essa realização

se dá na constituição da imortalidade enquanto ser social. Para efetivar a sociabilidade foi necessário, primeiro, o rompimento com o isolamento ferino. Disto resultou o desenvolvimento de um instrumento intelectual denominado por Vico de *conato*, isto é, capacidade de autocontrole tendo em vista a preservação da vida. Considerando a natureza dos homens primitivos e selvagens, violentos e egoístas, a necessidade de auto-preservação desenvolve no homem potencialidades capazes de superar as fragilidades presentes em suas características naturais frente à barbárie do mundo e do início da história humana. Na articulação social em torno da sobrevivência da espécie, as fragilidades são superadas pelo desenvolvimento do *conato*, isto é, do entendimento acerca dos limites necessários – entendimento esse mais sentido do que raciocinado num primeiro momento. A violência primitiva é reorientada para a manutenção da sociedade humana via *conato*, substituindo a destruição pela conservação, organizando o movimento de criação do mundo civil, logo, de racionalização.

No mundo primitivo, o papel do *conato* é desempenhado pela religião bárbara que possui, então, um papel de defesa, de limite e de permanência no processo do desenvolvimento racional. O conhecimento humano sempre oferece o que é necessário e útil para a permanência da espécie e se estabelece no mundo pelas faculdades do homem, pelo aperfeiçoamento individual e social realizável na relação “dialética” entre razão e realidade-mundo. Então, no decorrer dos ciclos de tolerância e intolerância, os registros dos feitos humanos atestam os princípios fabulosos de todas as nações, que se ordenam socialmente segundo três características, a saber, a providência, os matrimônios e o sepultamento. A primeira se estabelece no procedimento da condução do pensamento que inicialmente ilustra a cognição das divindades nas religiões bárbaras. A providência determina o ser humano enquanto um ser de razão e que tal razão tanto atua em seu interior, quanto se desenvolve concomitantemente com ação do indivíduo, pois o desenvolvimento da cognição depende do seu esforço e não de uma predeterminação divina ou histórica. Os matrimônios expressam o temor à divindade imaginada e estabelece limites nas relações sociais ao mesmo tempo em que expressam um sentimento de agregação familiar, desenvolvida com o tempo e caracterizada como a ampliação das possibilidades de sobrevivência dos pequenos grupos inseridos no grupo mais extenso da sociedade. Eles sinalizam para a perpetuação da vida em condições mais estáveis do que aquelas presentes no vagar ferino. O terceiro, o sepultamento, expressa a crença na imortalidade da alma. Esse aspecto contribui para a formação do direito

natural, pois dessa criação humana – o sepultamento – origina-se a propriedade privada, bem como também o sentimento de nobreza porque a propriedade descende da terra.

Na idade dos heróis, o homem supera a mediação expressa por gestos e gritos e passa a apresentar narrativas por meio de palavras articuladas. As primeiras narrativas são agrupamentos de universais fantásticos que expressam os mecanismos, o entendimento e as criações das mentes heróicas. As criações, nesse momento, são próprias de uma faculdade imaginativa forte, já que a razão abstrata é ainda fraca. Aqui, pela forte imaginação, toda a natureza é divinizada. A natureza humana heróica, robusta e rude configura a sabedoria poética que, segundo Vico, caracteriza-se por pequenez, aspereza e obscuridade. A contemplação realizada pelas mentes rudes é o princípio da sabedoria humana; fruto valoroso do trabalho árduo dos homens bárbaros que, com as faculdades restritas para a significação e a expressão das coisas todas do universo, conferiram pelo **esforço imaginativo** os significados divinos às coisas, fundamentando a continuidade do processo de desenvolvimento racional e social da humanidade. Os doutos modernos postulam para si a sabedoria mais antiga e a idéia fundadora da verdadeira sabedoria numa outra perspectiva. Vico reconhece na sabedoria bárbara a sabedoria mais antiga da humanidade e reconhece na sabedoria poética da idade dos heróis a mais antiga sabedoria que pode o homem conhecer através dos registros homéricos, a saber, os poemas *A Ilíada* e *A Odisséia*.

O estudo de Homero¹², então, significa rememorar e resgatar faculdades fundadoras do desenvolvimento racional que é o próprio aspecto humanizador e, portanto, responsável pela emancipação do gênero humano. O resgate e o estudo da força criativa, em outras palavras, da imaginação é parte primordial no cerne da *Ciência Nova*. De acordo com o sentido viquiano, as metáforas da sabedoria poética – a palavra mítica – são o melhor registro dos primórdios e resguardam a intensidade do significado da força criativa. Segundo Alfredo Bosi:

A linguagem originária que, pelo uso de mimese e semelhanças, animava toda a Natureza e dela fazia “um vasto corpo”, conseguia abreviar o hiato fatal entre o som-representação e o mundo. Em termos de uma lingüística de hoje, essa linguagem ainda não se assentara de todo no esquema da dupla articulação, pelo qual há, no interior do signo, elementos míticos, opacos, despidos de significado. A palavra mítica, ao contrário, tenderia a ser um projeto expressivo

¹² Este é o tema do terceiro capítulo desta dissertação.

imanentemente dotado de significação, assim como os gestos de desejo, do medo, do prazer e da dor, que recebem de um só golpe sentido e valor para a alma que os experimenta. (BOSI, 2000, p. 238).

O mito para Vico se apresenta como narrativa e, além dessa definição, ele é situado na fala, capaz de elaborar, criar e expressar a narrativa. O conhecimento do passado é possível pelo conhecimento da fala do passado. O mito, portanto, não é conhecimento científico moderno, não é conhecimento discursivo, ou constituinte de uma doutrina científica, mas conhecimento da fala. O mito contém uma sabedoria altamente refinada e inatingível e apenas sua narrativa é passível de investigação. Para que a máxima da verdade acerca da condição humana e dos seus processos cognitivos seja compreendida, a conexão com as narrativas, principalmente a mítica, deve ser realizada por meio de um método que reconheça a sabedoria poética como uma sabedoria anterior à filosófica.

As artes são consideradas como primordiais no estudo da criação da vida e do mundo sociais, pois deixam marcas permanentes dos diversos momentos da humanidade e que são objetos valiosos para essa arqueologia dos saberes. A produção artística se consolidou, nos primórdios, como uma produção vital para a existência da comunidade primitiva, pois era a mediação entre o mundo apreendido, a elaboração mental, a expressão e a criação de significados reconhecidos pelo grupo, isto é, a atividade do engenho, da memória.

A direção do método viquiano para a investigação filosófica da condição humana considera o que se encontra na história e no desenvolvimento da humanidade e ultrapassa o rigor científico modelado pelo *cogito*. A redescoberta dos tempos obscuros não pretende estabelecer uma sabedoria sublime, um sistema filosófico fechado, mas busca a sublimidade da produção de um conhecimento das mentes dos povos em suas diversas épocas. A *Ciência Nova* é mais um título justificado pela nova metodologia do que pela proposta de uma nova ciência pautada nos referenciais modernos, pois Vico não reconhece nas ciências e nas filosofias existentes o caráter absoluto postulado pelo conhecimento moderno, quanto não reivindica para si esse status. Na proposta aqui investigada, a realidade do mundo participa do objeto de investigação e do método que avança segundo seu cerne – a memória. Essa é a faculdade mental que **preserva a identidade humana no mundo**, enquanto meio pelo qual os significados são apreendidos. A concepção viquiana, no entanto, compreende a memória não somente como faculdade capaz de apreender e fixar os significados, mas

concomitantemente como a faculdade modeladora dos significados; em outras palavras, a memória ora apreende, ora modela significativamente as imagens, sendo a mesma faculdade imaginação e também memória composta ou dilatada. Imagem aqui não é somente o que é apreendido pela visão, mas o objeto em si, apreendido por meio das diversas faculdades que passam pelos sentidos, mas não se restringem a eles. Em a *Descoberta do Verdadeiro Homero*, Vico esclarece:

Que os caracteres poéticos, nos quais consiste a essência das fábulas, nasceram, por necessidade de natureza de abstrair as formas e as propriedades dos temas; e, em conseqüência, deve ter sido a maneira de pensar de inteiros povos, posto em tal necessidade de natureza, que ocorre nos tempos de sua maior barbárie. Das quais é eterna a propriedade sempre engrandecer as idéias dos particulares [...]. De cujo termo deve ser a razão: pois que a mente humana, que é indefinida, sendo atormentada pelo vigor dos sentidos, não pode diferentemente celebrar a quase divina natureza senão com a fantasia ampliando esses particulares. Donde talvez, junto aos poetas gregos e latinos, as imagens dos deuses e dos heróis pareçam sempre maiores que as dos homens; nos tempos bárbaros regressados as pinturas, particularmente do Pai eterno, Jesus Cristo, da Virgem Maria, se mostram de excessiva grandeza. (*Sn44*, § 816).¹³

Bosi percorreu não apenas as páginas da *Sn44* e se deteve também na *De ant*. Com base em suas leituras foi capaz de vislumbrar o estatuto da poesia:

Mas o que são essas *formas das coisas (rerum formae)* que a fantasia muda, separa, compõe? Seria a camada irreal dos objetos enquanto fantasmas gerados na interioridade do sujeito? Não parece ser bem essa a resposta de Vico. Mais do que psicólogo da criação mítica, ele é o antropólogo [...]. A produção dos fantasmas vincula-se à *experiência social* e o seu órgão primeiro é a *memória*: [...]

¹³ Inspirado nas considerações de Vico à poesia, Guido teceu o seguinte comentário a respeito da arte poética: A arte nos tempos arcaicos **serviu-se da voz e da memória** para transmitir de geração a geração aquelas coisas humanas geradoras do mundo da cultura, realizando um trabalho heróico de preservação da história social do mundo. As obras literárias dos tempos obscuros são de domínio público, elas foram extraídas do vivido para representar as relações sociais dos seus protagonistas que nas narrativas aparecem vestidos de personagens das epopéias, das tragédias e das comédias, em uma palavra, do drama das relações humanas. (GUIDO, 2004, p.136-137, grifos do autor).

A “força capaz de modelar imagens” é tanto a fantasia que produz mitos (ver o primeiro texto¹⁴) como a prática do poeta (segundo texto¹⁵). E uma e outra lidam com experiências retidas pela memória, que aparece como a faculdade poética de base. (2000, p.232-233, grifos do autor).

O resgate da força criativa se justifica no estudo da origem do desenvolvimento do entendimento que possui a memória como instrumento humanizador do próprio homem e, portanto, a proposta de resgate oferece para objeto de reflexão a necessidade de uma ciência rememorativa para o estabelecimento de uma filosofia emancipatória. Vico se detém no cuidado com a gênese do pensamento, da sociedade humana, da sociedade civil, da ciência, da cultura, da linguagem, entre outros. Considera, portanto, tudo o que participa da formação do homem e prossegue na busca pelo entendimento do processo no qual se dá o pensamento, a razão. O processo de aprimoramento racional, humano, social e, portanto, epistemológico, ao contrário de Descartes, não é individual, mas social e a sua abordagem acerca do direito natural possui uma perspectiva sem a formalidade jusnaturalista, que distancia a ordem das coisas existentes. Homero torna-se fonte inesgotável do direito natural dos povos antigos, pois a leitura deve necessariamente se apresentar em busca da realidade estudada – para conhecer os escritos dos antigos deve-se conhecer a sua linguagem. Na *Ciência nova*, Vico postula: “A ordem das idéias deve proceder segundo a ordem das coisas” (*Sn44*, § 238).

A dimensão anterior ao primeiro pensamento, no entanto, é inalcançável e o ser natural é diferente do ser social. O primeiro pensamento adquire aspecto fundamental na *Ciência Nova*, pois a primeira barbárie é necessária e imprescindível na constituição do ser humano e por ela deve começar a investigação filosófica. O primeiro pensamento resulta do esforço para o rompimento com o isolamento e inaugura o processo de atribuições significativas, isto é, de desenvolvimento do engenho capaz de dar forma à imaginação e tornar as figuras da imaginação algo a ser partilhado socialmente. Pela criação interminável da realidade através das faculdades intelectivas, a tarefa humana se realiza junto com a sua manutenção no mundo. O desenvolvimento das idéias se dá pelo processo de comunicação das significações primeiras que, somente assim, são aprimoradas.

No entanto, a investigação das leis, na jurisprudência, se faz necessária, para que o homem seja considerado pelo que ele “é”, para além dos estatutos tradicionais que

¹⁴ Primeiro texto: Livro primeiro da *Ciência Nova*.

¹⁵ Segundo texto: Livro segundo da mesma obra, intitulado *A Sabedoria Poética*.

demonstram como ele “deve ser”. A legislação, na concepção humanista do filósofo e estudioso da jurisprudência Giambattista Vico, auxilia o filósofo a pensar e a realizar sua tarefa no mundo. Sua elaboração parte do conhecimento específico da jurisprudência constituída pelos tribunais capacitados para interpretar e aplicar a lei; estabelecendo, necessariamente, forte vínculo entre o conceito da lei e a realidade do mundo civil. A sociabilidade, enfim, é considerada como inata ao homem, constituído por sua vez pelo processo incessante de racionalização e capacitação para viver harmoniosamente com as naturezas físicas e sociais, bem como com a sua própria natureza interna, que se localiza medianamente ente uma e outra. A singularidade da vida é considerada pela ótica do arquétipo e assume essa função nos elementos da proposta viquiana. A tomada do passado pela ótica do presente, tal como fazem os chamados jusnaturalistas, desconsidera o obscurantismo do primeiro pensamento e apresenta o passado com grande perda de significados essenciais na arqueologia do saber humano.

No primeiro estágio do desenvolvimento humano, o homem ganha o mundo através das faculdades cognitivas sensórias, que estabelecem uma relação direta e concreta com o mundo e, por isso mesmo, complexa, pois repleta de significados e poucos signos representativos, apesar da gama de gestos e gritos, quantitativamente e qualitativamente inferiores ao conjunto moderno de signos representativos. No segundo estágio, a imaginação denominada também de engenho e memória, povoa o mundo com a fantasia. No terceiro, as representações e os significados são reflexivos, raciocinados. Para o entendimento do surgimento do pensamento, cerne das reflexões de Vico, a consideração da força da imaginação é primordial, pois os primeiros homens fingiam para si de maneira tão sincera que acreditavam constituir, a sua imaginação, realidades. A poesia enquanto o conjunto das expressões humanas apresenta-se como a perspectiva universalizadora dos significados, o partilhar dos sentimentos frente à precariedade da palavra articulada. A providência que representa a racionalidade inata no homem surge, dessa forma, como parte constitutiva do conceito de história; pois as vontades e as necessidades humanas atuam sobre o mundo e manifestam o poder da razão que se atualiza por meio da relação com o real. A linguagem demonstra, enfim, as certezas do novo método investigativo acerca das verdades filosóficas com base no conhecimento da sociedade.

Vico estuda os poemas homéricos – sua linguagem – segundo seu método e apresenta aspectos fundamentais da história da humanidade e da sua identidade, bem como do desenvolvimento racional permanente. Homero representa os poetas teólogos da idade dos

heróis que expressam um arcabouço no qual a memória é rude e bárbara, enquanto a linguagem já constituída de palavras articuladas é capaz de elaborar uma fala dominada pelo homem. A comunicação se baseia numa linguagem cantada, característica tanto dos aspectos da fala primordial, quanto uma característica da tradição oral que exige, excessivamente, ora recursos para a apreensão de extensas narrativas, ora expressões capazes de fixar a atenção da platéia. Da mesma forma que o canto é imprescindível para o desenvolvimento da tradição oral, também é expressão de forte imaginação; e se apresenta de maneira diferente, isto é, cada rapsodo expressa de uma forma específica segundo seus atributos, interpretações, entendimentos e capacidades próprias um mesmo poema. A ausência do raciocínio mais elaborado, responsável em outro momento pela instituição – por exemplo - dos signos escritos, é compensada pela imaginação que permite ao homem a criação de respostas necessárias para a sua sobrevivência e para o seu aprimoramento constante. Os poetas criam e expressam através de uma palavra cantada e de um entendimento que brota dos sentimentos, enquanto que os filósofos, na Idade dos Homens, desenvolvem o entendimento raciocinado, a narrativa escrita, a palavra do diálogo. Nota-se que a poesia possui aspectos outros além do signo inscrito na palavra articulada, pois o canto possui determinado som, ritmo, melodia, harmonia, e as apresentações contam também com a exposição do corpo e suas atribuições específicas. A inspiração divina do poeta é estabelecida num contexto social, religioso e cultural e se estrutura segundo uma produção coletiva, uma representação da racionalidade em movimento engendrado coletivamente.

O sentimento próprio da palavra poética conecta o homem com as faculdades primárias fundamentais para o aperfeiçoamento intelectual; expressa uma criação de narrativas por meio de poucas palavras que, necessariamente estabelecem significados às coisas. Cada palavra, portanto, significa mais que um objeto, para ser fragmento ou uma história inteira. Homero é, entre os poetas mais antigos, o que inaugura a escrita e, portanto, o que melhor se aproxima dos primeiros poetas primitivos. Seu escudo representa um registro do ciclo poético. A tradição moderna reconhece as artes unicamente como patrimônio artístico, concepção ultrapassada por Vico, que contextualiza o patrimônio da humanidade por meio da política, sociedade, cultura e economia. Pela análise filológica e pelo resgate da importância da autoria dos trabalhos, ele aponta para a direção dos agentes sociais do passado, da forma como eles criavam para si e para o coletivo suas instituições e expressões existenciais;

elucidando a autoria coletiva de Homero que assume, então, a voz e a figura, não de um indivíduo-poeta, mas de um tempo, de uma nação e sua cognição.

Para conhecer, no entanto, a mente poética e suas idéias sentidas e imaginadas, o pensamento civilizado precisa resgatar as forças criativas, únicas capazes do conhecimento que aproxima o entendimento moderno das mentes poéticas. A mente civilizada e abstrata não concebe a poesia que é grandiosa nas mentes dos poetas teólogos e a sua origem é divina porque o homem possui, então, a capacidade de olhar para a natureza e de se encantar com ela – o encanto, o espanto, o sentimento que toma o homem, de primeiro golpe, confere às coisas o significado que permitirá o surgimento posterior dos raciocínios abstratos. A grandiosidade está na criação de uma cosmogonia através de uma linguagem limitada e que pode dispensar a escrita.

Os poemas de Homero apresentam as condições daquela determinada comunidade e expressam os valores criados por uma tradição existente e a relação de cada parte da sociedade com a mesma tradição. A manutenção dos valores é garantida por diversos aspectos da comunidade, como a educação (*Paidéia*), composta de determinantes que elucidam os próprios valores ensinados (por exemplo, a religião, a política e suas regras, a tradição oral – o que representa e o que oferece nas apresentações dos rapsodos). Os poemas aqui analisados são mais que simples narrativas, são testemunhos de uma época e são também resultados da tradição oral. A tradição na antiguidade e no mundo arcaico possui uma dinâmica e cumpre o papel de exteriorização e aprimoramento da memória, isto é, da manutenção dos aspectos humanizadores da natureza do homem; ela mantém viva a estrutura da sociabilidade que tanto se inicia com o primeiro pensamento, a primeira ação, a primeira linguagem, quanto representa e contribui com os processos da linguagem e da epistemologia humanas. A poesia, mais especificamente para a tradição homérica, portanto, é a ciência do Bem e do Mal, em outras palavras, a Sabedoria Poética que registra a autorização das leis, dos costumes e dos valores. Para Vico, a *Ciência nova* não é particular, pois não se refere à matéria (exclusivamente mundo dos ânimos, ou mundo civil). Seu esforço filosófico acompanha uma investigação filológica, pois a fundamentação da nova ciência está tanto no próprio pensamento que precisa de uma explicação, quanto nas expressões do pensamento estudado, desde as mais rudes até as mais elaboradas, encontrando na rudeza a origem imaginativa capaz de potencializar a criatividade – instrumento específico na utilização do engenho na elaboração de respostas e de novos caminhos. O pensamento se desenvolve

concomitantemente com o sentimento, com a linguagem articulada e não articulada, em suma, com a ação. O estudo filológico apresenta a ciência para a realidade, torna possível o conhecimento do mundo histórico através da orientação fundamental dada pela filosofia para realização das incursões propostas. O pensamento e a ação constituem a “dialética” que torna o homem humano-racional; assim, a filosofia viquiana se apresenta a partir dos saberes humanos que se fundamentam na poesia. Vico se dirige para os verdadeiros doutos do mundo que não se restringem à academia, mas que criam, constroem o mundo e os significados ordenadores da razão e da epistemologia.

No transcorrer da história da humanidade, na idade posterior à dos heróis – a idade dos homens, a razão, antes fortemente imaginativa, ultrapassa seus limites e alcança seu máximo grau de abstração. O processo que alcança alto desenvolvimento da abstração, porém, pode desencadear o retorno de algumas características dos tempos da barbárie em que, por falta de rememoração da força criativa, o homem se isola e se distancia do verdadeiro significado da linguagem. O desenvolvimento de uma linguagem altamente articulada não elimina da natureza humana os aspectos iniciais do processo de atualização intelectual. Bosi afirma:

Em tempos de aguda autoconsciência, a poesia mutua com o seu meio uma lucidez nova que adelgaça a sua carne e deixa transparecer uma armação óssea. Ela se dispõe, então, ao lado de um pensamento que analisa enquanto imagina, abstrai enquanto forma, depura enquanto cria. Sua matéria passa da aristotélica “imitação das ações humanas” ao “impossível crível”, fórmula viquiana e barroca do verossímil: produto da imaginação que deverá ser exorcizado com o selo do absurdo. (2000, p.246)

Ao buscar os fundamentos do pensamento humano, Vico descortina suas origens filológicas, históricas, sociais e culturais. Sua contribuição para o resgate da criatividade e da memória na constituição da racionalidade propõe reflexões que permitem a releitura dos clássicos; pois a palavra representa também uma maneira de se conhecer a realidade. Ao resgatar Homero, Vico resgata os saberes das pessoas e institui a metafísica dos saberes humanos, sentida e imaginada em contraposição ao caráter absoluto do saber científico moderno que transforma, adéqua e domina a natureza e o homem. A metafísica é a reflexão que se depara com o que não é claro aos olhos - o saber humano, considerado pela ótica

humanista viquiana, apresenta uma proposta de rememoração desses aspectos fundamentais e originários da racionalidade desenvolvida para constituir, nessa perspectiva, uma filosofia emancipatória do homem por meio de um exercício filosófico modelado pela criatividade e pela memória.

A instauração da *Sabedoria Poética*, no cerne da *Ciência Nova*, apresenta a poesia como o percurso realizado pela razão para se capacitar aos discursos científicos. O método que pretende entender o modo de operação da razão aponta para a investigação acerca do pensamento primitivo e desvela a rude poesia¹⁶, isto é, a linguagem, a cultura, a arte, a religião, os mundos social e civil como expressões vitais, precursores de todo aparato cognitivo que pode o homem contemporâneo acessar e que compreende as expressões vitais como arte. A arte observada segundo as considerações do método viquiano se apresenta como conjunto de “objetos” que expressam a obscuridade da existência humana no mundo que, para ser conhecida, precisa que o homem se conecte com as trevas dos limites da sua própria razão.

A tarefa humana se realiza segundo a constatação das limitações que oferecem a possibilidade de ampliação dos significados dados ao mundo e responsáveis pelo movimento dialético do aperfeiçoamento moral e epistemológico. Ao desvendar as mentes heróicas, Vico desvenda os primórdios da sociabilidade e resgata aspectos que norteiam a permanência da vida humana. O verossímil que ordena a cognição e que permite, através da forte imaginação e exercício do engenho, o aperfeiçoamento do caráter humano do homem é responsável pela sociabilização do mesmo, enfim, é o que permite a criação do mundo social-cultural. O abandono do verossímil é o abandono do que torna o homem um ser social e o que possibilita a atualização e preservação da sua própria natureza e existência.

O resgate das forças criativas pela investigação filológica como parte da investigação filosófica apresenta a realidade humana como uma realidade simbólica, reordenando o pensamento segundo os princípios do seu fundamento. Para que a filosofia soerga o homem débil e decaído (pela falta de conhecimento acerca da sua própria condição), sem que para tal contorça sua natureza, faz-se necessário resgatá-lo como em sua origem, como um ser dotado não somente de raciocínios abstratos, mas também de imaginação, temor, limitações e outras cognições. A história temporal fixa a presença do homem no mundo que, pela ficção, amolda o real de significações criadas tão fortemente que torna o produto da fantasia real que ultrapassa o próprio humano, compreendendo o universo através de fortes fantasias que se

¹⁶ Poesia: expressões, feitos humanos.

unem, posteriormente, às ilimitadas abstrações; desvelando e recriando, pela tecitura do próprio trabalho humano, sua memória com o intuito de tornar infinita e eterna a criação da sua fixação temporal no mundo – através da poesia, da arte, da linguagem, do ser social, humano por ser social-racional.

O produto da criatividade possui seu núcleo racional que se expressa no ‘constructo’ humano do homem, da história, da epistemologia, abarcando o real “dialeticamente”, conferindo, assim, significados que amoldam a existência humana – resgatando o princípio da Filosofia que confere à palavra o signo e a imagem engenhosa do que se encontra além dos olhos, aproximando e elucidando o significado do estrangeiro, bárbaro, estranho, obscuro, desvelando o não articulado que mantém o cerne do que é proferido, mantendo também o percurso do homem no mundo que se faz poesia resistente, humanizadora e emancipatória.

CAPÍTULO III

A FALA MÍTICA: CICATRIZ EPISTEMOLÓGICA DO ESTATUTO HUMANO **Estudos do Livro Terceiro: “Da Descoberta do Verdadeiro Homero”**

Na conclusão do Livro Segundo da *Ciência nova – Da Sabedoria Poética*, Vico afirma que “os poetas teólogos foram o sentido, os filósofos foram o intelecto da sabedoria humana” (*Sn44*, § 779). Essa afirmativa conclui extenso caminho demonstrativo do lugar da sabedoria poética no desenvolvimento da cognição humana e do seu mundo civil. Assim, o cerne da fundação do gênero humano está para o desenvolvimento da cognição humana que garante também a estrutura da sabedoria dos antigos, responsável na comunidade pela educação e manutenção dos sábios, filósofos, historiadores, legisladores, capitães, oradores e poetas. O agrupamento é mantido pelos valores e regras resultantes da sabedoria antiga que, por sua vez, é apenas um esboço do princípio. Esse esboço está registrado nas criações humanas presentes nas fábulas capazes de preservarem, com expressões obscuras os primeiros momentos do mundo das nações, convertendo-se em campo de estudo científico, desde que seja observada a distinção entre as coisas naturais e as coisas humanas. O que levou Vico até Homero é o seu passo metodológico, que não deixou de estar inspirado em Descartes, mas que, diferente do *cogito*, propunha uma experiência com o pensamento que fosse capaz de projetar o homem para fora de si, criando as condições para o conhecimento de si e o reconhecimento da sua verdadeira natureza: racional e sociável. O passo metodológico repetido em seis passagens da obra magna é este:

[...] para atingir o modo de tal primeiro pensamento humano nascido no mundo da gentildade, encontramos a áspera dificuldade que nos tem custado a pesquisa de bem vinte anos, para descer desta nossa natureza humana civilizada até aquela de fato ferina e imane, a qual nos é de fato negado de imaginar e somente com grande dificuldade nos é permitido de entender. (*Sn44*, § 338).

A realização desta arqueologia das idéias só é possível quando a memória permite o estabelecimento da correspondência entre o pensamento de quem investiga as fábulas como o pensamento que, no tempo, gerou as fábulas dos deuses e dos heróis. Por isso, a experiência do pensamento é o retorno ao divino da mente humana:

O que fazendo, o leitor provará um divino prazer neste corpo mortal, de contemplar as divinas idéias deste mundo de nações em toda a sua extensão de seus lugares e variedades; e se descobrirá haver convencido os epicuristas de que o seu acaso não pode loucamente divagar e fazer-se por toda parte a saída, e os estóicos, de que a sua cadeia eterna das causas, com as quais querem prender o mundo, que ela penda da onipotente, sábia e benigna vontade do Ótimo Deus Máximo. (*Sn44*, § 345).

A trajetória da razão humana no mundo cria cicatrizes preservadas pelo e no tempo – a obscuridade do inaudito é esclarecida pelas razões e reflexões posteriores na medida em que a nova razão alcança suas origens. Mas, para tal, faz-se necessário que a dignidade do novo estatuto lógico seja considerada para que, no encontro da filosofia com a filologia, o caminho reflexivo construído com o compromisso de elucidar as potencialidades humanas pelo viés da história ofereça, com responsabilidade, a melhor leitura possível da proposta viquiana dedicada à emancipação do gênero humano através da capacidade inata de potencializar os aspectos humanizadores do homem no mundo.

Essa base apresenta tanto a afirmativa de que a natureza civil é a condição humana – pois o humano no mundo aparece somente pela constituição da natureza civil – quanto à de que o estado de natureza possui um direito, isto é, uma ordenação da ação humana. A origem da ordenação e, portanto, do gênero humano, é comprovada no estudo de Homero demonstrado no Livro Terceiro da *Ciência nova*, A Descoberta do Verdadeiro Homero. A Sabedoria poética da Grécia antiga é compreendida, então, como a sabedoria vulgar dos povos – que foram primeiramente teólogos e em seguida heróicos. Vico analisa o caráter do poeta Homero buscando interpretar a inserção, em sua criação, de traços filosóficos e não filosóficos.

3.1. Sobre o Caráter não Filosófico de Homero

Homero procedeu de acordo com os aspectos predominantes da cognição humana e da estrutura civil, ou seja, a partir dos sentidos vulgares e dos costumes também vulgares representativos da estrutura dos homens que os criaram. O objeto sobre o qual o poeta trabalha, modelando sua criatividade e os poemas é tanto os seus próprios sentidos, quanto os costumes do seu tempo e lugar. Dessa forma, os deuses são ativos pela força e vê-se o grande Aquiles arrastar o cadáver de Heitor por três dias seguidos ao redor das muralhas de Tróia. A poesia relata a primazia da força numa época heróica, em que os sentidos vulgares, atordoados pela limitada capacidade reflexiva, buscam o decoro para a manutenção dos agrupamentos humanos ao redor dos valores e costumes heróicos. Essa poesia, portanto, é a ação que domestica o ferino vulgo que tanto os poetas conhecem e do qual são mestres. Homero, julgado pelos doutos e juízes, não é reconhecido como um ordenador ou civilizador na Grécia antiga – sua natureza ferina está distante da compreensão moderna sobre a civilização. No entanto, seus caracteres poéticos se apresentam tal como são ao entendimento moderno: inatingíveis. Esses caracteres poéticos são, para a natureza heróica, obstinada e ferina, relatos de decoro e constância. A palavra, isto é, os caracteres, domesticam o homem; mas de que forma a ferocidade é conduzida através do real do mundo e do real do homem no processo de desenvolvimento das mentes dos povos no mundo que é o mesmo arrazoar?

O sublime da *Ilíada* está nas ações vis e truculentas – distantes ainda da dignidade filosófica. Os costumes antigos, relatados por Homero, selvagens, toscos, bárbaros, irracionalmente obstinados resultam de mentes fracas e obscuras, nas quais a fantasia vigorosa é a significadora do real, bem como a ordenadora deste esforço elucidativo. Homero é o criador dos caracteres anteriores à sabedoria antiga; e esses são os rastros conservados pela memória daquilo que o homem criou para a sua preservação, onde encontramos os vestígios da sabedoria oculta. Vico traduz: “Os homens são naturalmente levados a conservar as memórias das leis e das ordens que os mantêm *dentro* de suas sociedades” (*Sn44*, § 201) ¹⁷ Nessa direção, Vico avança no estudo acerca da descoberta do verdadeiro Homero – pela obscuridade das mentes dos povos.

Homero torna-se objeto de rivalidade entre diversas cidades gregas pela honra da sua cidadania, identificando-se, cada cidade, com os dialetos e as frases presentes nos poemas originários de cada uma delas. Como analisar, pela ótica metafísica viquiana, o caráter de criador de nações como foi considerado Homero na Grécia antiga? A nova abordagem propõe

¹⁷ Grifos meus.

uma epistemologia que agrega em si a comunidade na construção e na manutenção da validade de todo e qualquer conhecimento.

Ainda no Livro Segundo da *Ciência nova*, quando discorria sobre a metafísica poética, Vico afirmava que a sabedoria¹⁸ deve começar sua investigação acerca das mentes dos povos buscando as provas dentro das mesmas e de suas modificações. Os filósofos e filólogos devem assim proceder, iniciando pela sabedoria dos primeiros homens ferinos, que fundaram as primeiras religiões e, portanto, o mundo de nações. O princípio demonstra que o homem e os outros animais possuem propriedade em comum, a saber, a força dos sentidos através dos quais, na condição de única via, podem-se conhecer as coisas. Os sentidos ferinos e obscuros alcançam, pela providência, o primeiro pensamento humano que inaugura um processo contínuo capaz de criar o mundo das nações detentor dos seus próprios princípios. Aqui, Vico apresenta sua dedicação para superar o embate entre racionalismo e empirismo por meio da conciliação. Os sentidos constituem a única via para o conhecimento, tanto quanto a razão inaugura a primeira ação do homem no mundo atestada como o primeiro pensamento materializado pela primeira palavra: Júpiter. Esta palavra, apenas um grito a princípio, foi sendo moldada pela memória coletiva e adquirindo significação social, cimentando a formação da sociedade das famílias e com elas a formação da sociedade civil.

A primeira sabedoria da gentilidade deve ser investigada por uma metafísica sentida e imaginada, aproximando a elucidação das mentes obscuras de “sentidos robustos e vigorosíssimas fantasias” (*Sn44*, § 367). A fantasia é, pois, fortalecida enquanto o raciocínio é débil, sendo que à poesia cabe o ofício de dar sentido, significar, e dar paixão, dar vida a todas as coisas inanimadas então desconhecidas. Para Vico, os rudes gentios eram, ‘por natureza, sublimes poetas’ (*Sn44*, § 375) num mundo infantil. A nova concepção apresenta um caráter de sublimidade da poesia por seu estatuto de criadora do mundo civil e do seu gênero fundante, garantindo novo critério para validar as disciplinas humanas a partir da modernidade, pois os feitos-realizações garantem a permanência de todo arcabouço jurídico, técnico e científico, a partir das suas bases poéticas.

Assim, a vigorosa fantasia conduz ao ordenamento civil, primeiro com os horrores da Idade dos Deuses e depois com o direito da força da Idade dos Heróis. O desconhecimento das causas é a origem do espanto e das coisas criadas por esse pensamento fabuloso. As criações acompanham a intensidade do assombro, por sua vez, expressão tão intensa quanto é

¹⁸ A metafísica é o estudo da sabedoria, poética e filosófica, pois cada uma em seu tempo é a faculdade que comanda todas as disciplinas responsáveis pelo conhecimento humano (*Sn44*, § 364).

intensa a ignorância; em outras palavras, “o assombro é filho da ignorância; e, quanto maior é o efeito admirado, tanto mais proporcionalmente cresce o assombro” (*Sn44*, § 184). Aqueles portadores da divinação ao redor da qual a vida humana existia e permanecia, pela rudeza e simplicidade dos valores e reflexão, pela admiração dos feitos e pela prodigalidade, dignamente adquiriram a forma significativa de divinos. A divinação sacraliza os objetos desconhecidos e o portador da visão e da anunciação. O caractere criado ganha vida pela força do assombro e, então, articula-se com o real alimentando os assombros como elemento externo ao que os originou (as mentes), ao mesmo tempo em que cria novas vias de acesso à própria realidade, desmistificando-a enquanto modela o próprio mito (fala, fábula) no transcorrer do tempo.

A poesia se origina divina pela força da imaginação ao buscar a razão das coisas, alcançada pela via dos sentidos e da admiração – significando o ser mesmo das coisas pela substância das idéias humanas – único instrumento capaz de significar e romper, continuamente, com o isolamento ferino, conferindo à obscuridade movimento criativo e mantenedor da vida da espécie. As coisas ganham caráter divino com a sustentação das idéias e não da natureza das coisas pouco conhecidas; e com as crianças do nascente gênero humano, as coisas são criadas pela fantasia, que perturba o entendimento frágil por causa da ordem desmedida das imagens poéticas – sendo, então, denominados pelos gregos de poetas, isto é, criadores. O medo inicial causado pelo desconhecido e fruto da mente obscura é modelado pela idéia do temor que ao criar seus mitos, cria – no interior da configuração do mito - outro objeto de perturbação.

A poesia, enfim, cumpre funções no processo de desenvolvimento da razão e, concomitantemente, de formação do mundo civil. Primeiramente, ela inventa fábulas. Em outras palavras, falas sublimes condizentes com o entendimento do vulgo, capaz de garantir a permanência do agrupamento coletivo em torno do entendimento dado por essa criação. A poesia deve também perturbar excessivamente para que alcance o seu propósito – de ser naturalmente uma faculdade conatural, isto é, ordenadora do gênero e do mundo civil. Assim, ela trabalha para ensinar o vulgo a agir virtuosamente – sendo a expressão da forma como os próprios homens ensinaram a si mesmos. Essas três funções garantem a propriedade eterna da natureza humana que demonstra o fingimento decoroso – a saber, os homens de mentes obscuras, fingem que acreditam em suas criações. O fingimento decoroso cria bases para a superação dos momentos de temor pelo alcance de determinados conhecimentos e

capacidades para agir sobre a natureza, criando novos instrumentos transformadores do meio e das mentes. A ação virtuosa baseada na forte perturbação causada pela fantasia e suas fábulas está no decoro em acreditar nas criações da mente rude que, vagando no mundo habitado por desuses e heróis, ousa inventar códigos mantenedores da vida. Estes primeiros autores das nações gentílicas enfrentaram o mundo com a sua natureza rude. Vico descreve o dilúvio como uma das histórias universais criadas pelos diferentes povos em diferentes lugares, representando acontecimento comum no percurso das mentes. Descreve então que após o dilúvio “o céu [...] iluminou-se com raios e trovões espantosíssimos” e os “gigantes robustos, nos bosques, isolados e assustados [...] cuja razão desconheciam, ergueram os olhos e descortinaram o céu” (*Sn44*, § 377), atribuindo ao céu e aos seus elementos caráter de um homem ferino e rude. Júpiter foi celebrado como um ser antropomórfico, com vigor corporal e violentas paixões – e todo o seu caráter causa espanto gerando a necessidade do conhecimento:

A curiosidade, propriedade *conatural* do homem, filha da ignorância, que dá luz à ciência, ao abrir nossa mente ao assombro, cria esse hábito: quando se observa um extraordinário efeito da natureza, como o cometa, parélio, ou estrelas de meio-dia, logo se pergunta o que tal coisa quer dizer ou significar. (*Sn44*, § 189).

O caractere poético se constitui pela fala presente em tudo o que existe. No entanto, a fala é atribuição do homem ao objeto, conferindo ao último uma substância, ao mesmo tempo em que alcança a substância já existente no objeto, dentro de um processo contínuo. A natureza é corporificada pela fala humana e a mente se desenvolve a partir desse ponto, ampliando suas capacidades e as abstrações preservando, à revelia dos apontamentos modernos, seus alicerces e sua memória. As línguas plenas de vocábulos abstratos, pela arte da escrita e pelos cálculos avançados, formam uma razão aguçada com grande dificuldade de conceber e imaginar, isto é, formar a imagem de uma natureza animada pelas paixões, em outras palavras, como uma mulher simpática. As mentes dos primeiros homens formam um objeto de estudo inalcançável para o moderno. A metafísica possibilita uma reflexão próxima da mente dos fundadores da nação gentílica, mas nunca a mesma imaginação.

Assim, Homero representa e é a reunião de todas as pátrias da Grécia antiga, uma vez que cada uma delas reconhece nas narrativas suas organizações e verdades. A aproximação da mente fantasiosa é capaz de ampliar o entendimento acerca do verdadeiro Homero, lançando luzes na nova concepção de verdade.

3.2. Da idade de Homero

Os poemas apresentam autoridades mantenedoras de dadas características e que legitimam a incerteza da idade homérica. Os detalhes da narrativa representam costumes, conhecimentos, valores e práticas diferentes nas idades e espaços. A determinação de um autor, inserido num tempo e espaço, na medida em que Vico avança em “A Descoberta do Verdadeiro Homero”, apresenta-se improvável, ao mesmo tempo em que sua delimitação ganha, aos poucos, o caráter de comunidade. Entretanto, os traços mais fortes apontam para o declínio do direito heróico que abre espaço para a celebração da liberdade popular comprovada pelos matrimônios realizados entre gregos e estrangeiros, bem como pela sucessão dos reinos realizada por bastardos. O direito heróico participa de um tempo bárbaro, segundo o qual o estrangeiro é inimigo e a pilhagem é um exercício da virtude, não um ato infame.

A força da lei e da sua autoridade era usada para dominar os plebeus enquanto que permitia a guerra eterna entre os povos. A inimizade eterna decorre das relações entre diferentes nações baseadas na força ancorada, por sua vez, na vigorosa fantasia. Essa ordem civil arrazoadada pela obscurecida e imaginativa razão cria, mantém-se e se desenvolve, na idade dos poetas teólogos, cantadores dos auspícios divinos, através da legitimidade das pilhagens, da efetivação das guerras sem anterior declaração, demonstrando o caráter do homem heróico e o valor das suas criações decorosas. O direito das gentes não mais reconhece a tal legitimidade e, assim, a liberdade para os trabalhadores fadigados foi modelada, sonhada, ao longo dos tempos, até a concretização de novo espaço fecundo para a criação de novo direito presente, transitoriamente, em Homero. A história poética narrada pelas fábulas celebra as coisas civis desses reinados, demonstrando, através dos conflitos e acontecimentos, o núcleo ordenador no deus da divinação, Apolo, que é a ciência da

divinação, ou ciência dos auspícios; em outras palavras, o ordenador tanto era o deus da nobreza quanto a própria ciência dos auspícios pertencia exclusivamente à nobreza. Toda luta plebéia contra a nobreza na época heróica foi cruelmente vencida, demonstrada pela contenda de Vulcano que termina manco e humilhado pela força de Júpiter. As personagens de Homero, portanto, representam as instituições, valores e organizações das comunidades antigas. Cada mito narra a criação e a manutenção de determinado aspecto de determinados tempo e lugar. A força dos deuses nos auspícios, isto é, nos cantos de louvores poéticos, mantinham a plebe sob a ordenação da nobreza e de sua lei; e nos tempos de Homero vê-se a transição presente no casamento entre os heróis e as mulheres estrangeiras, bem como na sucessão dos bastardos aos reinos.

A sabedoria dos poetas teólogos tem a representação da sua fundação e do seu declínio no mito de Orfeu capaz de, primeiramente, arrazoar a ferocidade dos gregos, elevando a selvageria à humanidade, pela sua arte obscura e ordenação possível dos cantos à divindade; modelando com o medo do desconhecido regras significadoras e instrumentos de superação. Assegurando a existência da comunidade em torno das contendidas dos plebeus com os heróis, o estado heróico é fundado para ser superado e representado pelo ato de destruição da lira de Orfeu, guardando sua memória nos caracteres poéticos, tal Orfeu, capaz de demonstrar a origem das coisas civis pela força apaziguadora do seu canto.

Toda fábula é verdadeira em seus princípios, segundo os princípios da nova ciência viquiana, que buscam a severidade e a dignidade dos poetas teólogos analisadas por tópicos na obra aqui investigada. A memória poética transformada no decorrer do tempo e com a mudança dos costumes tem seu significado ofuscado, que assim chega ao homem moderno. Assim, a aspereza do caminho pelo entendimento destas mentes rudes pode ser aprimorada por meio da descoberta viquiana dos caracteres poéticos – resgatando o caráter significativo e fundante da nação gentílica presente na fábula. Com base nos apontamentos acerca da idade de Homero, Vico conclui que a contenda pela cidadania do mesmo é legítima para toda a nação que a reivindica, pois os poemas apresentam as marcas de diversas mãos de diversos lugares da antiguidade. Alguns costumes delicados narrados contradizem outros atos ferozes dos heróis mais presentes na *Ilíada*, confirmando esse estatuto lógico. Vico prossegue a análise com o direcionamento do seu método – as questões levantadas são estudadas a partir da busca pela obscuridade, do incompreensível para o arcabouço articulado e abstrato da

linguagem moderna. Nas trevas reside a resposta e a possibilidade de emancipação humana no mundo.

3.3. Da inatingível Faculdade Poética de Homero

Inicialmente, Vico, pela constatação anterior da ausência de filosofia em Homero, analisa as proposições de Horácio em *Arte poética*. Horácio admite a dificuldade em conceber novos personagens depois de Homero, isto é, novos caracteres – emprestando-os para modelar as tragédias. A comédia Nova e seus personagens resultam de uma organização, de uma polis e, sobretudo, de uma lei articulada por nova ordem de valores. Seus personagens forjados pela realidade trazem o falso representado, enquanto que Homero é verdadeiro na origem. As características específicas desses gêneros literários serão em outro momento analisadas com mais rigor e detalhes, permitindo que tal dissertação concentre os esforços e tempo na análise mais profunda do texto viquiano.

A origem do verdadeiro em Homero de acordo com o método viquiano traduz a antecedência e aqui, confirma o estatuto epistemológico apresentado na Sabedoria Poética; a saber, as fábulas são verdadeiras histórias no percurso do tempo, alteradas e corrompidas, chegando a Homero dessa forma. Os poetas heróicos são classificados por Vico como: os da primeira idade responsáveis pela criação das fábulas, dos caracteres sustentados pelos significados imaginados fortemente e, assim, vividos e praticados comunitariamente como verdadeiras narrações. Na segunda idade dos poetas heróicos, houve a alteração e corrupção das primeiras criações. Na terceira, os caracteres chegaram a Homero que, assim, os conservou e posteriormente os registrou em escrita rude e limitada. Os gregos reuniram em cada caractere todos os diversos particulares – significativos e narrativos – pertencentes a cada um dos gêneros poéticos. Assim, Aquiles na *Ilíada* e Ulisses na *Odisséia* constituíram dois caracteres que formaram uma nação, imaginados uniformemente pelo senso comum, pelo decoro – que é a expressão da divina providência, isto é, a permanência humana no aprimoramento das suas faculdades, conferindo – assim – beleza e graça às fábulas que são, primordialmente, a fala, o feito.

O caráter sublime da poesia deve, portanto, acompanhar o vulgo responsável pela legitimidade do verdadeiro na narrativa e nos feitos. Os caracteres poéticos imaginados presenciavam os trabalhos, experiências e criações no momento da concretização do imaginativo mundo civil para, posteriormente, constituírem as regras norteadoras dos costumes, os exemplos para as organizações coletivas. Os signos traduzem os elementos agregadores do social mantenedor da espécie humana, enquanto que o caractere é o fruto do trabalho e do trabalhador que ao criá-lo torna a terra modelada de significado a partir da inserção do seu suor e da sua imanência sobre o mundo, assim, transformado.

O senso comum, que expressa a providência e garante a formação do mito e da fábula, pode ser sentido por todo um povo como uma ordenação do gênero humano porque é um juízo isento de qualquer reflexão. Ele é sentido e assim sua legitimidade avança no tempo e na obscuridade das primeiras mentes, chegando até os poetas heróicos e deixando seus rastros na memória dos povos para que suas fundamentações contribuam para o contínuo aprimoramento da sociedade. Assim, os primeiros autores são uma ordenação na forma do gênero humano reunido.

As idéias uniformes presentes em todos os povos, desconhecidos e separados no tempo e no espaço, apontam para a existência de um motivo comum de verdade, isto é, de origem, de material para a criação e de maneiras constructas das respostas procuradas. O certo no direito natural é, enfim, o critério dado pela providência divina (esforços e expressões todos do conjunto cognitivo que enfrenta, individualmente e coletivamente, sua própria obscuridade para a superação das dificuldades ameaçadoras); e esse critério universal (o senso comum, a providência) certifica o entendimento das unidades substanciais de cada feito, de cada caractere poético. O direito natural ordenador das práticas, cultos e comunidades é o certo criado e não uma determinação transcendental - as leis são metafisicamente processuais e humanas - sua origem obscura e inalcançável repousa no superior divino presente nas mentes e nos seus movimentos; constituindo, assim, o espaço de legitimidade encontrado por todos os povos e nações.

A história ideal eterna para Vico se configura pela permanência da espécie humana no mundo que se realiza pelo trabalho da história ideal compreendida como a construção da história de todas as nações inscrita no tempo. As diferentes línguas articuladas existentes expressam o dicionário mental originário das articulações da fala e dos feitos precursores e mantenedores da história ideal eterna. Por meio do mesmo critério epistemológico, o direito é

ordenado pelos costumes humanos, isto é, pelo mesmo dicionário mental e por toda sua criação, demonstra o cerne da providência divina, que o cria em cada espaço privado de cada nação separadamente, reconhecendo e considerando os aspectos comuns das leis e ordenações universalmente para todo o gênero humano após o contato, por comércio, guerra e outros. Esse aspecto é reconhecido pela uniformidade da necessidade de ordenação, primeiramente; e também pela semelhança na organização – isto é, nas fábulas criadas durante o desenvolvimento das nações.

E aqui se faz importante reflexão: se os povos se fundaram com as leis; e se as leis, entre todos foram ditadas em versos, e as primeiras coisas dos povos, também em verso se conservaram, é necessário que todas as primeiras coisas dos povos, também em verso se conservaram, é necessário que todos os primeiros povos tenham sido poetas. (*Sn44*, § 470)

Enfim, a faculdade poética de Homero torna-se inatingível; no entanto, seu percurso nas mentes dos povos e no mundo civil delineia rastros capazes de sustentar tanto o processo de permanência humana no mundo, quanto o de aperfeiçoamento das suas capacidades. A memória é o recôndito espaço em que o obscuro alimenta as potencialidades da própria memória. O inatingível é assim denominado pela análise dos rastros nos quais a descoberta do verdadeiro Homero elucida, aos poucos, o estatuto epistemológico viquiano capaz de humanizar o próprio humano – um ser cuja substância se apresenta unicamente pela travessia no mundo, compreendida pelos desdobramentos do próprio rastro.

3.4. Provas Filosóficas para a Descoberta do Verdadeiro Homero

Vico reuniu as provas filosóficas (das origens metafísicas) para a instauração da nova epistemologia mantenedora de novo significado para a autoria, mais especificamente, Homero. Inicialmente, retoma o argumento central de que as leis e as ordens responsáveis pela manutenção das sociedades e, logo, da vida humana no mundo, são conservadas – naturalmente – nas memórias. A memória é o espaço no qual a sustentação da vida reside –

todo e quaisquer avanços alcançados e dificuldades ainda enfrentadas são encontrados na memória. No entanto, ela é a própria força da cognição humana, a propulsão, o espaço de armazenamento e é o âmbito das potencialidades, da capacidade decodificadora do universo.

As decodificações e atuações sobre o mundo, através da significação, propiciam o aparecimento da história humana no mundo. A ciência historiográfica, no entanto, é recente na linha do tempo da humanidade; configurando, segundo Vico leitor de Lodovico Castelvetro, uma “simples anunciação da verdade” (*Sn44*, § 812) enquanto a poesia “uma imitação a mais” (*Sn44*, §812). Lançando um olhar sobre a modernidade, admite-se que, segundo a produção dessa contemporaneidade, o homem não soube utilizar a história para criar no cerne das suas produções os verdadeiros princípios da poesia; a saber, a força criativa e transformadora própria das grandes obras da humanidade. Assim, cronologicamente, os historiadores vulgares, atestadores dos fatos, são reconhecidos como posteriores aos poetas reconhecidos como os criadores das leis e das ordenações que mantiveram a vida humana até o momento propício para o surgimento dos historiadores vulgares; em outras palavras, primeiramente houve os criadores e vivenciadores dos caracteres modeladores e mantenedores da comunidade e das suas ordenações, depois, os narradores dos fatos acontecidos. A primeira história foi, então, registrada na memória e mantida viva no ser social por caracteres poéticos, sendo denominada a primeira história de poética.

As fábulas originalmente são falas verdadeiras, expressões da severidade com a qual os homens primeiros acreditavam na imaginativa decodificação do universo. A severidade decorosa desta fala é a delimitação dos perigos e a inscrição no meio do conhecimento adquirido, sendo o caráter obsceno presente nas primeiras fábulas a face da mente obscura sobre o mundo no tempo. E o transcorrer do tempo tornou, pelas modificações das mentes, as falas obscenas e decorosas em impróprias e, conseqüentemente, alteradas e, por isso, inverossímeis (que não inverídicas, mas certas e, assim, verdadeiras pelo feito), por inverossímeis, distantes da origem e, por isso, obscuras e, com esse traço, escandalosas pela força da expressão em decodificar, por meio de um conjunto limitado de signos fortes no sentido, amplo universo e, então, tornam-se tal as mentes, inacreditáveis. As dificuldades aqui apresentadas para o alcance da plenitude criativa da origem das fábulas expressa de forma corrompida em Homero, representam – as dificuldades – o direcionamento, o resultado e o objeto da aplicação do método da Ciência nova. O verdadeiro Homero constitui, portanto, a expressão verossímil e certa dos resultados criativos influenciados pelo tempo, pela cultura,

pela história e pela linguagem, abarcando num universo poético as cicatrizes já existentes enquanto concretiza outras que reverberam na memória como um norte para a permanência do humano.

O verdadeiro Homero se apresenta pela sua essência que se configura como as fábulas; por sua vez, fábulas são, efetivamente, os caracteres poéticos. No momento em que os homens, os primeiros poetas, trabalham com os caracteres, eles vivenciam rudemente as necessidades dadas pela natureza externa e interna no seu tempo de maior barbárie. A maior barbárie localiza esse homem num estado de recente saída do isolamento ferino, caracterizando este mesmo homem pela incapacidade de abstração e por limitadíssimo arcabouço comunicativo e significativo então constituído. A limitada e indefinida mente, atormentada por fortes sentidos, considera os particulares pela fantasia e amplia seus significados através da lógica poética. Ampliando o particular pode o homem celebrar, entender, cultivar, ordenar sua natureza quase divina. A divinação dessa natureza humana compreendida através da inserção ativa da modelação do humano presente no universo externo está tanto na providência conferida ao ser capaz de emancipação ao longo do tempo e continuamente, quanto na anunciação desse divino no ato modelador do real - expressão máxima da fantasia ordenadora. A indefinição da mente obscura cria os universais fantásticos tal como sua fantasia o é - e cultiva, nas fábulas e nas ordens delas advindas, o entendimento e a garantia das determinações da necessidade primordial de agrupamento e de conhecimento. A imagem concreta do real na mente indefinida ultrapassa as limitações por meio das expressões obscuras dos vigorosos sentidos e amplia a imagem dada até que ela, sedimentada pelo tempo, concentre os sentidos e os significados no mito. Os universais fantásticos aqui analisados criam e sustentam as fábulas tal determinação das necessidades humanas. As mesmas necessidades propiciam o surgimento dos universais racional-filosóficos, que representam a continuidade do processo emancipatório e um momento tão importante quanto os outros que se ergue concomitantemente com a manutenção dos outros caracteres na memória.

A ausência de reflexão no homem bárbaro determina sua má utilização originando a mentira modeladora de histórias verdadeiras. A ausência de reflexão confere à mente inserida na barbárie a dificuldade para exercer determinados aspectos cognitivos abstratos que, assim, ela não consegue fingir. O caráter da mente de forte imaginação e da sua natureza é “naturalmente verdadeira, aberta, fiel, generosa e magnânima” (p.365). Suas criações são

tomadas como verdadeiras e instauram-se como o cerne cognitivo e social. Das fábulas, os personagens são emprestados à tragédia que reconta a história fabular narrativa dos feitos passados tal quais os homens imaginativos viveram. A tragédia é tanto a criação, quanto a narração da história; em outras palavras, é a criação e a narrativa de *argumentos* mantenedores da ordem. A comédia antiga apropria-se das fábulas incluindo nelas outros personagens vivos – os argumentos são fingidos pela fraca reflexão, são fechados, inalcançáveis e desconhecidos. O fingimento é o caráter de verdadeiro do desconhecido mantenedor dos argumentos tal a determinação das necessidades pela sua forma e pela sua função: o verdadeiro é objetivo, causa primeira e causa final.

A infância da humanidade preserva as histórias criadas “na memória dos comuns dos povos” (*Sn44*, §819), tal a criança, “as crianças das nações” encontraram na memória o pilar do seu aprimoramento da seguinte forma compreendida:

Tais histórias tiveram de ser naturalmente conservadas na memória dos comuns dos povos, pela primeira prova filosófica há pouco lembrada: que, como as crianças das nações tiveram de maravilhosamente valer-se da memória. E isto não sem a divina disposição: pois, até os tempos desse Homero, e algum tempo depois, ainda não fora criada a escritura vulgar [...], em tal humana necessidade, os povos, os quais eram quase totalmente corpos e quase nenhuma reflexão, fossem todos vívido sentido ao sentir os particulares, forte fantasia ao apreendê-los e engrandecê-los, agudo engenho ao atribuí-los aos seus gêneros fantásticos, e robusta memória ao retê-los. Tais faculdades pertencem, é verdade, à mente, mas deitam suas raízes no corpo e tomam vigor do corpo. [...] E tomou estas três diferenças: que é memória, enquanto lembra as coisas; fantasia, enquanto a altera e falseia; engenho, enquanto a aplaina, acomoda e ordena. Por esses motivos os poetas teólogos chamaram a Memória de ‘mãe das musas’ (*Sn44*, §819).

A invenção, tal as musas, apresenta o percurso cognitivo que procura e encontra dentro de si o elucidativo – a invenção não é irracional e, a partir desse ponto, Vico constrói seus argumentos em tópicos (exemplos, imagens, explicações, enumerações, entre outros), estruturando-os fundamentalmente pela poesia e pela fantasia, apresentando um inventário da sua epistemologia realista. Ao encontrar o sujeito, Vico avança até alcançar o outro e o mundo, subvertendo o cerne da ontologia poética, já que o trabalho da poesia é o fazer-se da poesia sem a prioridade do aparecer-se originário da linguagem. Instaura, assim, a ontologia poética no contínuo processo de aperfeiçoamento do qual se tem vultos e cicatrizes presentes

na obscuridade permanente. Além do esquema normativo do discurso, a visão histórica da retórica guarda no *verum factum*, no seu participípio passado substantivado, o movimento, o ato do passado como o que foi feito e que se converte, na mente humana, em verdadeiro – pois o movimento do ato é contínuo presente no *verum factum*. O certo verificado possui o estatuto de verdade pela testemunha do ato conservado na memória histórica.

A primeira fala é a necessidade imediata de sobrevivência que, estendida, não é mais acessada pela linguagem. O enfrentamento das limitações transporta as palavras existentes para novos objetos através de analogias, criando a metáfora, isto é, transporte. A lógica poética que acompanha o homem desde seus primórdios é anterior ao raciocínio e sobrevive na retórica popular, bem como nos alicerces da epistemologia realista, em outras palavras, na poesia que deve sustentar o equilíbrio entre o corpo e a mente.

A poesia é o trabalho da memória no mundo resultante da ‘fantasia que é o olho do engenho’, demonstrando a atuação concomitante de todas as faculdades da mente numa nova abordagem do mecanicismo moderno. A humana necessidade fixa as histórias construídas por cada experiência, adaptação e elaboração, criando narrativas, isto é, poesia – e, então, são os poetas primeiros dos povos quase totalmente corpos, quase nenhuma reflexão, que elaboraram as primeiras narrativas, os primeiros registros da história humana no mundo. A faculdade poética fundadora da gentilidade adentra e se dedica aos particulares – “deve imergir por inteiro a mente nos sentidos” (*Sn44*, §821), enquanto que a metafísica abstrai a mente dos sentidos. Assim, as artes poéticas e as artes críticas são capazes de “tornar cultos os engenhos” (*Sn44*, §822), pois a virtude da delicadeza requer detalhes do trabalho humano dos quais os primeiros homens são incapazes – são “antes, como grande ruínosa torrente não pode passar sem levar consigo águas turvas e rolar pedras e troncos com a violência do curso, assim como são as coisas vis, que se encontram tão freqüentemente em Homero” (*Sn44*, §822). As artes poéticas produzem, pela sua natureza, obras grandiosas – e refinam o entendimento segundo sua condição no processo de aprimoramento, constituindo a expressão desse processo e o meio para tal. Homero, pelo entendimento moderno, não se configura como o pai de todos os sublimes poetas como defende Vico – o argumento apresenta o sublime no sentir que pela força da fantasia se realiza verdadeiramente e, então, individualizados os sentimentos no indivíduo que sente. Os conceitos acerca dos sentimentos definem universais sentenças filosóficas, a saber, as máximas gerais sobre a vida. Já os poetas refletem sobre o sentimento – acontecimento primordial no aparecimento do homem no mundo e do seu encontro com o

universo. A definição de Homero como um conjunto de passagens cruéis, bruscas, desumanas é equivocada, pois em Homero as passagens são repletas de vigorosos sentidos e fantasia e suas coisas são, portanto, tal sua natureza, sublimes; “incomparáveis, certamente, em Homero” (*Sn44*, §826). A sublimidade atesta o *verum factum* e a inconstância das mentes enfrenta as dificuldades da língua no espaço interno da sua formação e expressão. A sabedoria oculta forma-se por esse instrumento e não se insere numa mente justa e ordenadamente filosófica. A metafísica viquiana busca as provas da origem da história humana no mundo dentro das modificações das mentes dos povos, daqueles que meditam acerca das dificuldades enfrentadas; e no mundo feito pelos homens seus princípios devem ser encontrados – o feito concentra todo arcabouço do criador – toda estrutura cognitiva e o universo apreendido pelo seu olhar. O aspecto permanente da cognição, para Vico, está na única via pela qual se desenvolve o conhecimento das coisas, a saber, os sentidos. O primeiro golpe do temor, pela força indomável da sua natureza frente os raios, estimulou a primeira palavra expressão do primeiro pensamento humano no mundo – Júpiter; iniciando o trabalho que resulta na fundação das primeiras religiões bárbaras que são o mesmo que primeiras nações.

A gentildade, fundada pelo trabalho dos sentidos apresenta uma metafísica sentida – a relação do homem com seu universo, seus anseios por significação e atuação, por alcance do entendimento sobre as razões do universo; um arcabouço inicialmente primitivo, desprovido de raciocínio tanto quanto mais forte é a fantasia provinda de um ser “piedoso, venerável, ilustre”, pois despossuído de outros recursos, realiza os primeiros passos da história com louvor ao decoro determinado pela providência da permanência da vida. A sublimidade da poesia criadora apresenta um critério para avaliação do humano abarcando todas suas potencialidades e expressões ao longo do tempo e espaço. O seu ofício é dar vida às coisas inanimadas; ao conferir paixão e sentido, os movimentos das coisas são apreendidos de acordo com a capacidade do observador – nas coisas ele se reconhece e a relação com o exterior é apenas uma relação similar consigo mesmo, com suas limitações e aptidões para compreender a si mesmo. Mesmo na densa névoa da barbárie, o homem ferino avança e pela fala poética encontra interiormente possibilidades para o aprimoramento mantenedor do gênero que se humaniza no tempo; e o ser ferino se configura, portanto, como nobre divinador da fala divina porque humana.

A ignorância, causadora do espanto e temor fortalece a fantasia, cuja existência e atuação são naturais, pois expressa as necessidades conaturais de preservação da vida. A faculdade

conatural é a própria poesia capaz de modelar e de comunicar os movimentos do assombro, que cresce segundo a força da fantasia. O mito criado ganha vida por meio do assombro e, assim, articula-se com o real preservando e fortalecendo os assombros como elemento externo ao que o originou. As criações ganham um caráter autônomo, constituindo leis aparentemente desvinculadas dos homens, tais seus deuses e hábitos. O certo se apresenta como ordenador e o exercício viquiano da filologia significativa, isto é, filosófica, destaca o caráter do mundo civil com o intuito de garantir o espaço para a reflexão sobre os significados dos feitos norteadores do aprimoramento da sociedade, mas, acima de tudo, dos elementos humanizadores do ser.

Inicialmente o estatuto de divino expressava o cerne da idolatria – ora pelos valores atribuídos à criação que possuía alguns elementos de vantagem sobre a natureza, metaforicamente, imaginativamente – por conferirem generosidade aos caracteres pela simplicidade da mente; ora por admiração frente ao desconhecido modelado por potência divina; ora pelos benefícios adquiridos com a organização social a partir da divinação. Assim, a primeira poesia é divina, pois o sentimento frente às coisas admiradas com vigor incentiva a imaginação a buscar constantemente a razão das coisas. O sentimento ferino modela a razão também ferina por divina e as idéias humanas apresentam, portanto, sua substância nas coisas admiradas e apreendidas pelo olho do engenho que é a fantasia. Assim, o trovão nominado Júpiter é mesmo o Deus temeroso e não outro elemento dentro da idéia que o nominou. A coisa é o nominado – de acordo com a fala poética viquiana. A substância das coisas é dada pela natureza da mente e sua sustentação divina está na idéia que é a mesma razão sobre e das coisas.

Por função tem a poesia a invenção de fábulas – fala sublime – sempre condizente com o vulgo e o seu entendimento; bem como de ora perturbar o poeta para que ele e a sua criação cheguem ao propósito de alcance e utilização das suas potencialidades, ora de educar, em outras palavras, de ensinar o vulgo a virtude que foi ensinada para o mesmo poeta através do *conatu*. A perturbação causada pela idéia fantasiosa é o que propulsiona a ação, pois pela perturbação o homem acredita ser verdadeiro aquele caractere imaginado. Ao mesmo tempo fingem e acreditam, constituindo essa ação uma eterna propriedade da natureza humana das coisas resultantes das funções da poesia.

O fingimento aparece com o descortinar do céu pelos homens primeiros, de natureza rude, ao elevar os olhos aos céus após os trovões assombrosos. Sua natureza rude – de corpo

vigoroso e fraca razão, limitada linguagem de urros e gestos – denotou ao firmamento e a suas manifestações o mesmo caráter conhecido de si mesmo. O fingimento é nada mais que a única possibilidade de entendimento, e a celebração natural do corpo divino causador de natural curiosidade resulta na abertura da mente humana para a propriedade conatural responsável pelo cultivo da curiosidade criadora do hábito. As desconhecidas manifestações da natureza são permanentemente observadas por imposição do espanto e da curiosidade – resultando no hábito da busca pelo entendimento sobre a origem e os motivos de tais manifestações. O universo existente é habitado por uma fala – tudo o que existe possui uma fala atribuída pelo homem – e a atribuição imaginada constitui o caminho pelo qual se constrói o conhecimento de tal objeto. A fala, portanto, confere substância ao mesmo tempo em que a remodela, alcançando diferentes níveis do observado no tempo.

A mudança da natureza da mente acontece com a preservação dos seus alicerces; no entanto, o aprimoramento das abstrações causa um distanciamento da língua do vulgo, pois os nobres detentores do arcabouço divinatório e, portanto, legislador, codificador, educador e ordenador prosseguem o trabalho pelo entendimento aprimorando o arcabouço que em sua totalidade não é acessado pelo vulgo. O ofício da divinação primitiva é de poucos e assim, com divisão social, a comunidade humana caminha, enfrentando as mudanças sobre essa característica na medida em que o homem avança sobre sua compreensão dos direitos constituídos. O distanciamento dos sentidos do vulgo que não detém todo o universo de abstrações ocorre também, e de maneira mais intensa e determinante, do universo primitivo criador das fábulas. Os vocabulários abstratos e a mente aguçada tanto por meio da criação dos vocábulos e da resultante ampliação na apreensão do universo, como pela escrita, pela utilização dos números e o desenvolvimento das suas práticas específicas, dificultam de forma intransponível a entrada ou forte aproximação das mentes fantasiosas e rudes que não alcançam o sublime do universo ferino. A imaginação dos primeiros homens não possuía nenhum tipo de abstração e suas mentes totalmente inseridas e vívidas nos sentidos são, para a mente habituada a abstrações refinadas e delicadezas do raciocínio, algo impossível de serem penetrados. A fundação da nação gentílica realizada pelos seres de mente ferina é inalcançável para o entendimento abstrato; capaz, pela possibilidade garantida pela manutenção dos alicerces cognitivos, de considerar alguns aspectos da estrutura e do processo estudados através da ordenação metodológica aqui apresentada. A consideração dos aspectos primitivos, fundantes e permanentes da poesia, isto é, da nação gentílica e das mentes dos

povos primeiros, participam da proposta de nova metafísica para se refletir sobre a aproximação acerca da maneira como os primeiros homens pensaram e realizaram a fundação da gentildade, mas nunca aponta para o alcance da forma íntegra da imaginação fundante – e, dessa forma, a origem não pode ser em sua totalidade entendida pelo homem de mente abstrata.

O princípio da idolatria é o mesmo que o da divinação e resultam no princípio dos sacrifícios – ambos constituem o cerne do movimento em busca por entender os auspícios divinos – a fala humanizada presente nas manifestações da natureza e do desconhecido ampliado para os detalhes das organizações sociais. A modelação do divino e da sua fala é assim explicitada:

[...] em relação aos caracteres poéticos, Júpiter nasceu na poesia, naturalmente, como caráter divino, ou seja, um universal fantástico, ao qual todas as nações gentílicas reduziam todos os auspícios, e, por isso, todas tiveram de ser, por natureza, poéticas; e iniciaram a sabedoria poética dessa poética metafísica de contemplar Deus pelo atributo de sua providência; e se disseram ‘poetas teólogos’, ou seja, sábios que entendiam o falar dos deuses concebido com os auspícios de Júpiter, e foram chamados propriamente ‘*divinis*’, no sentido de ‘adivinhadores’ [...]: a qual ciência foi chamada ‘musa’, definida por Homero como sendo a ciência do bem e do mal [...]. (*Sn44*, § 381).

Júpiter, em outras palavras, o divino da providência criado pelos homens, é compreendido pelas sibilas e pelos oráculos e a matéria da poesia é, enfim, o impossível crível, tal a idéia de que o céu é um corpo. O impossível mítico é cultuado por diversas honras e as religiões gentílicas são fundadas pelos poetas a partir do crível para, posteriormente, elucidarem as narrativas com mais requinte pela filosofia capaz de considerar os sentidos, isto é, os significados históricos de cada fala. A sublimidade de Homero está no mérito da construção e na idade representada pelas vozes presentes nas cicatrizes da sua fala registrada pela escrita.

A fala heróica estrutura-se pela semelhança própria do transporte metafórico, pelos caracteres formados por outros meios que não as letras vulgares, expressões de uma língua feita por sons articulados também limitados. As primeiras palavras, frutos de violentas paixões, aparecem pelo desabafo dos fortes sentidos, enfrentando a inflexibilidade e dureza das cordas vocais pouco usadas – e se apresentam como cânticos facilitadores da expressão

primitiva. A necessidade da natureza humana utiliza o canto nas primeiras nações e na formação dos versos heróicos. Com a ausência da escrita vulgar, os metros e ritmos facilitam a conservação na memória das narrativas conaturais. Todo esforço cognitivo pretende conservar a espécie, logo, necessariamente, conservar a memória.

As fábulas homéricas resultam da anterioridade e reverberação dos poetas teólogos criadores de auspícios nos quais a divindade, representativa da nobreza, sempre deteve e manteve enquanto exercia o poder ordenador da sociedade. Sua estrutura apresenta uma comunidade repleta de diferenças e opressões próprias de costumes ainda bárbaros, como a escravidão; a crueldade dos nobres costumes sobre os plebeus; a necessidade de duelos e represálias e outras violências mantidas pela ausência de leis judiciárias. As fábulas mantinham, no direcionamento da narrativa, os valores próprios dessa organização. Com a mudança das mentes e da tolerância com os costumes, a sabedoria dos poetas teólogos que então confirma a força dos auspícios divinos, isto é, do poder de ordenação e, portanto, de preservação da sociedade e da vida humana no mundo como advindos dos deuses, transforma a narrativa, aceitando a quebra em mil pedaços da lira de Orfeu, fundadora da Grécia (modo de comunicar e de modelar os significados das leis sociais), mantendo, ainda, as ordens heróicas sobre os plebeus que vislumbram a liberdade pela mudança de costumes, tais os matrimônios entre estrangeiros já presentes em Homero. Os caracteres, enfim, apontam o presente narrativo e as vozes anteriores dos povos inteiros com suas comuns propriedades significativas representativas das necessidades e dificuldades.

A autoria coletiva e histórica de Homero, analisada pelos princípios filosóficos, aponta para a essência das fábulas trabalhadas e mantidas nos caracteres poéticos que são a articulação comum dos significados. Esses inimitáveis representam a sabedoria oculta antiga inatingível para as mentes dotas, que tentam conferir algum significado aos mesmos sem atingir o cerne elucidativo da sua força criativa. Assim, as provas filosóficas adentram a filologia encontrando a comunidade no cerne cognitivo e epistemológico da humanidade e da autoria de Homero. Aqui se apresenta o direcionamento de um novo estatuto emancipatório para as humanidades. Os autores das nações gentílicas são elevados na SN44 enfrentando o rebaixamento culto e moderno das críticas metafísicas conferidas à memória e a todo arcabouço reconhecido como dela resultante.

3.5. Provas Filológicas para a Descoberta do Verdadeiro Homero

As antigas histórias bárbaras e profanas partem de princípios fabulosos, a saber, locuções poéticas. A linguagem composta pelas nações surge inicialmente como os caracteres divinos e heróicos, na decodificação primitiva do universo. Depois, através da fala vulgar, os caracteres são explicitados, confirmados e, posteriormente, expressos pela escrita vulgar. As línguas surgem com grande debilidade de engenho no comunicar-se e essa necessidade humana funda o pilar dos esforços humanos pela sua preservação, registrados nas locuções poéticas, nas imagens, semelhanças, metáforas.

Os universais fantásticos são anteriores aos universais filosóficos e constituem um gênero. As letras vulgares em quantidade reduzida concentravam os significados; tais os “gêneros para conformarem vozes inumeráveis diversamente articuladas, razão pela qual se fez a flor do engenho” (*Sn44*, § 460), precursora da agudeza das mentes capazes, então, de abstrações criadoras da filosofia formadora do engenho inteligível. A origem das letras está, necessariamente, vinculada à origem das línguas – tal a análise das realizações humanas encontra as respostas sobre o cerne criativo e originário na mente dos povos. A aspereza das línguas primeiras é a mesma aspereza das mentes inaptas para todo e qualquer grande trabalho. O canto primeiro é a resposta para as dificuldades da primeira expressão vocal, bem como a moral do povo determina os valores e hábitos ensinados e mantidos na comunidade, bem como os hieróglifos da história egípcia antiga demonstram e registram sua teologia natural, seus caracteres e organizações. Cada transformação externa resulta, naturalmente, de uma transformação interna. Toda ordenação da fundação das nações gentílicas advém dos versos, o que torna os primeiros povos poetas, e dos versos as leis e as origens das línguas e letras. As fábulas possuem sentidos históricos, fechados à mente moderna, mas restituídos pelos sentidos místicos, considerados pela aproximação da fantasia e pela consideração da filologia para a instauração do novo método viquiano.

Em Homero, a estrutura da Grécia antiga torna-se objeto de possível conhecimento, elucidando os caminhos do desenvolvimento das estruturas ocidentais no pensamento e na fundação das instituições e das leis. A estrutura de determinada comunidade e sociedade elege valores e hábitos encontrados na narrativa e nos detalhes dos seus relevos. Como em passagem na *Odisséia* em que a boa narração de uma história é conferida ao rapsodo que, com

canto e música, tal um homem vulgar conservou a inspiração das musas, em outras palavras, conservou “na memória os livros dos poemas homéricos” (*Sn44*, § 849). E desses os registros em escrita vulgar não se confirmam, porém, ao contrário, a força fundante dos rapsodos na manutenção das leis e das ordens como vivificadores dos caracteres, como mantenedores dos significados, das razões humanas (frente a si e à vida), são permanentes na vida da *pólis*. Os livros dos poemas cantados por diversos rapsodos representam o movimento do aperfeiçoamento humano, que para tal dialoga com os diversos olhares e vozes – nas diferentes apresentações, cada poeta apresenta por uma perspectiva, num determinado local e tempo – recebe as influências e continua o percurso, elaborando internamente o toque do real, expressando os resultados concomitantemente à permanência no caminho. Tal Homero é o catalisador da reunião de diversos núcleos significativos, de caracteres, remendando, agrupando e, assim, criando as fábulas.

Através da observação das diferenças de estilos entre a *Odisséia* e a *Ilíada*, a autoria de Homero se confirma pelas nações dos povos, bem como a atuação dos rapsodos cantadores dos poemas em parte e de cor. A escrita vulgar reúne os diversos cantos fundadores daquelas nações. Bem como Homero agrega Hesíodo, que é anterior e que apresenta todas as fábulas dos deuses. Sua pátria é desconhecida e constatada pela diversidade de dialetos presentes na obra, bem como o é a idade. As diversas opiniões sobre sua pátria determinam variação de 400 anos e apenas tem-se a diferença dos estilos que observa características próprias dos jovens (cólera e orgulho de Aquiles) na *Ilíada* e dos maduros (astúcia e cautela de Ulisses) na *Odisséia*.

Para Vico, frente extensa reflexão sobre as provas filológicas para a descoberta do verdadeiro Homero, vale ressaltar que nas narrativas homéricas existe o apontamento para a cegueira dos poetas, característica essa potencializadora da memória; e finaliza com a lembrança das mesmas narrativas, nas quais Homero, além de cego, “foi pobre e andou por mercados da Grécia cantando os seus próprios poemas”, confirmando o originário cerne social da fundação da nação, que se afirma na direção emancipatória de uma epistemologia da qual participam todos os agentes da comunidade.

A lei versada capaz de agrupar, com coesão entre a diversidade, a comunidade – por significar a existência, é criada e lançada em forma de mito que trafega entre a comunidade para depois emergir num outro tempo na forma de novas falas – e como parte dos fios da malha tecida, isto é, como vozes presentes no interior da nova fala – apresentando o

mantenedor do humano encarnado na fala, na idéia e na prática, concomitantemente. Assim, sucessivamente, a consistência das criações humanas manifesta em cada tempo e espaço o seu trabalho e a sua função de garantir a permanência da vida do homem no mundo – e sua elucidação (sobre a consistência das criações) está na medida em que a fonte originária é tocada – ao máximo permitido pela cognição abstrata – reanimando, a cada aproximação, o poder criativo do homem. O racional ao rememorar do social permite que o universo o golpeie primeiramente, antes de qualquer reflexão, ampliando o seu horizonte para o encantamento frente à possibilidade de emancipação de si mesmo.

Supostamente Homero não existiu, bem como os fatos narrados por sua autoria. Os vestígios das questões investigadas são os próprios poemas e, frente ao problema, afirma Vico a possibilidade de Homero ter sido um poeta de idéia e não um poeta de especial natureza. Os poemas, no entanto, chegam até a modernidade com seu caráter, elementos, qualidade e força. Com isso, as dificuldades para a suposição da existência de tal autor pode ser considerada, com base em todas as reflexões e provas apresentadas por Vico ao longo da CN que constitui Homero de uma idéia, um caractere poético heróico dos gregos antigos criado no decorrer das suas narrativas e cânticos. Homero é, portanto, o resultado da experiência vital dos poetas anteriores e do seu tempo que formaram tal caractere pela ação das palavras, ofício e criação social de si mesmo.

As contradições e incertezas de Homero acompanham a contenda dos povos gregos pela cidadania do poeta, demonstrando que o mesmo Homero é o próprio povo; pois que se reconhecem na obra da mesma forma como são os fundadores e conhecedores dos alicerces da *Paidéia* ali inscrita. Assim, os poemas e o poeta constituem-se da comunidade ativa. Através da metodologia viquiana propositiva de nova epistemologia, a idade de Homero também é analisada detectando nos fatos narrados um espaço de tempo em torno de 460 anos, confirmando que “tal Homero viveu pelas bocas e na memória desses povos gregos da guerra troiana até os tempos de Numa, que fazem o espaço de 460 anos” (*Sn44*, § 876). A vida é materializada na ação e, assim, a primeira ação humana no mundo – a palavra divina Júpiter – circula permanentemente no cerne da cognição sempre estruturada e mantida pelos mesmos movimentos de ação, significação, linguagem e comunicação. A memória modela o ser que se faz humano pela voz ativa do social.

A composição das histórias realizada pelo povo, narrada pelos rapsodos cegos e pobres, sustentava a vida desses *Homeros* por meio das apresentações dos cânticos, demonstrando a

força da memória na manutenção dos alicerces sociais; e, concomitantemente, a autoria popular permanece, aqui, inscrita na inclusão mesmo dos cegos poetas no interior desse povo, do qual ele se apresenta enquanto partícipe, educador e orador. O ofício de cantar os versos sustenta a vida do poeta e sustenta a vida comum no cuidado da manutenção dos princípios agregadores de tal comunidade através do ofício dos rapsodos.

A Grécia jovem, portanto, é a autora da *Ilíada*, repleta de costumes estabelecidos pelas fortes paixões. Assim, tais o orgulho, a cólera, a apreciação da crueldade, da atrocidade e da vingança criam o caractere do herói Aquiles exaltado pela força, contando a guerra troiana. A *Odisséia*, por sua vez, resulta de uma Grécia mais velha de ânimos levemente apaziguados pela reflexão, destacando o fundador Ulisses, herói da sabedoria advinda da prudência, da articulação, da esperteza. A distância histórica entre a *Ilíada* e a *Odisséia* é evidente com base no tempo necessário para as transformações dos costumes e os fatos relatados; e todas as contradições examinadas pela metodologia viquiana resultam em fundamentos para o encontro da definição de Homero dentro dos povos, inserido na multidão grega, reordenando as interpretações modernas sobre os poemas apontados (no conteúdo e na forma literária) como vis, bárbaros, cruéis, grosseiros, errados, rudes.

O povo fundador confere ao ato da fundação e ao resultado da ação suas características específicas pela sabedoria do fingimento; em outras palavras, através das fortes paixões, Homero se estabelece enquanto caractere poético e também como o responsável pela manutenção e modelação da memória e dos outros caracteres. A boa fábula apresenta sua veracidade pela credulidade necessária, sendo as descrições fantásticas e brutais apenas reflexos da mente atordoada frente suas criações que se tornam imagem modelada, matéria para imaginação e estrutura real da organização social – articulando as diversas falas nos caracteres poéticos. Cada sentença heróica demonstra a incomparável arte poética homérica: “naquelas suas cruéis e atrozés descrições de batalhas e de mortos” (*Sn44*, § 894). Prossegue Vico:

naquela sua locução cheia de evidência e esplendor. As quais foram todas propriedades da idade heróica dos gregos, na qual e pela qual foi Homero incomparável poeta; pois que na idade da vigorosa memória, da robusta fantasia e do sublime engenho ele não foi absolutamente filósofo. (*Sn44*, § 896).

Assim, a grandiosidade de Homero está também no tempo inserido nos poemas, do qual é ele fruto. Vico destaca mais três elogios conferidos pelo estatuto de imortal ao poeta, a saber, o de ser o ordenador e fundador da civilização grega e, portanto, da sua política; o reconhecimento da autoridade de primeiro poeta; e o de constituir a fonte originária de todas as filosofias gregas. A Sabedoria Poética é dedicada à demonstração da fundamentação das afirmativas acima, agrupando num eixo de desenvolvimento humano a construção, o aparecimento da civilização, a criação da ordenação social e o aprimoramento cognitivo – com todas as expressões e estruturas da *Paidéia*, sobretudo as culturais e artísticas, construindo, assim, uma proposta de esclarecimento acerca da junção entre a estética e a ética no desenvolvimento e na expressão do pensamento grego primitivo.

A genialidade dos mitos e dos poemas está na inscrição na memória da criação, fundação e significação da humanidade e da civilização primitiva. A força educativa dos poemas homéricos reside na profundidade do ser humano, que produz os poemas pelo alcance da cognição criativa. A mesma profundidade apresenta-se no *ethos* vivido e ativo capaz de modelar um ideal para o mesmo humano iniciador de todo o processo. A poesia de Homero oferece aos outros tempos e nações posteriores uma pequena inscrição representativa de um momento vivenciado e a memória é modelada, enfim, pela escolha dos elementos que signifiquem o melhor da experiência e o ideal modelado.

As fábulas concretizam-se enquanto o material para as posteriores reflexões dos filósofos, bem como na realização do movimento interno e constante das mentes que se aprimoram até o alcance de determinada capacidade. Vico, então, elucida tal questão – “essa sabedoria poética, com as suas fábulas, deu ocasião aos filósofos para meditar suas altíssimas verdades, e deu, outrossim, às comunidades de explicá-las, conforme [...] todo o livro segundo”. (*Sn44*, § 901). As inconveniências do que se considerava nos poemas são, pois, invertidas pela metodologia presente na *Ciência nova*, resignificou os fazeres humanos a partir da reconsideração dos aspectos primordiais da constituição do humano e da sua comunidade. Do social principia não somente a palavra – ela não é elemento solto, mas o vínculo entre os indivíduos, a articulação viva entre os humanos e entre esses e o real – o social é o ponto vivificador das falas de palavras articuladas e não articuladas, bem como de todo o arcabouço cognitivo, epistemológico e ordenador do mundo civil e do seu criador.

Ao considerar Homero como o primeiro historiador da gentildade, Vico reconhece a riqueza guardada pela obra quanto ao registro dos costumes da Grécia antiga. A ordenação política evoca, necessariamente, a educação dos futuros cidadãos que se baseia na estruturação da linguagem responsável pela preservação das leis. A habilidade com a linguagem determina, segundo a reflexão daquele que se apresenta como o mais apto aos jogos lingüísticos da retórica e da política, as diretrizes da comunidade. As transformações na vida do grupo, na sistematização do pensamento e das regras do hábito são as cicatrizes dos passos humanos no mundo, isto é, dos seus feitos, presentes nos versos e nos caracteres poéticos.

Homero, “fantasiado” pelos doutos como um homem particular que espontaneamente escreveu os seus poemas (*Sn44*, § 904), assim desqualifica o verdadeiro significado e valor – posto que a história do direito natural se faz presente nas cicatrizes deixadas pela produção social – os poemas contadores da vida comum. A beleza qualificadora da sabedoria e da sublimidade do poeta está no entrelaçar da comunidade que, ao se realizar, compõe os caracteres pelos mesmos meios que se compõe humana – garantindo para as gerações futuras a herança acerca da sabedoria e das conquistas, a saber, a originária força criativa social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos possíveis significados da narrativa

O elemento surpreendente das narrativas orais antigas fundamenta-se numa caracterização artesã, responsável pela elaboração e manutenção da sociabilidade apontada pelo filósofo aqui em questão, como o aspecto primordial e permanente do gênero humano. As econômicas foram possibilitadas pelo aprimoramento cognitivo do Homem sobrevivente dos primórdios, capaz, posteriormente, das novas elaborações, sempre, no entanto, sustentadas pela força criativa capaz de redimensionar suas respostas científicas e de reagrupar os cálculos em novas metodologias com o propósito de aprimorar seus constructos. Nesse sentido, a apropriação viquiana da narrativa oral antiga, principalmente Homero, emerge das ruínas da memória moderna, denunciando o vazio que se apoderava das estruturas narrativas e epistemológicas baseadas, exclusivamente, no positivismo e no iluminismo. Os poderes configuram-se pela força da informação que desconsidera o significado e a significância da história e da memória, estruturando um espaço de comunicação, sociabilidade e de configuração do próprio homem, isto é, da humanidade, desapropriado de uma reflexão democrática e atenciosa às potencialidades humanas a respeito do caráter dos aspectos imprescindíveis aqui mencionados.

A construção da narrativa oral possui um caráter artesanal e representa uma maneira específica de abordagem daquele homem frente sua realidade e suas potencialidades. O espaço da *comuna*, a saber, o comum espaço destinado às apresentações dos rapsodos é não somente o espaço para a apresentação, mas um esboço das estruturas cognitivas que modelam e são modeladas pela urgência máxima de comunicação, compreensão, apreensão dos signos e significados partilhados. Toda a *Paidéia* grega demonstra como a estrutura de determinada educação, mesmo que demasiadamente aristocrática, expressa, fundamentalmente, uma maneira de compreender, apreender, comunicar e atuar sobre o universo do grupo constituído. As formas das narrativas são cicatrizes do trajeto cognitivo do homem, são sinais pelos quais podemos resgatar as forças criativas e remodelá-las pelo viés da memória e pela realização do compromisso fundante da espécie humana – a manutenção da sociabilidade por meio da partilha de significados expandidos pela interpretação imaginativa capaz de elucidar alguns

detalhes desse percurso quase que completamente ausentes nas elaborações douradas e na manutenção de valores primordiais na organização social contemporânea.

A estrutura da narrativa oral possui um ritmo capaz de fixar a história na memória. No entanto, a permanência na memória dos ouvintes é adquirida no reconhecimento de algo novo na narrativa, mas com o qual se identificam, legitimando, assim, o verdadeiro dos fatos. A memória se constitui desde os primórdios coletivamente e, sucessivamente, também as suas criações. A epopéia é considerada como intermediária entre o mito, a história e a ficção – pois cada forma de narrar consiste numa metodologia alcançada e aprimorada com o tempo. A expansão significativa de toda a narrativa é possível pela reflexão e imaginação. A linguagem e a forma da epopéia permaneceram na categoria dos clássicos pela universalidade dos valores e significados ali encontrados – a metodologia de elaboração artesanal do próprio Homem revela-se aí. A universalidade do espanto frente à morte e o desejo incontrolável de vencê-la. A leitura dos significados da vida, presentes na linguagem muda, do quê toma o Homem de primeiro golpe e que orientou a criação coletiva dos poemas homéricos, permanece entre as ruínas da memória contemporânea, conferindo ao analfabeto o seu valor humano por meio das suas potencialidades e criações científicas, filosóficas e artísticas. Os significados do real que permeiam as narrativas e as inquietações humanas são modelados no real por aqueles que o constituem. A universalidade do espanto frente à morte norteadora do percurso do pensamento humano no mundo e das narrativas orais e escritas persiste como o cerne do horizonte amplo, tal quais as potencialidades humanas desconhecidas. A emancipação não está na parcela conhecida e dominada do universo, mas, sim, no desconhecido e no incomensurável; na porosidade encontrada no verdadeiro dos feitos, na porosidade das narrativas, das artes e culturas.

A narrativa é um horizonte no qual as possibilidades de interpretação, de leitura do real, possuem espaço fecundo capaz de ampliar as possibilidades para o aprimoramento das potencialidades humanas – suas criações e intervenções. A elucidação dos significados nesse percurso encontra a fértil ferramenta da diversidade – que se afirma por meio de regras, a saber, mantém-se viva pelo labor da memória e da história. Segundo Walter Benjamin, na obra *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na cidade - é ela própria, num

certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. *Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. [...]. “Assim, seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata.”*¹⁹

Humberto Guido encontrando o cerne da poesia viquiana em *Humanidades* ousa:

A literatura surgiu desempenhando função social, o cultivo da obra literária na sociedade antiga estava ligado ao teatro, que dramatizava o cotidiano. O texto literário superava a particularidade e vulgaridade do imediato para ser admirável graças ao uso das máscaras, que deixavam de fora do espetáculo a individualidade dos atores e os libertavam para encenarem as vidas das suas personagens que eram inspiradas em pessoas reais. A máscara, por sua, poderia estar encobrindo a identidade de alguém da platéia, cuja vida era motivo de comoção ou de deboche da comunidade. Atuando, o ator utilizava-se de uma segunda máscara, além daquela primeira que lhe cobria e protegia o rosto, o texto literário é a segunda máscara que dá novas feições para algo que é conhecido de todos. Esta segunda máscara tira e encobre o perfil mundano do cotidiano para no seu lugar destacar a sublimidade da vida humana. A vida é arte. (2004, p.138)

E ainda,

Esta é a grandiosidade da literatura; quando ela se propõe a ser arte, extrapola a estreiteza do gosto estético e atinge a universalidade do sentimento humano, contribuindo para as ciências humanas serem mais lúcidas na perseguição de seus propósitos e objetivos. (2004, p. 146)

¹⁹ Grifos meus.

O desenvolvimento das narrativas, suas diferenciações e contribuições utilizam o mesmo caminho que toda a epistemologia moderna e contemporânea: a memória; essa é desperta pela força do espanto que permanece a contra gosto dos novos costumes criados pela burguesia, de saneamento e estabelecimento do espaço privado em que a morte assumia seu lugar no espetáculo da vida, deixando o espaço público para outras desditas da nova sociedade. O tempo que permanece na memória é a criação tanto da subjetividade refinada, quanto dos ferinos medos persistentes capazes de resgatar as peculiaridades da primeira, abrindo espaço para novos cantos e poemas. O tempo humano é permanente e perene. Nossa perenidade é o requinte das criações. Ainda W. Benjamim:

A memória é a mais épica de todas as faculdades. Somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e resignar-se, por outro lado, com o desaparecimento dessas coisas, com o poder - da morte. [...] Mnemosyne, a deusa da reminiscência, era para os gregos a musa da poesia épica. Esse nome chama a atenção para uma decisiva guinada histórica. Se o registro escrito do que foi transmitido pela reminiscência - a historiografia - representa uma zona de indiferenciação criadora com relação às várias formas épicas (como a grande prosa representa uma zona de indiferenciação criadora com relação às diversas formas métricas), sua forma mais antiga, a epopéia propriamente dita, contém em si, por uma espécie de indiferenciação, a narrativa e o romance. Quando no decorrer dos séculos o romance começou a emergir do seio da epopéia, ficou evidente que nele a musa épica - a reminiscência - aparecia sob outra forma que na narrativa. [...] A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo.

A autoridade das narrativas em seus diversos estilos é a mesma que legitima as outras áreas do conhecimento: a memória. A musa catalisa a lembrança do que foi esquecido; ela é a responsável pelo golpe do espanto frente à morte – elemento repugnante que agrupou indivíduos em comunas e que marca a reclusão do poder em espaços privados e, no entanto, emerge tal a cor do sangue distinto apenas nos nomes. O desejo de configurar cicatrizes na memória do mundo e do tempo estampa os pensamentos de todos no diálogo com a autoridade da morte. Ela agrega e potencializa a necessidade e o poder da fala. Ela agrega a necessidade e o poder do receptor, da rede de comunicação, da elaboração de significados que

superem a cisão entre os signos e o real. A autoridade das narrativas, enfim, abarca o universo subjetivo com a ousadia da reflexão, e os detalhes inquietantes do universo constituído pelo real e pela criação humana ganham formas e estilos, sobrevivem além dos sentimentos e dos pensamentos mudos, criando novos espaços para a reflexão por meio do objeto narrativo.

A tarefa humana se realiza segundo a constatação das limitações que oferecem a possibilidade de ampliação dos significados dados ao mundo e responsáveis pelo movimento dialético do aperfeiçoamento moral e epistemológico. Ao desvendar as mentes primitivas, Vico desvenda os primórdios da sociabilidade e resgata aspectos que norteiam a permanência da vida humana. O verossímil que ordena a cognição e que permite, através da forte imaginação e exercício do engenho, o aperfeiçoamento do caráter humano do homem é responsável pela sociabilização do mesmo, enfim, é o que permite a criação do mundo social-cultural. O abandono do verossímil é o abandono do que torna o homem um ser social e do que possibilita a atualização e a preservação da sua própria natureza.

As narrativas em suas diversas formas é um passo mantenedor dos movimentos humanos capazes de significar a vida. Cria espaços nos quais o humano é resgatado não por meio de um conhecimento exaustivo e hermético, mas através da leitura ampla, democrática e artesanal do real; linguagem que se constitui com o Tempo na matéria bruta do imaginário do Homem real e do Real. Reflexão permanente construída pela porosidade presente na amplitude da linguagem e vivificadora da memória.

A retórica resgatada metodologicamente no estatuto epistemológico da Ciência Nova por Giambattista Vico como parte do arcabouço de uma nova educação para a humanidade, isto é, com o intuito de aprimoramento das potencialidades humanas, apresenta-se como comprometida com a verdade na medida em que se volta para o verdadeiro dos feitos, para a origem das necessidades e vozes inauditas numa estrutura social na qual o poder de um método positivista ainda está em vigor contemporaneamente, na qualificação das regras determinantes para a produção de todo e qualquer saber. O homem pode ser condenado à recorrência da barbárie na medida em que não absorve e não se direciona também pelas parcelas não doutas, mas possui a possibilidade de superá-la enquanto participe da rede de comunicação e de produção mantenedoras do agrupamento responsável pela preservação da vida. O comprometimento da retórica, isto é, daquele que a formula e apresenta e, assim, determina sua estrutura, define o que acarretará ao homem envolvido segundo as leis e regras já estabelecidas de acordo com a mesma ordem. O caráter artesanal da criação das fábulas

adverte sobre a importância da readmissão da diversidade das línguas como parte fundamental do entendimento da dimensão humana no mundo – e a retórica, enquanto método educativo, apresenta a diversidade como parte do método pela necessidade de entendimento da fundamentação da diferença nas expressões da natureza universal do humano. A unidade pode ser modelada pelo entendimento, segundo o compromisso com a natureza investigada (humana), a partir das diferentes línguas que apresentam unidades na forma de condução dos argumentos e de suas concentrações significativas na forma de mitos. Apresenta por meio da constatação da criação de fábulas e narrativas nas diversas línguas – permanente ao longo dos tempos – a comunicação como uma necessidade imanente do ser; mais que um produto desvinculado do que confere ao homem e ao seu mundo significados²⁰, a comunicação é o próprio cerne significativo do humano.

Para a realização da proposta de educação para a humanidade, as cisões contemporâneas entre os signos, significados e objetos significantes precisam de nova abordagem para que o direcionamento do olhar não douto incluído no entendimento e definição epistemológica contribua no processo contínuo de saída da barbárie. A originalidade da linguagem representativa enfrenta os limites da linguagem altamente abstrata e pode ser revitalizada – bem como as configurações do homem e da sua sociedade, por meio da comunicação. O que dizem as histórias ainda vivas mantidas pela oralidade no interior de países como o Brasil? As novas expressões artísticas originadas na periferia mantidas com ritmo e palavras quase concretas intensificadas por gestos, tal como o funk? Diante a violência das grandes diferenças de oportunidades, direitos de fato, legitimidade conferida pelas autoridades das reivindicações das parcelas desfavorecidas economicamente, o que modela o significado de palavras e regras tais como liberdade, justiça, igualdade, democracia? O que mantém a ordenação social e comunicativa e, sobretudo, o que mantém a continuidade da vida e das criações humanas em busca de aperfeiçoamento constantes apesar da barbárie ainda presente contemporaneamente? Qual elemento capaz de unificar os significados – não ordenados pela racionalidade douta, mas pelas experiências vividas cotidianamente? Em que espaço há o desencontro dos significados dados – na realidade vivida diferentemente e não partilhada entre o vulgo e os doutos?

²⁰ Significado no sentido de desdobramento do conhecimento acerca do existente, bem como no sentido de concentrar o poder que agrega e mantém a vida na direção da possível satisfação das necessidades e da utilização plena das potencialidades criativas.

O cuidado na escolha do elemento que será potencializado no meio acadêmico é de fundamental importância, como demonstra Giambattista Vico na ousada proposta de resgate e valorização da memória. O trabalho aqui apresentado, portanto, resume-se no exercício por compreender melhor os rastros do constructo humano no permanente compromisso com a memória capaz, quiçá, de redimensionar o melhor que significamos não ainda em palavras, leis, ciências e ordenações, mas que expressamos com sublimidade pelo suor que advém de toda realização-expressão. E toda expressão é a nervura da constituição do que define o homem – a tecitura porosa do permanente constructo social-humano; mas, sobretudo, poroso, contínuo, iluminado porque obscuro e, então, frente ao possível aniquilamento do bárbaro isolamento, emancipador.

BIBLIOGRAFIA

1. Obras de Giambattista Vico

VICO, G. *A Ciência Nova* Tradução de Marco Lucchesi. São Paulo, Record, 1999.

_____. *Le orazioni inaugurali. (Or. I..VI)* Organizado por Gian Galeazzo Visconti. Editado pelo Centro di Studi Vichiani. Bolonha: Il Mulino, 1982.

_____. De mente heróica. (*De mente*). In: _____. *Varia: Il de mente heroica e gli scritti latini minori*. Organizado por Gian Galeazzo Visconti. Editado pelo Centro di Studi Vichiani. Nápoles: Alfredo Guida Editore, 1996.

_____. Il metodo degli studi del tempo nostro (*De Rat.*). Tradução do latim para o italiano por Fausto Nicolini. In: *Opere*. Editada por Fausto Nicolini. Milão/Nápoles: Riccardo Ricciardi, 1953. P. 169-242.

_____. Dell' antichissima sapienza itatica (*De Ant.*). Tradução do latim para o italiano por Fausto Nicolini. In: *Opere*. Editada por Fausto Nicolini. Milão/Nápoles: Riccardo Ricciardi, 1953. P. 243-364.

_____. Sinopsi del diritto universale. (*Sin.*) In: *Opere giuridiche*. Editada por Paolo Cristofolini. Florença: Sansoni, 1974. P. 3-16.

_____. *Opere giuridiche (DU)*. Tradução do latim para o italiano de Fausto Nicolini. Editada por Paolo Cristofolini. Florença: Sansoni, 1974.

_____. *Autobiografia (Vita)*. Prefácio e notas de Mario Fubini. Turim: Giulio Einaudi Editore, 1965

____. Carteggio (*Epist.*). In: __*Opere*. Organizada por Fausto Nicolini. Milão/Nápoles: Riccardo Ricciardi, 1953.

____. Princìpi di scienza nuova intorno alla natura delle nazioni per la quale si ritruovano i princìpi di altro sistema del diritto naturale delle genti (*Sn25*). In: *Opere filosofiche*. Editada por Paolo Cristofolini. Florença: Sansoni, 1971. **p.169-338.**

2. Bibliografia Complementar

ARENDT, H. *A condição humana*. 4. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndice de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda. F. C. S. H. da Universidade Nova de Lisboa, 1986.

BACON, F. *Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. Tradução de José Aluysio Reis Andrade. In: _____. *Bacon*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. P. 11-231. Coleção “Os Pensadores”.

BARTHES, R. *Sade, Fourier, Loyola*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In__: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221

BIGNOTTO, Newton. (1992) “O Círculo e a linha”. In__: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo, Companhia das Letras. Pp.177-190.

BOSI, Alfredo. *O Ser e Tempo da Poesia*. 6.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Dialética da Colonização*. 4ª ed., São Paulo, Companhia da Letras, 2005.

DESCARTES, René. *Meditações sobre Filosofia Primeira*. Tradução: Fausto Castilho. Ed. Bilíngüe em latim e português – Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2004.

_____. Discurso do método; para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências. Tradução de Jacó Guinsburg e Bento Prado Júnior. In: _____. *Descartes*. Volume I. São Paulo: Nova Cultural, 1987. P. 25-71. Coleção “Os Pensadores”.

FOUCUALT, M. *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “O rastro e a cicatriz: Metáforas da Memória”. In__ *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006. pp. 107-118.

GINZBURG, C. *O queijo e os vermes; o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUIDO, Humberto. Vico e l’emancipazione delle belle arti: l’arte come creazione Ed espressione della mente umana. In: HILDALGO-SERNA, E.; MARASSI, M.; SEVILLA, J. M.; VILLALOBOS, J. *Pensar para El nuevo siglo: Giambattista Vico y la cultura europea*. Volume 1. Nápoles: La Città Del Sole, 2002. p. 175-188.

_____. *Giambattista Vico: A filosofia e a educação da humanidade*. Petrópolis, Editora Vozes, 2004.

_____. Literatura. In:__. *Humanidades*. Organizada por Paulo Ghiraldelli e Ronie A. T. da Silveira. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p.135-162.

_____. O Tempo e a História como elaboração da Memória. In:____. *Tempo e História no pensamento ocidental*. Organizada por Humberto Guido e Luiz Felipe N. de A. e S. Sahn. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006a. p. 37-52.

_____. Vico. In:__. *História e providência: Bossuet, Vico e Rousseau – Textos e Estudos*. Tradução e comentários: Edmilson Menezes, Humberto Aparecido de Oliveira Guido e Maria das Graças de Souza. Ilhéus – Bahia: Editora da UESC, 2006b. p. 79-142.

GUEROULT, M. Vico: le reversement du refus cartésien en Italie. Prélude a une philosophie de l'histoire des idées. In: *Histoire de l'histoire de la philosophie*. Paris: Aubier Montaigne, 1984. p. 225-234.

HABERMAS, J. *O discurso filosófico da Modernidade*. Tradução de Luiz Sérgio Repa. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

HADOT, Pierre. *O que é Filosofia Antiga?* Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Editora Três, 1974.

HOMERO. *Iliada*. Tradução de Carlo Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Editora Três, 1974.

JAEGER, Werner. *Paidéia – A Formação do Homem Grego*. Tradução de Artur M. Parreira. Ed. 4, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

MICHELET, J. Discours sur le système et la vie de Vico. In VICO, J-B. *Principes de la philosophie de l'histoire*. Tradução e introdução de J. Michelet. Paris: Armad Colin, 1963.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Leonel Vallandro. São Paulo: Editora Globo, 1964.

SCHOLES, Robert, KELLOGG, Robert. Tradução de Gert Meyer. “O legado oral na narrativa escrita”. In__ *A Natureza da Narrativa*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977. pp.11-56.

VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. Ed. 4, São Paulo: Editora DIFEL, 1984.

VERNANT, Jean-Pierre e VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. Tradução de Anna Lia A. de Almeida Prado, M^a da Conceição M. Cavalcante e Filomena Y. H. Garcia. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *O mundo de Homero*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

WARREN, Austin, WELLEK, René. *Teoria da literatura*. 3^a ed., Nova Iorque, Publicações Europa-América Ltd^a, 1976.